

12)





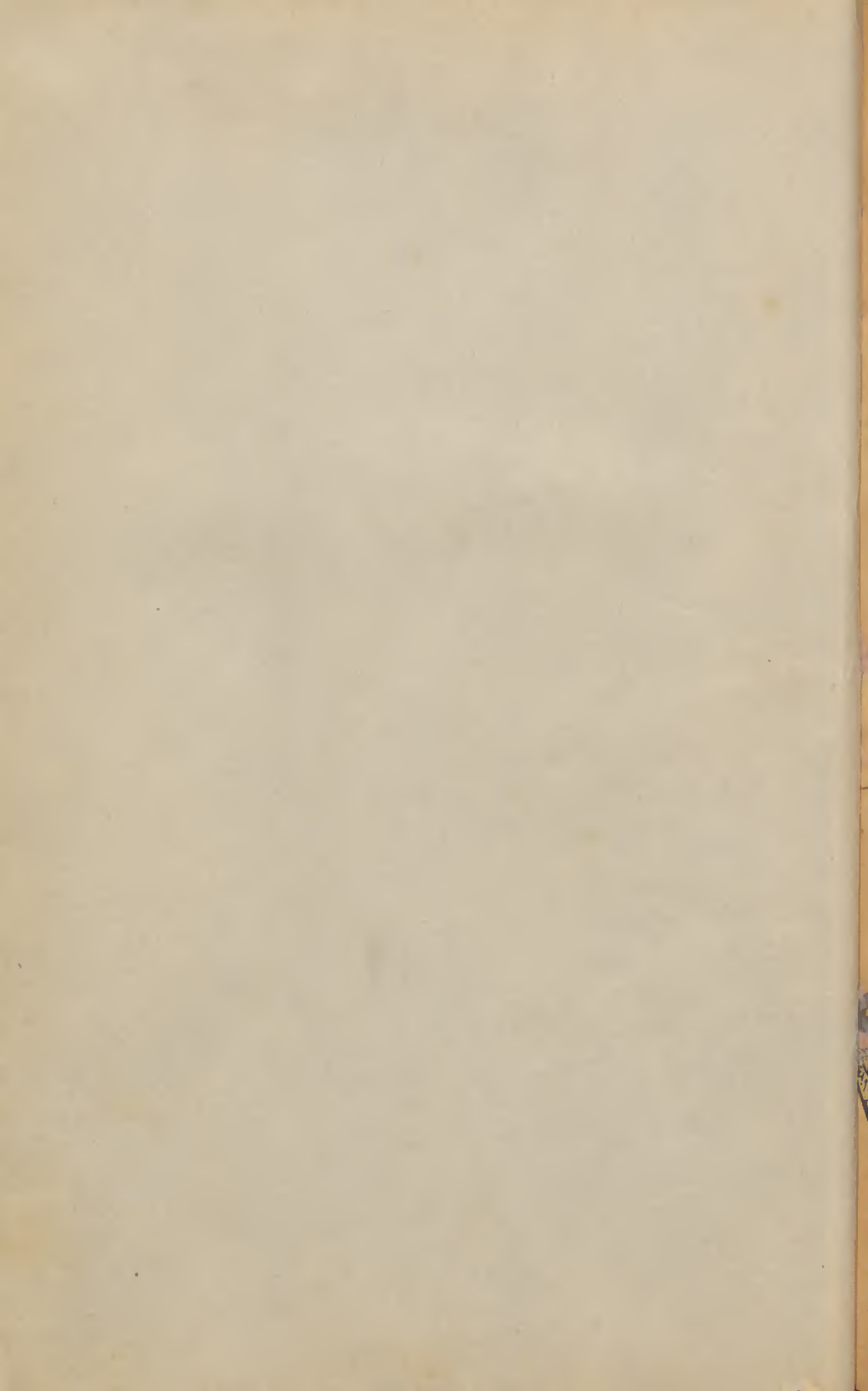
7.500/94



BARCELONOS

ESTABLISHED

1845



J. MANCELOS

A. SOUCASAUX



RESENHA

HISTÓRICA-PITORESCA-ARTÍSTICA

EDIÇÃO E IMPRESSÃO DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO

BARCELOS

RESENHA

HISTÓRICA · PITORESCA · ARTÍSTICA

J. MANCELOS SAMPAIO

AUGUSTO SOUCASAUX

BARCELOS

RESENHA
HISTÓRICA-PITORESCA-ARTÍSTICA



Barcelos
Perm.

1927

—
Edição e Impressão
da
Companhia Editora do Minho
BARCELOS

BARCELONA

REVISTA
HISTÓRICA ETNOGRÁFICA

55855

PAISAGEM DO CÁVADO NOS ARREDORES DE BARCELOS

JUNTO AO SOBREIRO DA QUINTA DA ORDEM DE MALTA

Detem-te aqui um pouco, leitor amigo, junto desse sobreiro, tão ornamental, resto dama antiga flóra, que a invasão bárbara do pinheiro bravo quási extinguiu, e estende, em perspectiva, a vista sôbre o fantástico cenário oferecido pela Natureza, que a massa movediça do rio anima, para em seguida virares folha e assenhoreares-te da história da «Dona do Cávado» traçada furtiva e elegantemente pela pena adestrada de J. Mancelos, ilustrada pelos encantadores desenhos desse excelente artista que é José Vilaça e entremeada com as rápidas e pobres descrições que acompanham as gravuras, que por mim foram alinhavadas com tão nobres como desinteressados intuitos, em honra desta linda terra que me foi berço. /

20.6.27.

Augusto Soucasaux

Gravuras de M. Abreu.
Clichés de A. Soucasaux.

PAISAGEM DO CÁVADO NOS ARREDORES DE BARCELOS

JUNTO AO SOBREIRO DA QUINTA DA ORDEM DE MALTA

Detem-te aqui um pouco, leitor amigo, junto d'esse sobreiro, tão ornamental, tão pittoresco, tão antigo, que a invasão bárbara do pinheiro bravo d'assi extinguia, e estava, em perspectiva, a vista sobre o fantástico cenário oferecido pela Natureza, que a massa mopeada do rio animo, para em seguida virares folha e assechoreares-te da história da «Donna do Cávado» traçada luttiva e elegantemente pela pena adestrada de J. Manoel, ilustrada pelos enca-
ladores desenhos d'esse excelente artista que é José Vilça e entremada com as rãpidas e
pobres descrições que acompanham as gravuras, que por mim foram alinhavadas com tão
nobres como desinteressados intalios, em honra desta linda terra que me foi perdo.

20.0.27.

Augusto Lourenço

Gravuras de M. A. Brca.
Chêdes de A. Lourenço.



A

DONA DO CÁVADO

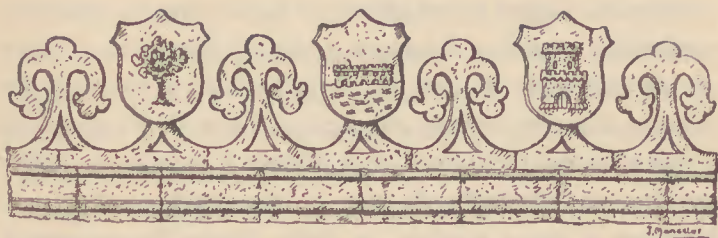
Escôrço Histórico

Nec flere, nec ridere, sed cognoscere

RESENHA modesta, sem demasia de citações ou disserto explanado, isto que vai lêr-se — dois traços — destina-se ao viajante, que não tem tempo a perder mas deseja conservar uma nota rememorativa do que viu.

Não cansemos os cansados escreveu alguém vincando os espíritos apressados, as vontades fatigadas, que hoje somos pela exaustiva vida moderna tão agitadamente vivida.

E assim este escôrço apenas será o protocolar indicador ao forasteiro das tradições da Dona do Cávado, jóia ridente do jardim minhoto, canteiro de maravilha da muito nobre Terra Portugalense esta = tira de sol entre dois azuis religiosos — céu e mar — = para todo o sempre abençoada.



Origem de Barcelos **E**SCREVEU o douto Herculano que = as doutrinas, as apreciações críticas, os sistemas, quási que envelhecem tão depressa como o homem, e o pensamento que há vinte anos parecia uma verdade nova, pode hoje ser apenas um problema não resolvido e até condenado êrro = (*Opúsculos*).

Justamente essa acertada lição se apropria ao estudo da origem de povoações muito antigas, cuja história se floriu de lendas, e Barcelos não faz excepção porque, nesse particular, no muito que se tem escrito não há duas opiniões conformes.

Todavia os progressos da etnologia, da antropologia e da glotologia permitem uma conjectura corrigindo a incerteza, sem o recurso de concluir que a origem de Barcelos *se perde na noite dos tempos!*

O professor Mendes Correia (*Os Povos Primitivos da Lusitânia*) reivindica para os portugueses o entronca-

mento nas remotas tribus primeiras habitadoras do território peninsular hispânico, refutando a tese de Herculano (*História de Portugal*) de que não seria fundado ir buscar a tão remotas datas as origens da raça. Já Leite de Vasconcelos assim pensava (*Religiões da Lusitânia*) entendendo haver exagêro na afirmação de que é impossível enraizar nos lusitanos a nossa história ou dêles descer lógicamente a esta, opinião também de Oliveira Martins (*História de Portugal*) e de Teófilo Braga (*Camões*). Não seremos portanto os descendentes de uma = mistura inextricável de homens de muitas e diversas origens = , como queria Herculano, porque se verificam afinidades entre os tipos físicos de então e os dominantes de hoje. O problema é interessantíssimo, de elevada erudição, e sobremaneira agradam as conclusões finais do ilustre professor na sua alevantada definição de *Pátria*. E' certo que ainda há muito de duvidoso na etnologia antiga portuguesa, sendo apenas na segunda fase da idade do ferro (sec. VI a. C.) que as relações entre os povos citados nos textos e os documentos arqueológicos vão adquirindo na Península alguma nitidez.

As tribus do território peninsular — de fundo cultural humilde e atrasado — viveriam mesmo muito isoladas e do estreitamento de relações entre elas foram iniciadores os cartagineses no século III a. C. completando a tarefa os romanos. O *modus vivendi* dos habitantes, ao tempo da influência cartaginesa e resultante da falta de paz e segurança que os textos acusam na Lusitânia pre-romana, seria o dos *castros* refugiando-se nossos aqui-avós nos montes e outeiros, encerrando as habitações rudimentares em

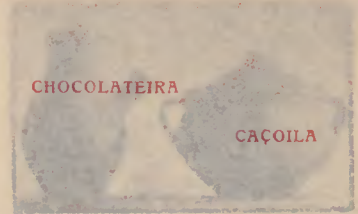
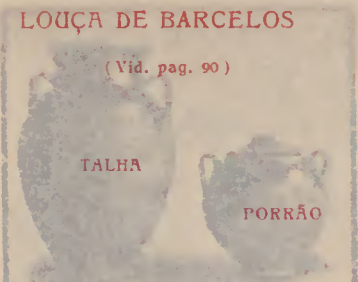
entrincheiramentos com seus fossos, muralhas ou atêrros, e em redor de Barcelos havia destas povoações fortificadas das quais restam vestígios claros como por exemplo no monte de Roriz, a uma légua escassa para o nascente. Ferrero (*Grandeur et décadence de Rome*) diz a Ibéria = virgem timorata que se refugiava nas suas montanhas selvagens. =

E' razoavel portanto a conjectura de que, quando os cartagineses invadiram a península — começando para esta as eras conhecidas (Oliveira Martins, *Taboas de Chronologia*) — ainda Barcelos não existia; quando muito encontraram, aproveitado pelos habitantes dos castros próximos no seu intercâmbio de vida, o morro sobranceiro ao Cávado como ponto de apoio para transposição de margem para margem e aperfeiçoaram essa escolha — civilizaram-na — estabelecendo uma *barca de passagem*, porque o étimo que hoje, em obediência às modernas regras glotológicas, parece mais seguro para a palavra Barcelos é *barc-éllus* no significado de pequena barca (Gomes Pereira, *Tradições populares de Barcelos*). Barca é termo fenício e os cartagineses originariamente fenícios eram.

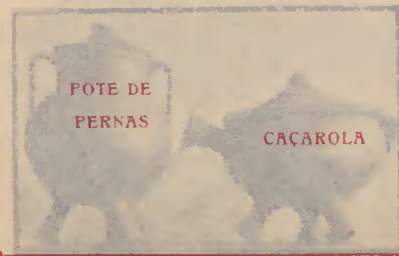
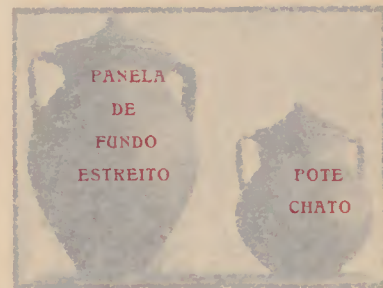
A *Ambrácia* grega do arcebispo D. Rodrigo da Cunha (*Hist. de Braga*), os povos *Barcinos* de Mendes da Silva (*Poblacion general d'Hespanha*), a *cidade episcopal* de Argaiz (*Poblacion ecles. d'Hespanha*), a *Barra celani* do Marquês de Montebelo (Notas ao Conde D. Pedro), os *celtas cilenos* de Vilas-boas Sampaio (*Nobiliarchia*) e as dúvidas do Padre Carvalho (*Chorographia*), de Amaral Ribeiro (*Noticia Descritiva*) e do abade de Louro (*Memória Histórica*) estão, a meu vêr, quási corrigidas pela

passagem da verdade por perto das páginas de José Augusto Vieira (*Minho Pittoresco*).

E aquelas doudas fantasias só nos prenderão a curiosidade de como a História era feita no tempo em que os historiadores — no dizer de Herculano — tinham por = seu desafôgo o povoar de patranhas as solidões do passado = .



Estas peças foram escolhidas, (auxiliados pelo Sr. José Terroso), com o máximo escrúpulo, procurando-se quanto possível os seus tipos inconfundíveis e que conservam a sua feição profundamente tradicional.



passagem de modo de por perto das páginas de José Au-
tores Viana / Alvaro

É apenas deitar a mão nos prendões a curio-
sidade de como é feita esta feita no tempo em que os
misticismos — os heróis de Herculano — tinham por seu
deus a guerra de palavras e os solúbios do passado —

BOBBTO

CRATO
FOLE

COLLA

CANTARO

ESTREITO

FABDO
DE
FANELA

CHOCOLATA

PICHEL FOGAREIRO

ASSADEIRA

E

TORRÃO

TALHA

LOÇA DE BARCELOS

(Vis. pag. 90)

CAÇAROLA

VINAGREIRA

MINGADEIRA

POTE DE

PERNAS

INFUSA

FRATOS



A civilização romana **D**EVENDO a origem e o nome à acção colonizadora dos cartagineses, só é porem verosímil que Barcelos se convertesse em verdadeiro núcleo povoado sob o domínio poderosamente expansivo do povo-rei. Seria o romano, subjugando as Espanhas, com as suas famosas legiões, e civilizando-as pela colonização da terra conquistada, quem transformou o inicial agrupamento de casario (?) dos embarcadouros da *Barc-ellus* numa autêntica povoação. E basta a proximidade de Braga, honrada por Tibério com a designação de *Augusta*, sede do jurídico *Conventus Bracaraugustanus* e com os seus habitantes inscritos na = tribu quirina = com foros de cidadãos romanos, para se conjecturar do progresso crescente da Barcelos dêsses tempos, sobretudo depois da instituição da *tetrarchia* em 292 e durante o domínio pacífico do império pela latinização total das Espanhas.

Alguma coisa há no entanto a acertar no exagêro com que se favorece a história barcelense de tal época; a isso nos obriga a *pia fraude* de se ter asseverado (P.^e Cardoso, *Agiologio Lusitano*) que num cipó romano, coetâneo do imperador Maximino o *Trácio* (235-237) e ainda hoje existente em Braga (*Museu D. Diogo de Sousa*), se alude a uma ponte romana em Barcelos o que absolutamente é falso, assim como oferece muita dúvida que aqui passasse (Meneses, *Ninharias*) uma pretendida via romana parcialmente por mar, quando o certo é que tal via *per loca maritima* seguia por povoações costeiras identificadas (Mons. Ferreira, *Memórias Archeológicas do Porto*) e não por Barcelos.

Os bárbaros e os árabes

Ao esfacelar-se o império romano os bárbaros, vindos directamente da Gália, transpuseram os Pirenéus em 409 estabelecendo-se em 411 os alanos (tártaros) na Luzitânia e Cartaginense, os vândalos e suevos (germânicos) na Galaecia e os silingos (ramo dos vândalos) na Baetica. Em 412 os visigodos (germânicos) evacuaram voluntariamente a Itália e receberam do imperador Honório a Gália Narbonense e a Espanha Tarraconense onde se fixaram em 414. Em 418-429 passaram os vândalos à África, os silingos foram destruídos, com a maior parte dos alanos, unindo-se os sobreviventes aos suevos que se mantiveram na Galiza.

14

À paz civilizada, e à ordem social romana, seguiu-se prolongado período de lutas e depredações constantes, ficando Barcelos incluída na área do reino suevo, ao qual depois de cristianizado (550-561) serviu Braga de côrte, conquistado em 584-585 pelos visigodos que por fim obtiveram a total unidade geográfica da Península em 624 com a ocupação do litoral mediterrâneo.

Em todo esse decurso de guerras é de crer que muito sofresse Barcelos e por certo não estaria refeita do retrocesso quando no século seguinte (710-711) começou a invasão árabe com suas temerosas assolações em algarradas destruidoras *a fundamentis* das cidades, vilas e povoados que resistiam, sendo em 716 avassalada toda a Galiza.

A
reconquista
—
O condado
portugalense

CINCO anos apenas após a conquista árabe, constituiu-se o núcleo de resistência aos muçulmanos nas Astúrias, sob o quási lendário Pelágio; começaram logo as bravas correrias em território inimigo, em luta ingente de séculos, que pouco a pouco com a criação dos reinos cristãos vai reconquistando as Espanhas.

Eternamente se repercutirá na História o eco das crueldades de parte a parte, e sempre serão lembradas as terríveis assolações do feroz *hágibe* El-Mançur ou Almançôr (976-1002) que levou a destruição até ao santuário de Compostela, caprichando em tudo incendiar e arrasar — *omne que terram depopulavit* —! (Monge de Silos, *Chronicon*).

Mas com a deslocação sucessiva para sul, do teatro do duelo entre cristãos e muçulmanos, é de crer que ao formar-se definitivamente o *Condado Portugalense* (1095-1097), do Minho ao Tejo, a favor de Henrique = o borguinhão = da linhagem real francesa e genro de Afonso VI de Leão — Castela (1072-1109), já grande parte do território e bastantes povoações tivessem renascido da ruína em que as algaradas árabes as transformariam. O esforço do bispo bracarense D. Pedro, o primeiro que se assentou na cadeira da diocese restaurada, em vinte e dois anos de porfiado trabalho (1071-1093) repovoou e protegeu o burgo que ressurgia em volta de Santa-Maria de Braga — um dos últimos a ser reconstruído na Galiza — (Alberto Feio, *Forais de Braga* in «A Época») e nessa época é de fixar o ressurgimento da vila de Barcelos — satélite de Braga —.

O foral
e as
inquirições

CONSTITUÍDA a nacionalidade, logo no seu começo encontramos Barcelos vila da corôa com o seu mais remoto pergaminho — o foral —, dado por Afonso Henriques (em ano incerto mas fixável entre 1140 e 1146 porque nêle já o bravo conquistador se intitula *dei gratia Port. Rex.* mas ainda não estava casado com Mafalda de Saboia, cujo nome se não lê no documento como era de uso na época (Gama Barros, *História da Administração Pública*). Em 1139-1140 se fixa ter Afonso Henriques tomado o título de rei e em 1146 o seu casamento (Benevides, *As Rainhas de Portugal*).

A Barcelos — *meam uillam de Barcelos* — dava o primeiro rei português *forum ut habeant honorem Bracare*, mas com paga de tributo à primeira residência senhorial do anterior conde de Portugal, isto é a Braga e a outras terras.

O foral de Barcelos — concelho portanto de senhorio real constituído nas Terras de Neiva, cujo *comes* (governador) o testemunhou — foi confirmado por D. Afonso 2.^o em Santarém em 1256 (a. D. 1218) sem alteração das prescrições originárias (*Portugaliae Monumenta - Leges et consuetudines*).

Do documento, incentivo de restauração e repovoamento, nada se apura da extensão do *alfoz* (termo) que então à vila pertenceria; mas porque tais diplomas eram em regra o reconhecimento de organização preexistente, de direitos anteriormente adquiridos e mantidos mesmo durante o domínio árabe e dos bárbaros, é de supor que Barcelos já fosse povoado de certa importância embora

pequeno, pouco tendo aliás progredido até à confirmação de 1218 (1). A mesma impressão de pequenez — topográfica, já se vê — nos deixam os testemunhos das inquirições régias de 1220 (D. Afonso 2.º) e de 1258 (D. Afonso 3.º, 1.ª alçada, Entre Cávado e Minho) em ambas as quais Barcelos é freguesia do Julgado de Neiva, orago Santa Maria, aparecendo em 1258 com o isento de *couto* e declarando sempre as testemunhas que *rex est patronus*.

Na inquirição de D. Afonso 3.º, já se encontram nomes e locais ainda subsistentes, tais como *Pesegal*, *Casal de Niqui* (que o tempo transformou em Casal de Nile) e outros desaparecidos *Cima de vila* e *Borrôco* — o actual Campo da Feira, aliás muito alterado — (*Portugaliae Monumenta - Inquisitiones*) mas perfeitamente localizáveis e mostrando o diminuto âmbito da povoação.

(1) Nas côrtes de Coimbra (1472) e nas de Évora (1475 e 1481) pediram os povos a reforma dos forais por não conformes já com a legislação vigente; daí os *forais novos* de D. Manuel 1.º, que hàbilmente aproveitou a conjuntura para aumento considerável dos réditos públicos, sendo o de Barcelos reformado com data de 7 de agosto de 1515. É o que existe original na Câmara Municipal.

**Barcelos
condado**

Ao atingir-se a segunda época do primeiro ciclo da vida nacional, que compreende os reinados dos quatro soberanos que foram D. Afonso 3.º, D. Denis, D. Afonso 4.º e D. Pedro 1.º — período que Schaefer e Herculano consideram o mais notável da nossa existência como nação —, encontramos pois Barcelos principal povoação do antigo julgado de Neiva, um dos maiores do Entre Douro e Minho, com sua carta de alforria confirmada e em indubitável progredimento, tanto que em breve a vemos alevantada a cabeça do primeiro condado territorial vitalício que em Portugal houve.

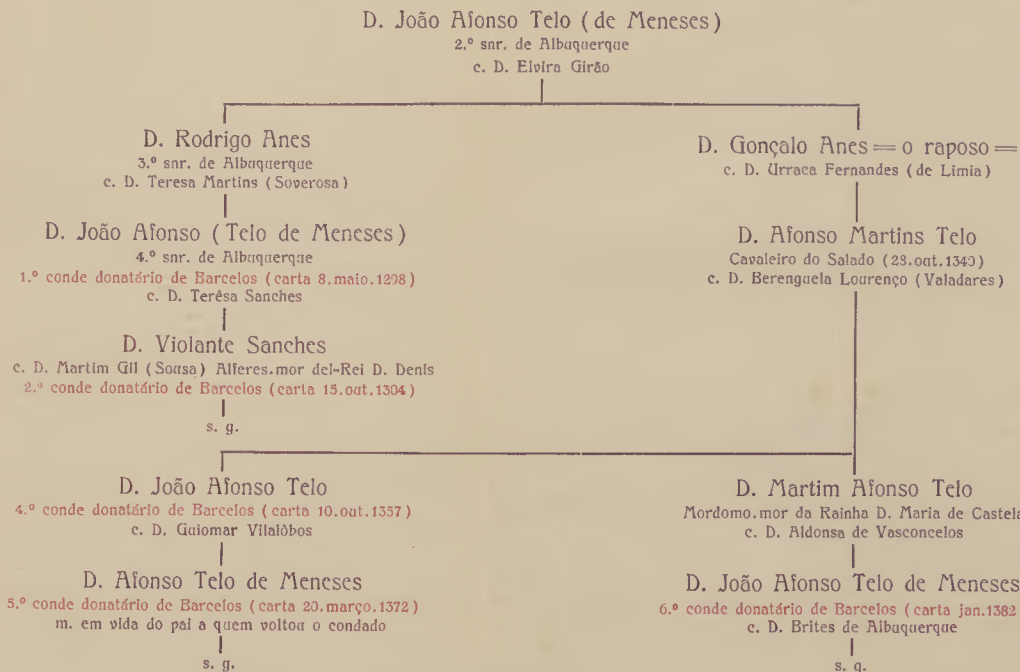
Em 12 de setembro de 1297 (a. D.) assinou-se em Alcanizes, não longe de Miranda do Douro, fronteira do reino de Leão, o tratado que firmou a paz entre Portugal e Castela, facto que se considera = o acontecimento mais notável da diplomacia portuguesa na Península durante o longo e brilhante reinado de D. Denis = (Mons. Ferreira, l. c.).

Portugal obtinha as terras de Riba Côa, Olivença, Campo Maior, Ouguela e S. Felizes dos Galegos num notável alargamento territorial; entre as famílias reinantes nos dois estados faziam-se alianças de casamento, garantia de boa amizade como convinha a reinos vizinhos.

A êsse documento histórico de alta valia tem ligado o seu nome D. João Afonso (Telo de Meneses), 4.º senhor da vila e castelo de Albuquerque, que de Castela onde era rico-homem poucos anos antes passara ao serviço do seu parente rei de Portugal D. Denis que o incumbiu de negociar pazes com D. Fernando 4.º de Castela. Em

O CONDADO ANTIGO DE BARCELOS

ESQUEMA DA SEQUÊNCIA DOS DONATÁRIOS



Por morte do 2.º conde (em 1313) D. Denis deu o condado a seu filho bastardo D. Pedro Afonso por carta de 1.maio.1314 e este foi o 3.º conde e o famoso iniciador do celebrado *Nobiliário do conde D. Pedro*; morreu em 1354 e três anos depois regressou o condado a um ramo dos primeiros donatários, como se vê no esquema.

O 6.º conde morreu em Aljubarrota em 14.ag.1385 e logo por carta de 8 de outubro D. João 1.º deu o senhorio e título de Barcelos ao seu Condestável D. Nuno Álvares Pereira que foi portanto o 7.º conde; este em 1401 dotou a filha D. Brites e o genro D. Afonso (bastardo de D. João 1.º) com o condado de Barcelos com confirmação régia em carta de 8 de novembro e estes 8.ºs condes começaram a serie dos condes modernos; foram os 1.ºs Duques de Bragança a cuja casa passou o senhorio até à contemporaneidade como se dirá no texto.

Apud Bramcamp Freire, *Frasões de Sintra*.

prémio de seus serviços fê-lo D. Denis conde donatário vitalício da vila de Barcelos com seu termo: — «... *E por que o fiz conde, dou-lhe a minha vila de barcelos com seu thermo, que el que a aja en todosos dias de sa vida...*» assim diz a carta respectiva dada em Santarém a 8 de maio da era de 1336, ano de Cristo de 1298 (Bramcamp Freire, *Brasões de Sintra* cit. *Chancelaria de Deniz*, liv. 3, fl. 3). (1)

D. João Afonso, parente dos reis de Portugal e de Castela, provinha dos reis de Leão e era terceiro neto na varonia de D. Telo Peres, 1.º donatário da vila de Meneses — origem do apelido — por carta dada em Burgos aos 4 dos idos de novembro (10 de novembro) de 1173 (a. D.) (Teodósio de Santa Marta, *Elogio Histórico*), tronco de todos os *Meneses*, glorificados por Camões nas «Rimas» e no Canto X dos «Lusíadas», que brasonavam de oiro liso, sem mistura de quarteis nem de peças, indicativo da mais alta nobreza.

Barcelos orgulha-se pois de ter sido sede do primeiro condado territorial vitalício português — os condes anteriores apenas sendo temporários e governadores de territórios sem a sua posse — constituído para, em pessoa de elevada condição, premiar serviços que a História regista como de grande alcance nacional.

Honroso pergaminho é êsse, avultando nas tradições da vila de Barcelos = *Dona do Cávado* = !

E com a elevação a condado começa para Barcelos

(1) O 1.º conde de Barcelos era bisneto de Teresa Sanches, filha do rei D. Sancho 1.º de Portugal, segunda mulher de D. Afonso Teles, o fundador do castelo de Albuquerque.

uma era nova de progresso, vendo o seu *alfoz* continuamente aumentado, suas regalias crescentemente melhoradas, encontrando-se as *Chancelarias régias* do tempo cheias de mercês territoriais, isentos e concessões de toda a ordem aos seus condes donatários, parentes e validos dos reis exercendo os mais altos cargos palatinos e na governação do país, conservando-se o título e domínio de Barcelos — com pequena interrupção — em altas personagens das linhagens dos *Meneses*. (1)

(1) A seqüência do condado antigo de Barcelos encontra-se pouco certa no que há escrito sôbre a vila; o esquema anexo apresenta a sucessão exacta e documental.

A crise
da
independência

—
Feito
do Alcaide

O reinado de D. Fernando = o formoso =, que começara por quatro anos de inteligente e produtiva administração, transformou-se em verdadeiro desastre pelo *grande desvairo* do rei que, se tinha todas as qualidades de nobreza e sentimento dum autêntico português, também sofria dos portugueses defeitos de vontade quebradiça e anseio fugidivo (Antero de Figueiredo — *Leonor Teles*). A situação política do país foi-se agravando com a fraqueza de D. Fernando, dominado pela rainha, a *Flor de altura*, encarnação da maldade, cuja memória a História implacavelmente cria de apodos depreciativos.

As classes dominantes dividiam-se em bandos políticos de interesses opostos e viu-se depois o fruto dessa desordem com a passagem para Castela dos representantes das velhas linhagens que, no longo período da reconquista, tão bravamente tinham ajudado os reis a *filhar* o reino aos mouros.

D. Fernando imprevidente e volúvel criava dificuldades e conflitos nos negócios do Estado, faltando aos tratados, provocando sucessivas invasões pelo castelhano e com o tesouro delapidado, o povo descontente, a imoralidade campeando na própria casa do soberano, Portugal debatia-se numa crise em que perigava a sua própria independência (Meneses, *Ninharias*, dando primorosa lição de História).

Mas a obra de organização das épocas anteriores, o labor colossal dos reis conquistadores, dos reis lavradores

e dos reis administradores, fizera da nação um corpo homogéneo, forte, profundamente consciente da sua individualidade, arreigado também profundamente ao sentimento da independência.

Portugal queria, podia e sabia afirmar galhardamente a sua forte *vontade de viver*, no nobre e alevantado significado do termo.

Nas tradições de glórias, que esse sentimento colectivo gerou e grandiosamente avultam na História, tem a terra barcelense primacial logar de destaque; esse é outro dos honrosíssimos pergaminhos da *Dona do Cávado*.

22 | Nenhum português — que o queira verdadeiramente ser — desconhece por certo o *feito* do Alcaide do Castelo de Faria, que ao tempo coroava o actual Monte da Franqueira a meia légua de Barcelos, *castelo rial da idade média e antigo alcácer das eras dos reis de Leão* como lhe chamou Herculano (*Lendas e Narrativas*), talvez uma das muitas fortificações que os asturo-leoneses alevantaram, nos séculos X e no seguinte, para garantia e defesa dos territórios sucessivamente reconquistados aos sarracenos, do qual ainda restam vestígios suficientes para se ajuizar do seu formato e dimensões, a-pesar-de derrocado há centos de anos e de no século XVI — em 1563 — se lhe aproveitarem os restos para reedificação do próximo convento dos franciscanos da Franqueira (Meneses, l. c.).

Mas se o *feito* se conhece, nunca é demasia lembrá-lo.

Em 1373 D. Henrique 2.º de Castela mandara mais uma vez invadir Portugal, fazendo-se a incursão simultaneamente pela Beira e pelo Minho; as hostes entradas



TOMADA DO CASTELO DE FARIA

(Vid. pgs. 22 a 24)

Quadro de Condeixa existente no Museu José de Bessa, na villa.

«Estai firme, constante,
Estai seguro
Que menos é morrer, que
Ser prejuro.»

e dos reis administradores, fizeram de nação um corpo homogêneo forte, profundamente consciente da sua individualidade, arreigado também profundamente ao sentimento de independência.

Portugal queria, podia e sabia afirmar galhardamente a sua forte *vontade de viver*, no nobre e alevantado significado do termo.

Nas tradições de glórias, que esse sentimento coletivo gerou e grandiosamente avultam na História, tem a terra barcelense primacial lugar de destaque; esse é outro dos honrosíssimos pergaminhos da *Dona do Cávado*.

Nenhum português — que o queira verdadeiramente — desconhece por certo o *feito* do Alcaide do Castelo de Faria, que ao tempo ocupava o actual Monte da Franqueira a meia légua de Barcelos.

Nas *crônicas antigas* ^(Vid. pag. 23 e 24) *das crônicas dos reis de Leão* como lhe chamou Herulano (*Lendas e Narrativas*), talvez uma das muitas fortificações ^(Vid. Lenda, contada) leoneses alevantaram, nos séculos X e XI, para a ^(Vid. Lenda e Montanhas) garantia e defesa

dos territórios sucessivamente conquistados aos sarracenos, do qual ainda restam vestígios suficientes para se ajuizar do seu formato e dimensões. Apesar de derrocado há centos de anos e de no século XVI — em 1563 — se lhe aproveitarem os restos para reedificação do próximo convento dos franciscanos da Franqueira (Meneses, l. c.).

Mas se o *feito* se conhece, nunca é demasia relembrá-lo.

Em 1373 D. Henrique 2.º de Castela mandara mais uma vez invadir Portugal, fazendo-se a incursão simultaneamente pela Beira e pelo Minho; as hostes entradas



na Beira atingem Lisboa em 23 de fevereiro sob comando do próprio rei; na invasão pelo Minho *avian pasado como dilubio asta la vila de Barcelos* chefiando-as o *Adelantado* da Galiza Pedro Sarmiento (Faria e Sousa, *Europa Portuguesa*).

Contra as tropas de Sarmiento marcham fôrças portuguezas, apressadamente reünidas pelo conde de Ceia D. Henrique Manuel nas comarcas do Porto, Guimarães e Barcelos com refôrço de parte das guarnições dos castelos próximos indo nesses reforços o alcaide do de Faria, Nuno Gonçalves, que deixou no castelo o filho D. Gonçalo Nunes.

O recontro localiza-se hoje nas proximidades de Barcelos, na Chã de S. Miguel freguesia de Carapeços, ponto elevado e estratégico, que domina a planície adjacente ao vale do Tamel, tendo sido os portuguezes totalmente desbaratados, fugindo o conde de Ceia para Ponte-do-Lima e ficando prisioneiro o Alcaide de Faria.

Nuno Gonçalves, prevendo que seu filho fosse forçado a entregar o castelo por saber o pai prisioneiro, num rasgo de heróica abnegação e extremada lealdade à sua Pátria, antecipa-se ao provável intento do inimigo oferecendo a Pedro Sarmiento ir em pessoa promover a rendição. O castelhana aceita e manda escoltar o Alcaide até ao seu castelo. Junto das muralhas Nuno Gonçalves chama o filho à fala e *sopena de minha bençom* (Fernão Lopes — *Crónica d'El-Rei D. Fernando*) intima Gonçalo Nunes a não se render haja o que houver, a manter o castelo por Portugal ainda que à sua vista o artormentem e matem!

E assim succedeu: — os castelhanos logo mataram o heróico alcaide na presença do filho e éste com deses-

perada valentia defendeu o castelo que os inimigos não conseguiram tomar! (1)

Nas páginas de arcaico colorido da crónica de Fernão Lopes é este um dos episódios mais comoventes, nas tradições de Barcelos um dos seus principais títulos de orgulho regional, na História de Portugal um dos mais retumbantes feitos de heróicidade e de leal firmeza patriótica à palavra dada!

(1) Na casa dos Beças — ao Jardim — existe uma tela excelente de Condeixa figurando o feito do Alcaide. Recomendo-a ao forasteiro.

O
Condestável

—

Os
condes
modernos

REPELIDOS OS castelhanos em Aljubar-
rôta — a batalha rial de 14 de
agosto de 1385 —, e morto nela o 6.^o
Conde de Barcelos D. João Afonso Telo,
D. João 1.^o, já rei *atevantado* nas côrtes
de Coimbra em abril daquêle ano, fez
doação do condado vago ao seu Con-
destável D. Nuno Alvares Pereira, que já era o 3.^o
Conde de Ourém e senhor dos fartos domínios do exe-
crado João Fernandes Andeiro que fôra amante de D.
Leonor Teles.

Com D. Nuno — 7.^o conde donatário de Barcelos
por carta de 8 de outubro de 1385 (*Chancelaria de D.
João 1.^o, l. 1 fl. 76*) — começa a segunda série de senho-
res da Dona do Cávado, à qual a vila deveu, como vere-
mos, o seu definitivo incremento.

25

Orgulha-se pois também Barcelos de ter tido, à frente
do seu condado, a figura altamente prestigiosa na História
Nacional, do Santo Condestabre, hoje S. Frei Nuno de
Santa Maria, vencedor dos castelhanos nos Atoleiros da
fronteira Alentejana, em 1384 e em Valverde, perto de
Merida, em 1385, *o mais nobre, o mais leal, o mais
valente cavaleiro que Portugal tem gerado* (Herculano,
O Monge de Cistér).

São bem notáveis, como se vai vendo, as tradições
da vila de Barcelos!

Nas relíquias históricas, que ainda existem na vila,
é o Condestável rememorado numa curiosa casa quatro-
centista, interessantemente brasonada com a cruz floren-
ciada dos *Pereiras* — em tósca pedra de armas com todo

o cunho dos primórdios da Heráldica portuguesa — , casa que foi propriedade de D. Nuno Alvares Pereira e sua residência em Barcelos.

É na rua de S. Francisco — a rua medieval dos *Açougues*, praça ou mercado diário da época já nomeada nas *Inquirições* de 1258 — e perto do antigo *Tronco* ou prisão municipal ao qual me referirei, também agora propriedade particular.

No arquivo da Casa do Vinhal (Famalicão) existe o *instrumento* de 3 de maio da era de 1427 (a. D. 1389) pelo qual o Condestável fez doação em prazo, à sua boa comadre Grácia Martins ama do futuro 1.º duque de Bragança, das casas que tinha em Barcelos *pegado à cadeia e a visinha nova*, sendo o documento passado em Barcelos.

Este precioso documento prova que a casa referida pertenceu ao Condestável e que este residiu em Barcelos, quando já conde dela.

É lamentável que o município ainda não adquirisse essa relíquia, que se pediu seja considerada monumento nacional.

Poucos anos conservou porém D. Nuno o condado; em 8 de novembro de 1401 celebrou-se em Lisboa — com aparato e luzimento — o matrimónio de sua filha e herdeira D. Brites Pereira com D. Afonso filho legitimado de D. João 1.º, e datada dêsse mesmo dia fez o rei confirmação do dote farto que o Condestável cedia aos noivos, no qual se incluía o condado de Barcelos (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*).

D. Afonso — o 8.º conde donatário de Barcelos — já desde 31 de outubro de 1391 era também 2.º conde de

Neiva, por senhor das terras de Neiva, Aguiar do Neiva, Perelhal e Vermuim, que constituíam esse outro condado, terras que, juntamente com as de Darque e Rates, Penafiel de Bastuço e o couto da Várzea, foram incluídas na citada confirmação de 1401 (Braamcamp Freire, *Brasões de Sintra*).

Mais tarde — entre 8 de novembro e 30 de dezembro de 1442 — foi o 8.º conde de Barcelos elevado a 1.º Duque de Bragança, na regência de seu meio-irmão D. Pedro duque de Coimbra, e assim o domínio e título de Barcelos ficou sendo um dos apanágios da poderosa casa que no século XVII adquiriu a alta categoria de chefe do Estado português.

Seria prolixo, e de somenos interêsse, seguir a longa série de donatários de Barcelos, sendo todavia de realçar — neste particular das tradições notáveis da *Dona do Cávado* — que no século XVI foi Barcelos *elevada a ducado*. Por alvará de 3 de abril de 1526 foi o 11.º conde de Barcelos — 4.º de Bragança e 2.º de Guimarães, 3.º marquez de Vila Viçosa, 8.º conde de Ourém, 5.º conde de Neiva e 5.º de Arroios — autorizado a dar ao filho primogénito qualquer dos seus títulos. O título desde logo adoptado, por D. Teodósio herdeiro do dito 4.º duque de Bragança, foi o de duque de Barcelos a partir de fevereiro de 1527 e com elle está nomeado no instrumento de 21 de dezembro de 1532, celebrado com sua madrasta D. Joana de Mendonça, para exacto cumprimento do testamento do pai.

O último conde encartado de Barcelos foi pois o 11.º — D. Jaime 4.º duque de Bragança — ; o filho deste, D.

Teodósio, já só usou o título de duque e por fim ao filho d'ele, D. João, foi confirmado o ducado por carta de 4 de agosto de 1562, com a regalia de que no futuro o primogénito da Casa de Bragança se chamaria duque de Barcelos logo depois de baptizado (*Braamcamp Freire, Brasões de Sintra*).

O condado começou pois no reinado de D. Denis. (1298) e o ducado no de D. João 3.º (1527-1532), sendo confirmado na regência do cardeal-infante D. Henrique (1562).

Os muros,
a ponte
e os paços

—

A
colegiada

—

Solar
dos
Pinheiros

O esboço da fisionomia topográfica antiga de Barcelos só na época do herdeiro do Condestável — 8.º conde D. Afonso — se pode efectivar com segurança, porque datam dêsse tempo os *muros*, defesa da povoação.

Figura-se-me inconsistente a pretensão de que Barcelos teria sido uma povoação fortificada anteriormente e desde remotos tempos (Dr. António Ferraz in *Barcelos Revista*). Nenhuma alusão se encontra a tal respeito, nem nas inquirições régias nem nas crónicas; bem ao contrário salta à vista não haver em Fernão Lopes (*Chronica d'El-Rei D. Fernando*) referência alguma a Barcelos ao relatar o cerco do castelo de Faria. E não sendo de crer que em tempos antigos — sob a dominação romana talvez — obras defensivas circuitassem a povoação, porque o sistema de occupação militar dos romanos era incompatível com a situação topográfica de Barcelos, não é crível também que os bárbaros e os árabes as alevantassem porque nêsse longo período são escassos os informes acêrca da povoação, por certo insignificante.

Os pontos fortificados da região eram os castelos de Neiva e de Faria; por muito tempo foi mantida essa rêde de occupação militar.

Quando D. Afonso Henriques se rebelou contra a mãe e tomou o govêrno do condado portugallense em 1128 (Oliveira Martins, *Taboas de Chronologia*), começou por se apoderar dos *castelos de Neiva e de Faria*, não se

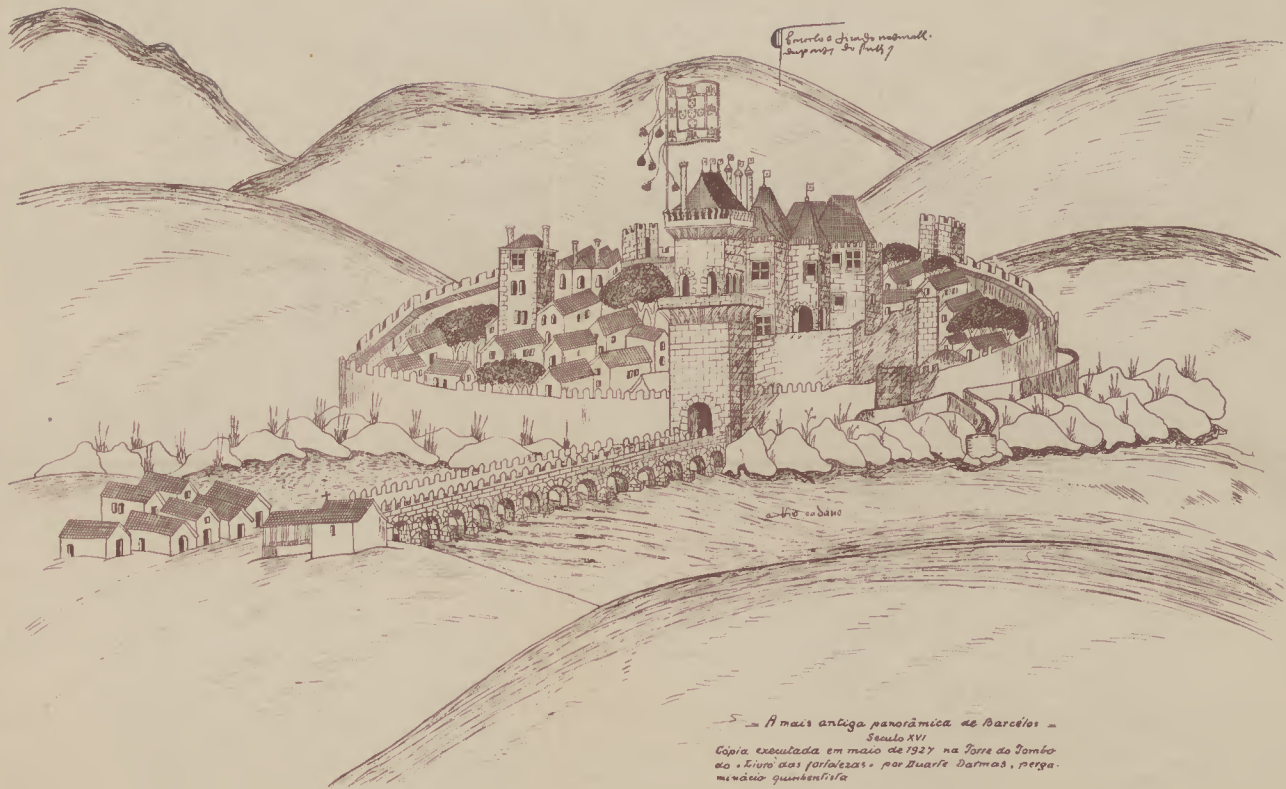
encontrando menção da vila de Barcelos, situada entre elles, nas descrições dêsse notável acontecimento, início verdadeiro da independência nacional.

Durante todo o tempo do repovoamento afonsino, das terras e povoados portugueses e do seu fortalecimento, nenhuma notícia aparece das defesas barcelenses.

Quando D. Fernando — após a desastrosa campanha de 1373 — renovou as fortificações de muitas terras do país, reconstruiu o *castelo de Neiva*. No relato das importantíssimas obras então realizadas (Oliveira Martins, *A vida de Nun'Alvares* cit. Santos *Mon. Lusitana*) enumeram-se Santarém, Óbidos, Ponte-do-Lima e Viana, Braga, a Covilhã, o Porto, Coimbra, Almada, Torres Vedras, Leiria, Alenquer, Évora, Almeida, e a nova circunvalação de Lisboa, sem a menor referência a Barcelos que portanto não possuía muros a restaurar.

Na guerra da independência o Entre Douro e Minho era quási todo pelos castelhanos; na libertação dessas terras encontra-se a tomada do *castelo de Faria* e do de Vermoím com o auxílio dos burgueses do Porto (Mons. Ferreira, *Memórias Arqueológicas do Pôrto*) e a conquista em 1385, pelo Condestável, de Viana e do *Castelo de Neiva* (Fernão Lopes *Chronica d'El-rei D. João 1.º*) não havendo alusão à vila de Barcelos, povoação aberta na qual nem sequer residiam as justiças, as quais só no século de quatrocentos mudaram do castelo de Neiva para a vila.

Garantida definitivamente a independência, e com o advento da *íclita geração dos altos infantes*, Portugal pletórico de energias, entrava francamente numa era de expansão e de evolução, sendo nessa aura de rejuvenes-



Escola e igreja paroquial.
Luzes antigas da Torre do Jombro

A. B. S. D.

5 - A mais antiga panorâmica de Barcelos -
Século XVI
Cópia executada em maio de 1927 na Torre do Jombro
do «Livro das fortalezas» por Duarte Darmas, pergam.
módulo quinhentista

cimento que — em boa verdade histórica — é mister localizar a transformação e engrandecimento de Barcelos para principal povoação desta zona minhota.

É então que a vila — de alacre e mimosa beleza — conquista o título, bem apropriado, de *Dona do Cávado!* Na posse do conde donatário de Barcelos, reuniu-se o senhorio de quási toda a região circunjacente à vila — em área enorme — ; a povoação adquiriu pois situação central promotente da necessidade, para efeitos administrativos, de localizar nela a sede do governo de tão vastos domínios.

Esta a rasão intuitiva da construção dos seus muros, que uns dizem começados por iniciativa do próprio rei D. João 1.º — a recordação das invasões castelhanas estando bem presente — e a maioria dos historiadores attribui ao filho, 8.º conde D. Afonso, que se os não começou é positivo ter sido o seu principal promotor, prolongando-se as obras de 1446 a 1461 (Jaime Forjaz, *Livro de Linhagens*) sendo então seu inspector Tristão Gomes Pinheiro. Advirto porem que não tenho tais datas por garantidas; a primeira me parece tardia, a outra é talvez apenas referida por ter sido nêsse ano — 1461, dezembro — que o 1.º duque de Bragança morreu em Chaves onde foi sepultado. (1)

(1) É crível que a iniciativa da fortificação da vila de Barcelos partisse do próprio rei D. João 1.º. No Arquivo Municipal do Porto, Livro A fls. 920, existe a carta régia de 10 de agosto de 1413 (e. C. 1451) que contém isenção aos habitantes de Azurára (Vila do Conde) de servirem nas obras de Barcelos, cujo vedor era Martim Gomes ouvidor do conde D. Afonso. Mais ainda se apura que as obras de Barcelos — por certo os muros — começaram muito antes,

José Augusto Vieira (*O Minho Pittoresco*) afirma que o 8.º conde D. Afonso foi =...o grande marquês de Pombal de Barcelos. A sua vigorosa e fecunda iniciativa faz do pequeno e humilde burgo uma terra importante... O solar levanta-se a cavaleiro do rio, a ponte é restaurada, senão de todo fundada, as muralhas enfaixam a rejuvenescida vila, a sua matriz erige-se em colegiada insigne =.

Perfilhando essa opinião — somatório de notícias e tradições anteriores — referenciarei as principais obras da transformação quatrocentista barcelense: *muros, solar e ponte, matriz e colegiada*.

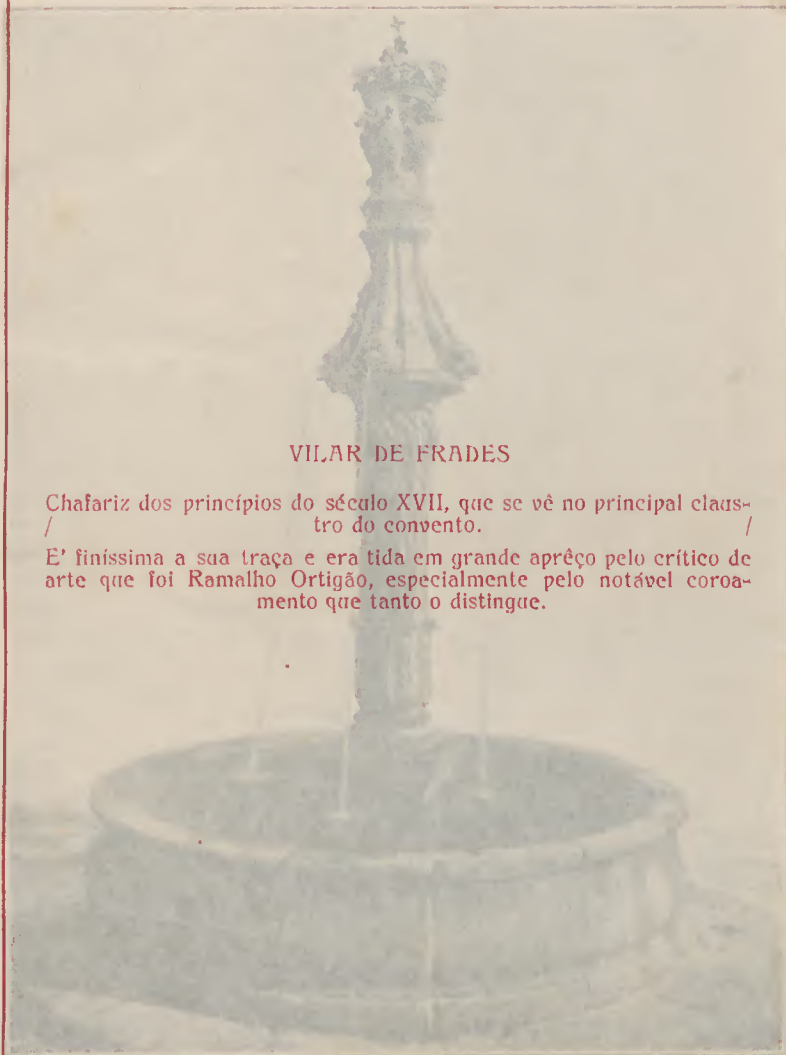
Os *muros* circuitavam diminuta área, pois a sua maior extensão apenas ia da embocadura da actual rua de D. António Barroso até à saída para o hoje largo da Fonte de Baixo.

Tinham — na sua mais completa disposição — (1) três portas, cada uma sob sua torre, e cinco postigos; na quadrela sobre o rio, que seguia da ponte para o nascente, havia uma pequena barbacã.

Das *portas e postigos* apenas subsistem o *Postigo do Pecegal* e o *Postigo da Traição*, protegidos por dois cubêlos e outrora cobertos pela referida barbacã, sendo fácil examiná-los.

mais de trinta anos, da data que lhe atribuem de 1446, data que no texto ponho em dúvida (cfr. Mons. Ferreira. *Memórias* cit.), não sendo no começo seu inspector, como dizem, Tristão Gomes Pinheiro,

(1) Conforme a «Memória manuscrita de Barcelos» na livraria do falecido Dr. António Ferraz, cópia da organizada por ocasião do questionário proposto aos párcos de todas as freguesias do país por Decreto de D. João 5.º de 1721.



VILAR DE FRADES

Chafariz dos princípios do século XVII, que se vê no principal claustro do convento.

E' finíssima a sua traça e era tida em grande aprêço pelo crítico de arte que foi Ramalho Ortigão, especialmente pelo notável coroa-mento que tanto o distingue.

José Augusto Vieira (*O Minho Pittoresco*) afirma que o 8.º conde D. Afonso foi...o grande marquês de Pombal de Barcelos. A sua vigorosa e fecunda iniciativa faz do pequeno e humilde burgo uma terra importante... O solar levanta-se a cavaleiro do rio, a ponte é restaurada, senão de todo fundada, as muralhas enfaixam a rejuvenescida vila, a sua matriz erige-se em colegiada insigne =.

Perfilhando essa opinião — somatório de notícias e tradições anteriores — referenciarei as principais obras da transformação quatrocentista barcelense: *muros, solar e ponte, matriz e colegiada*.

Os muros encerravam a área, pois a sua maior extensão apenas se dá a actual rua de D. António Barroso. O solar do conde de Vila Verde

32
 E, terminada a sua traça e erigida em grande obra de arte, foi especialmente pelo notável coradamento de tanto e distinguido

três portas, cada uma sob sua torre, e cinco postigos; as quadrelas sobre a rua, que saem da ponte para o nascente, havia uma pequena habitação.

Das portas e postigos apenas subsistem o *Postigo da Princesa* e o *Postigo da França*, protegidos por dois cubélos e entrona cobertos pela inferior tabacã, sendo fácil examiná-los.

mais de trinta anos, da data que lhe atribuem de 1446, data que no texto poucho em dúvida (cf. Mons. Ferreira, *Memórias cit.*), não sendo ao começo seu inspector, como dizem, Tristão Gomes Pinheiro.

[1] Conforme a «Memória manuscrita de Barcelos» na livraria do tabelião Dr. António Ferraz, cópia da organizada por ocasião do questionário proposto aos párocos de todas as freguesias do país por Decreto de D. João 5.º de 1721.





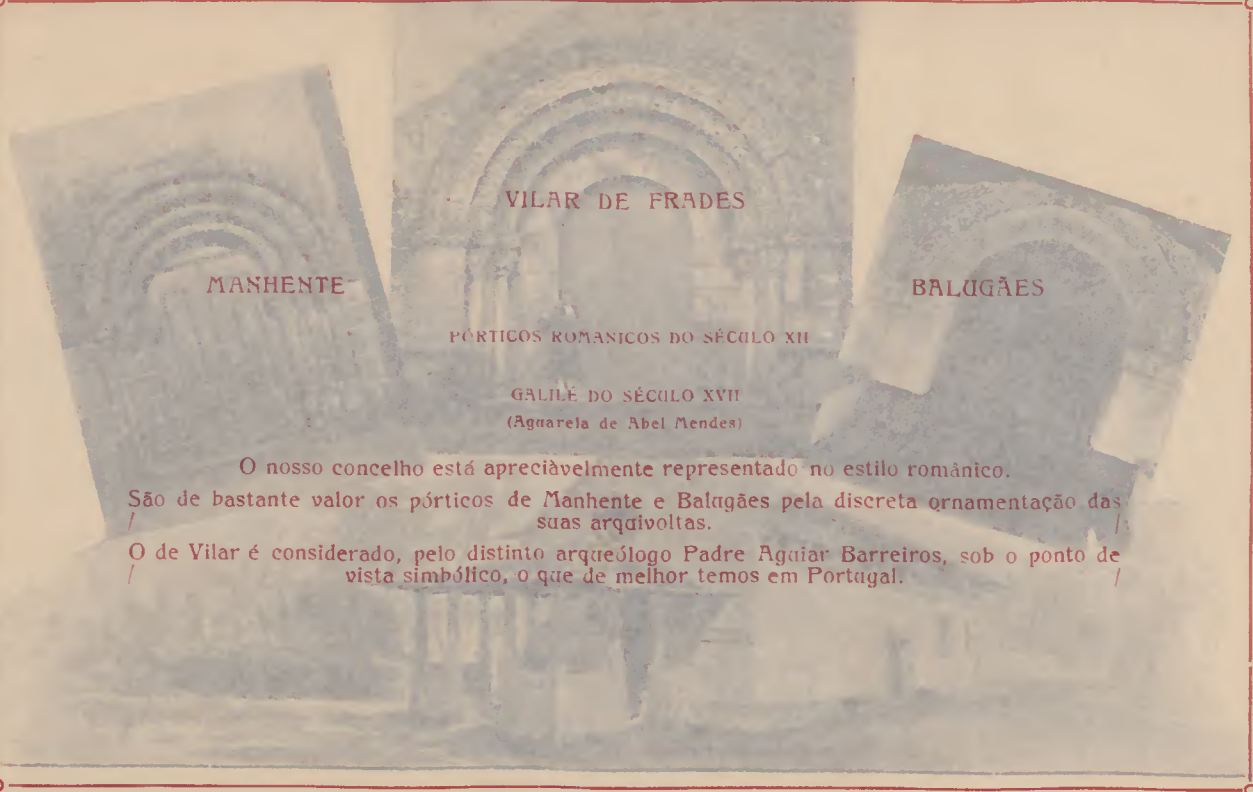
BARCELINHOS

Filha querida a que Barcelos dá a mão pela ponte.

BARCELINHOS

Filha querida a que Barcelos dá a mão pela ponte.





VILAR DE FRADES

MANHENTE

BALUGÃES

PÓRTICOS ROMANICOS DO SÉCULO XII

GALILE DO SÉCULO XVII
(Aquarela de Abel Mendes)

O nosso concelho está apreciavelmente representado no estilo românico.
São de bastante valor os pórticos de Manhente e Balugães pela discreta ornamentação das
/ suas arquivoltas. /
O de Vilar é considerado, pelo distinto arqueólogo Padre Aguiar Barreiros, sob o ponto de
/ vista simbólico, o que de melhor temos em Portugal. /

VILAR DE FRADES

BALDAGÊS

MANHENTE

FÓRNICOS ROMANICOS DO SÉCULO XII

GALLÉ DO SÉCULO XVII
(Agarela de Abel Mendes)

O nosso concelho está apreciavelmente representado no estilo românico. São de bastante valor os pórticos de Manhente e Baldagês pela discreta ornamentação das suas arquivoltas. O de Vilar é considerado, pelo distinto arqueólogo Padre Aguiar Barreiros, sob o ponto de vista simpático, o que de melhor temos em Portugal.





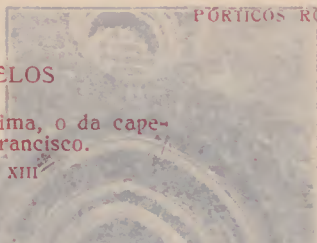
BARCELOS

À esquerda, em cima, o da capela de S. Francisco.

Século XIII



PÓRTICOS ROMANOS



ABADE - DE - SEIVA

Ao centro, em baixo, o da igreja paroquial desta freguesia.

Século XIV



BARCELOS

À direita, o da Matriz, vendo-se mais dois trechos do mesmo, intercalados.

Século XIV

PÓRTICOS ROMANOS

BARCELLOS

À direita, o da Maria, vendo-se
mais dois trechos do mesmo, in-
tercalados.
século XIV

BARCELLOS

À esquerda, em cima, o da cabe-
la de S. Francisco.
século XIII

ABADE-DE-NEIVA

Do centro, em baixo, o da igreja
paroquial desta freguesia.
século XIV







MANHENTE



ABADE-DE-NEIVA



BARCELOS

MATRIZ

Igrejas cujos pórticos são especialmente referenciados noutra página de gravura.

Vêem-se ao lado, das duas primeiras, características torres, elementos dignos da maior atenção, como importantes obras de defesa, conforme Joaquim de Vasconcelos.

Nota — Já depois de escritas, pelo infatigável investigador J. Mancelos, as judiciosas referências de pags. 36 e 37, procura a Junta actual, na Matriz — sem prejuizo do valor da obra de talha dos seus velhos altares e com o aproveitamento dos seus encantadores azulejos — expurgar do magestoso templo tudo aquilo que o vinha conspurcando aos olhos dos visitantes letrados e observadores conscienciosos.

De acordo com os ensinamentos dêsse insigne artista que se chamou Cândido da Cunha, aquella corporação manterá nas possíveis reintegrações uma *entente cordiale* nos estilos: *dominante* e da *renascença*, sob os auspícios de dous mestres: Baltazar Castro e José Vilaça.

MANHENTE

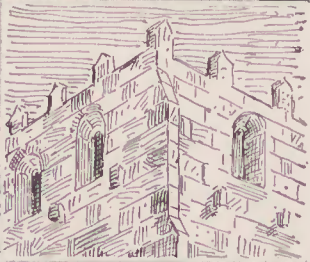
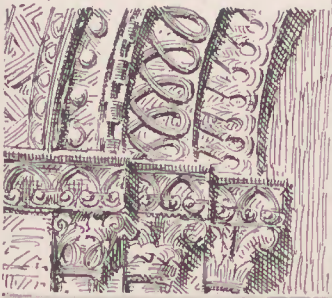
ARDE-DE-NEIVA

BARCELOS

MATRIZ

As peças cujos títulos são especialmente referenciados noutros pági-
nas de gravura.
Vem-se ao lado, das duas primeiras, características fortes, elemen-
tos dignos da maior atenção, como importantes obras de arte, con-
forme João de Vasconcelos.

Nota — Já depois de escritas, pelo investigador J. Barcelos, as in-
dicações referências de pag. 20 e 21, procura a Junta actual, na Matriz—sem pre-
juizo do valor da obra de arte dos seus velhos altares e com o aproveitamento
dos seus encantadores azulejos—expurgar do magesto tempo tudo aquilo que o
vulgo conspurcava nos olhos dos visitantes lectos e observadores conscien-
ciosos.
De acordo com os ensinamentos desse insignificante artista que se chamam Cândido
de Cunha, aquela corporação manterá nas suas respectivas igrejas uma colecção
curiosa nos estilos: domingueira e da renascença, sob os auspícios de dois mestres:
Hilário Castro e José Vilar.





BARCELOS

MUSEU MUNICIPAL

Túmulo românico dos fins do século XVIII, bellissimo e perfeito.

Ornamentado nas faces com trilóbulos e quadrilóbulos, círculos concêntricos, estrela de seis raios; crescente, signo-saimão, etc. Alguns motivos desta arte também se vêem nos jugos que predominam no nosso concelho.

Inscrição que está gravada na tampa, com bastante nitidez, é esta:

ISTE: TVMYLO: EST: DOMINICI: PETRI: DICTI: BEQVEIRA: DE: BARCEL: ET: FECI: FVIT: MESE: JULII: E: MCCC:XX:II

BARCELLOS

MUSEU MUNICIPAL

Túmulo românico dos fins do século XVIII, bellissimo e perfeito.
Ornamentado nas faces com triângulos e quadriláteros, círculos concêntricos, estrelas de seis raios; crescente, signo-saimão, etc. Alguns motivos desta arte também se vêem nos jâcos que predominam no nosso concelho.
Inscrição que esta gravada na tampa, com bastante nitidez, é esta:
ISTE TAMALLO: EST: DOMINICI PETRI: BEOVEIRAS: DES: BARCELLOS: ET: PEDI: FALTI: MESSI: JULI: E: MCCC:XX:III



Das *torres* mantem-se robustamente de pé, impondo-se ao forasteiro como relíquia da antiga Barcelos, o *Castelo*, moradia do alcaide-Mor da nomeação do donatário, que no século XVII se passou a chamar *Torre da Porta Nova* e nela se instalou a cadeia comarcã por 1631-1636 quando se extinguiu o antigo *Tronco municipal*, situado no actual *Largo do Apoio*, hoje moradia particular, por escritura de compra de 10 de Janeiro de 1669 e anexação ao vínculo da Carmona instituído em 8 de maio de 1639 por Francisco Machado Carmona e em seus descendentes se conserva. (1)

Quando o 4.º duque de Bragança D. Jaime voltou do exílio em 1496 fez reparar as fortalezas, castelos e palácios de seus domínios (Cláudio da Conceição, *Gabinete Historico*); nessa ocasião abriram um postigo ao extremo da Rua Direita, o qual reinando D. João 4.º foi por 1646 ampliado e transformado em porta monumental sobrepujada por uma inscrição alusiva ao voto à Imaculada Conceição de Maria — a padroeira de Portugal —, porta que por isso se passou a chamar *Porta Nova* e não Nobre como há quem diga.

Das *muralhas* ainda existem vários trechos, uns completamente a descoberto, outros incorporados em vários edifícios da vila, mas reconhecíveis, ajuizando-se da robustez da construção.

Os *Paços* deviam ter sido edifício monumental para a época; as suas ruínas ainda fornecem um dos aspectos mais empolgantes, ao visitante, com todo o seu ar de

(1) Esta Casa, interessantíssima, motiva um dos primorosos desenhos de Vilaça honrando este livro.

solar acastelado sobranceiro ao rio. E absolutamente se deve repudiar a idêa de os reconstruir (projecto Korrodi); perder-se-ia a poesia própria de ruínas, fantasiar-se-ia um edifício sôbre os restos do autêntico e deturpava-se um dos conjuntos mais interessantes da povoação. (1)

34 | A ligação dos Paços com as muralhas — hoje desaparecida — constituía um dos detalhes originalíssimos da fortificação barcelense. Anexa ao edifício havia pela face sul uma forte *torre-torreada* em testa de ponte; na parte inferior três arcos — nas faces da torre — abriam um para a ponte, outro para a *rua dos Pelames* (hoje Faria Barbosa) ao nascente e o terceiro para a *do Terreiro* (actual duque de Bragança) ao poente. A êste conjunto de passagens se dava o nome de *Porta da Ponte*, ingresso da estrada do Porto e comunicação com Barcelinhos freguesia arrabalde além rio. A parte alta da torre estava ligada aos Paços, formando pròpriamente a torre coberta subjungando a ponte com seu rebôrdo de machicoulis ou seteiras batendo verticalmente a entrada sul.

A *ponte*, que como já ficou dito não é de origem romana (nem afonsina, também, pois nenhuma referência se lhe faz antes da época que analizamos), a-pesar-de alterada perdendo o cunho antigo, ainda é muito típica com os seus cinco fortes arcos e agudos quebra-águas. É dos locais de observação da paisagem barcelense que se não devem perder; os poentes no começo do outôno

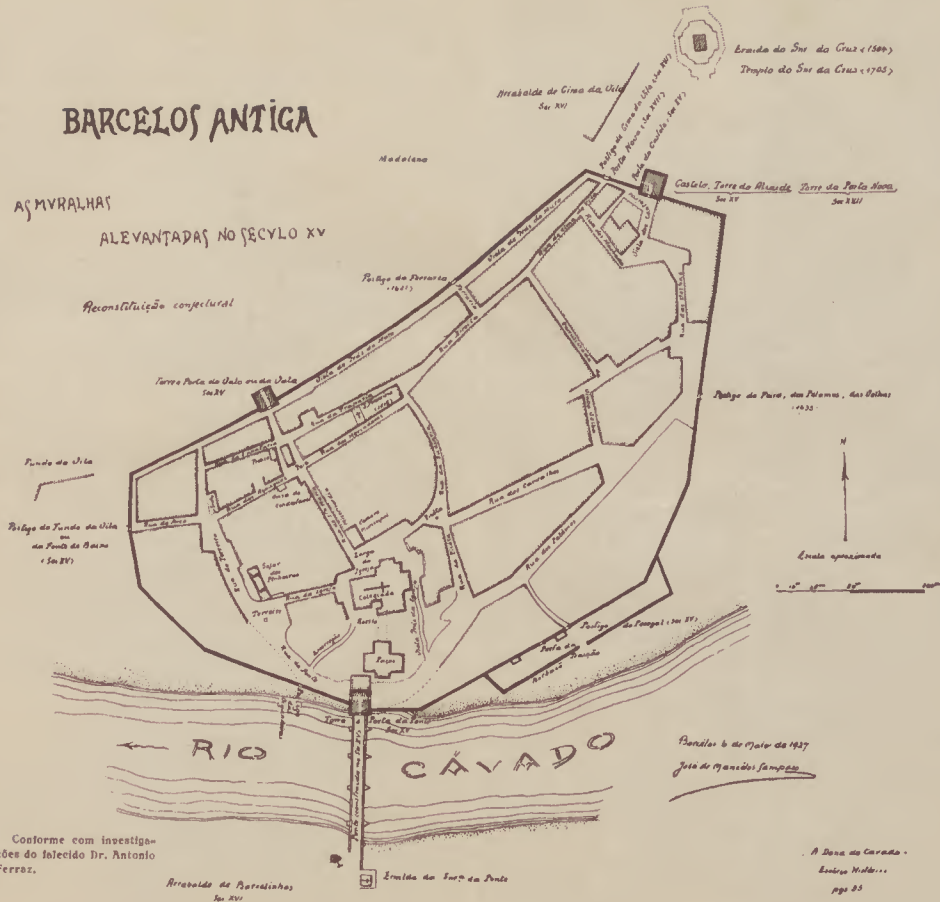
(8) As ruínas dos Paços foram cedidas à Câmara Municipal por escritura pública de 30 de junho de 1874 (*Cadastro geral do Almojarifado de Barcelos* fls. 108 v.)

BARCELOS ANTIGA

AS MURALHAS

ALEVANTADAS NO SÉCULO XV

Reconstituição conjectural



Erasmão do Sul da Cruz (1580)
Tropião do Sul da Cruz (1765)

Arrabalde de Cima da Vila
S. XV
Palácio do Conde de Vila Rica (1611)
Palácio do Conde de Vila Rica (1611)
Palácio do Conde de Vila Rica (1611)

Madalena

Castelo de São Martinho
Torre da Porta Nova
S. XV

Palácio da Portosa
1621

Torre Porta da Vila
S. XV

Palácio de São, das Filipes, das Filipes
1625

Ponte da Vila

Palácio de Santa da Vila
na Ponte da Vila
S. XV



RIO CAVADO

Palácio dos Filipes (S. XV)
Torre da Porta da Vila
S. XV
Castelo de São Martinho
S. XV

Junho 6 de 1937
Manuel Fernandes

Conforme com investigações do falecido Dr. Antonio Ferraz.

Arrabalde de Baixo da Vila
S. XV

Erasmão do Sul da Cruz

A Dama do Cavado -
Eduardo Madruga
page 25

e os luares — êstes vistos para a serra de Airó — são de maravilhosa e impressionante beleza !

É relativamente fácil reconstituir, com aproximada exactidão, a planta de Barcelos quando muralhada ; sôbre a planta da vila actual conjecturei por exame local a situação das muralhas quatrocentistas, obtendo uma tentativa de illustração dêste escôrço. E combinando-a com a panorâmica de Duarte de Armas (*Livro das fortalezas* — pergamináceo da Torre do Tombo), é possível ajuizar-se do aspecto da vila de Barcelos nesses tempos, com a advertência porém de que o desenho de Duarte de Armas, embora arcaicamente interessantíssimo, apenas faculta o aspecto geral por deficiente e incerto nas perspectivas e no detalhe.

Os Paços dos condes-duques ligavam-se também à igreja-matriz por um passadiço, ou comunicação coberta, do qual parece ainda existirem vestígios em ambos os edifícios. Na matriz — que já nas *Inquirições gerais* do século XIII aparece nomeada de *Santa Maria de Barcelos* — foi fundada a *Colegiada* pelo 1.º duque de Bragança em 1460, posto que anteriormente já se principiasse a sua criação por provisões arcebispaes de 1433, 1434 e 1436.

Não conseguiu o fundador ver completa a sua idéa, que deixou recomendada a seu filho duque D. Fernando e êste obteve a provisão de 6 de outubro de 1464 pela qual o arcebispo D. Fernando da Guerra ordenou, estabeleceu e erigiu em colegiada a igreja matriz de Barcelos, inicialmente com prior e cinco cônegos, cujo número sofreu alterações em várias épocas chegando até treze, fazendo o prior apresentação de párcos em nove fregue-

sias do concelho. A colegiada foi declarada *Insigne* no 4.º concílio bracarense (1566); o prior pelo menos a partir de 1719-1720 passou a chamar-se de *Dom*, título aliás não concedido oficialmente (Abade de Louro, *Memoria Historica*). A colegiada foi no decorrer dos tempos reformada varias vezes, até que foi extinta por lei geral de 16 de junho de 1848. O seu último Dom Prior, José de Amorim Pereira Leite, faleceu em 1905.

O templo muito antigo, talvez originariamente românico, foi reconstruído e ampliado pelos 1.º e 2.º duques de Bragança, mas da traça desse tempo apenas conserva quasi intactos o pórtico da entrada principal, capiteis de colunas e a bela abóbada artesoada da capela-mor onde, nos fechos dos artesões, se divisam inscrições alusivas, creio, à restauração e ao encarregado da obra que siglou em gótico um fecho do lado da epístola.

Do exame combinado desses restos com os arcos airosamente amplos, que formam as naves laterais, inferre-se de quanto seria belo o templo quattrocentista de Barcelos.

Entre 1705-1723 o D. Prior André de Sousa da Cunha promoveu *grandes obras* de restauro total do templo que foi vandálicamente adulterado com inxertos impossíveis, a silharia tapada a azulejo, as colunas desfloradas a marreta e escopro, completando-se todo esse *delírio restaurador* com uma horrorosa claraboia encimada de monstruosa coroa real de ferro forjado espetada no telhado em desgraciosíssima e grotesca exhibição!

Pensa-se felizmente em restaurar — nos limites do possível — o templo de Nossa Senhora da Assunção, ou

Santa Maria Maior, matriz e colegiada de Barcelos, mino-
rando o aspecto banal e desconexo que o forasteiro nêle
encontra. Oxalá tal se efective tanto mais que a fachada
principal ameaça ruína.

Do grande número de lápides sepulcrais — todas vio-
ladas e desfeitas na época citada — só restam mencioná-
veis o carneiro dos *Pinheiros* e a campa tumular dos
Barbosas ambas brasonadas. (1)

O carneiro dos *Pinheiros*, à entrada do templo, nave
da epístola, é uma arca tumular com seu arco praticado
na parede; ostenta uma tósca pedra de armas esquite-
lada de *Pinheiros*, *Aldanas*, *Pereiras* e *Lobos* e a inscri-
ção indica que a mandou fazer Alvaro Pinheiro (Lobo de
Lacerda), 3.º morgado de Pouve falecido em 1562 (Dr.
António Ferraz, in *A Lágrima*).

A campa tumular dos *Barbosas* está na capela de
S. João Baptista, ao lado da epístola da capela mor; tem
um brasão muito perfeito de *Barbosas* e a inscrição regista
que nela está sepultado Manuel Barbosa falecido em 25
de janeiro de 1596. Parece-me que esta campa pertencia
aos morgados de *Quintiães*, vínculo absorvido pela casa
dos *Vilas-boas* de *Airó* e suspeito que foi feita muito
mais tarde talvez no século XVIII pois o brasão é cara-
cterizadamente seiscentista, a-pesar-da data.

Outro monumento quatrocentista notável, próximo dos
Paços dos donatários e da matriz-colegiada, é o vetusto
Solar dos Pinheiros, imponente nas suas sóbrias linhas,

(1) Algumas das inscrições antigas em verso foram menciona-
das por A. F. Barata in *Aurora do Cavado* copiadas dum manu-
scrito da livraria do Visconde da Esperança.

salientando-se nesse típico conjunto de antiguidades escurecidas pela *patine* dos séculos, que o visitante encontra ao defrontar Barcelos pelo sul. E' constituído principalmente por duas torres quadrangulares, de três pisos, ligadas por um corpo central mais baixo. Todo este edificio faceia ao poente, mas anexo à torre do sul há um prolongamento interessantissimo pelas suas duas portas ogivais, uma entaipada. Salta à vista que o solar foi construído aos poucos, começando justamente por êsse anexo, o qual pelo lado de dentro é face do pátio interior nunca concluído.

Na torre do sul há uma pedra de armas na face do poente muito original, figurando escudo partido de *Pinheiros* sôbre cortado de quatro chaves suspensas dum torçal e de *Lobos*; um letreiro em orla diz que as armas são de Álvaro Pinheiro Lobo.

Na mesma torre, face sul, há uma outra pedra curiosissima figurando um escudo com três chaves — a central de palhetão duplo — suspensas dum torçal; em orla uma inscrição em gótico maiúsculo regista que o solar foi construído pelo Dr. Pedro Esteves no ano de 1448.

O Dr. Pedro Esteves, doutor em direito civil e canónico por Salamanca em 1425, fôra da criação dos 8.^{os} condes de Barcelos e ouvidor das terras da casa de Bragança por carta passada em Guimarães em 21 de abril de 1441 (Dr. António Ferraz in *A Lagrima*) e sendo quatro as ouvidorias de seu exercício, supõe-se que o quartel do brasão e o escudo da face sul da dita torre — visto que não pertencem à Heráldica nacional — aludem a êsse cargo de ouvidor.

Ainda na mesma torre, há na cornija da face sul, um busto de homem com grandes barbas em atitude de as querer arrancar; e na face poente, um pouco abaixo do brasão de Alvaro Pinheiro, uma figura de mulher resaindo da parede. Na figura de homem há quem queira ver alusão ao *Barbadão de Veiros* suposto avô materno do 1.º duque de Bragança e no busto de mulher a figuração da falada comendadeira de Santos amante de D. João 1.º e mãe do mesmo duque. Seja como for o vulgo denomina o *Solar dos Pinheiros de Casa do Barbadão*, parecendo-me todavia fantasiosa a significação daquelas interessantes figuras.

Aquêlê Dr. Pedro Esteves era da família dos Aldanas, de esclarecida origem, filho de Estêvão Anes de Penela — parente e companheiro de armas do Condestável, que por carta de Borba de 10 de maio de 1416 lhe doou o reguengo do Alviela — e de Grácia Martins. Foi casado com Isabel Pinheiro, dos Lobos de Alvito e dos Pinheiros de Outiz, a quem D. Afonso 5.º por carta de 4 de dezembro de 1469, sendo já viuva, privilegiou os caseiros e apaniguados que tivesse. Dêste casamento provieram os *Pinheiros de Barcelos*, cujo solar é esta outra relíquia quatrocentista que estou mencionando (Meneses, *Ninharias*).

Do Dr. Pedro Esteves foi irmão mais velho João Esteves, fidalgo da casa de Bragança e almoxarife e juiz dos direitos reais de Guimarães, que por testamento de 1 de dezembro de 1453 instituiu o morgado de Pouve o qual nomeou no sobrinho — filho do dito Dr. Pedro Esteves — Alvaro Pires Pinheiro Lobo, alcaide mor de Barcelos,

senhor do solar barcelense ao qual acrescentou as torres colocando na do sul o brasão referido. Dêste Álvaro — 1.º morgado de Pouve — foi neto o outro Álvaro — 3.º morgado — que mandou construir o carneiro da colegiada que anteriormente citei.

O Solar dos Pinheiros foi no século XVIII reivindicado — em ruidosa e demoradíssima demanda — pelos Senhores da casa de Azevedo (perto de Barcelos na freguesia da Lama) e o 1.º conde de Azevedo testou-o a sobrinhos, os Azevedos Meneses da Casa do Vinhal (Falmalicão) seus actuais donos.

Da Barcelos quatrocentista ainda outros vestígios se encontram pela vila e ao forasteiro indico uma curiosa casa em frente ao Teatro que conserva uma porta muito típica.

BANHO

RUINAS DA IGREJA ROMANICA, DO SÉCULO XII.

A esquerda, em cima :

Restos da abside, d'este monumento.

A direita, no centro :

Dous capiteis conservados em memória, na freguesia de Vila-Chã (Espozende), pelo espirito carioso do Padre Santos Portela, os quais representam feras devorando gente.

VILAR DO MONTE

«CAMPA DO FRADE»

A esquerda, em baixo :

Assim denominada pelos habitantes das proximidades.

Encontra-se no extremo p'onte de Vilar do Monte, quasi no limite de Vila Cova.

Trata-se duma tampa tumular orlada com dentes de serra, ornamento que demonstra o seu caracter muito arcaico.

No Museu Etnológico de Lisboa ha um exemplar oriundo dos Arcos de Val-de-Vez, parecido, e outro, muito semelhante, vê-se nas traseiras do adro da igreja de Roriz.

BARCELOS

TÓMULO EXISTENTE NO MUSEU MUNICIPAL

A direita, em cima e em baixo :

Verifica-se uma rudeza extrema na sua execução, filha da «arte do povo, que, sempre, em toda a parte, mais ou menos, se apresenta com idêntico caracter», segundo o autorizado dizer do erudito D. José Pessanha.

Valeria a pena interpretar os assuntos nêle revelados, o que não está na indolê ou caracter destas rápidas lendas.

Se há intento simbólico, que o digam os mestres na matéria.

senhor do solar barcelense ao qual acrescentou as torres colocando na do sul o brasão referido. Dêste Álvaro — 1.º morgado de Pouve — foi neto o outro Álvaro — 3.º morgado — que mandou levantar o carneiro da colegiada que anteriormente existia.

O Solar dos Pinheiros foi no século XVIII reivindicado — em 1790 — pelos restos da família dos Senhores da casa de Barcelos na fresta de Vila-Guã. Dois capiteis conservados em memória na lousa de Vila-Guã (Espôrnde), pelo espírito curioso do Padre Santos Fortes, os sobrinhos, e a produção de Messias de Vinhal (Famalicão) seus actuais donos.

Da Barcelos quattrecentista ainda outros vestígios se encontram pela vila e ao lado do Teatro, que conserva uma porta muito típica.

Assim denominada pelos habitantes das proximidades. Encontra-se no extremo poente de Vilar do Monte, quasi no limite de Vila-Cova. Trata-se duma tampa tumular orlada com dentes de serra, ornamento que demonstra o seu carácter muito arcaico. No Museu Etnológico de Lisboa há um exemplar oriundo dos Arcos de Val-de-Vez, parecido e outro, muito semelhante, vê-se nas torres do alto da igreja de Koria.

BARCELOS

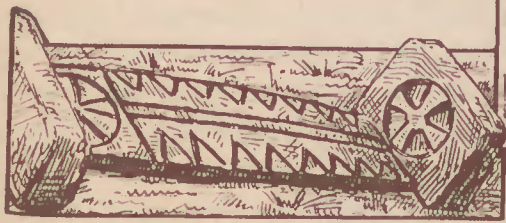
TÍPICO EXISTENTE NO MUSEU MINGHEIR.

À direita, em cima e em baixo :

Verifica-se uma rudeza extrema na sua execução, filha da «arte do povo», que, sempre, em toda a parte, mais ou menos, se apresenta com idéntico carácter, segundo o autorizado dizer do erudito D. José Pessanha.

Varia a pena interpretar os assentos nêg revelados, o que não está na índole ou carácter destas rúbidas legendas.

Se há intento simbólico, que o dizem os mestres na matéria.



A
população
e o
concelho
—
A
comarca

CONHECIDO o panorama — e a topografia — barcelense, à data dos primeiros elementos concretos e aceitáveis a esse respeito, isto é no princípio do século de mil e quinhentos, será apropriado e interessante acompanhar esse detalhe da história da Dona do Cávado com dados numerals que computem a sua população a

partir desse período acentuado de desenvolvimento, período cuja importância acabo de salientar. E justamente no começo do século XVI é que aparecem as primeiras estatísticas completas sobre a população antiga de Portugal.

O cômputo da população medieval do país recai em conjecturas mais ou menos arriscadas na falta de documentos que habilitem a cálculos consistentes; os subsídios indirectos não remontam além do século oitavo (d. C.) (Gama Barros, *Historia da Administração Publica*).

A crítica dos acontecimentos atesta nos séculos IX e XI a existência duma sociedade mais numerosa do que somos induzidos a julgar pela situação anormal em que o país se encontrava; no duodécimo século a luta da reconquista, na parte da península que veio a ser Portugal, estava já circunscrita ao sul do Douro, porque era aí que os sarracenos conservavam ainda domínio fixo nalgumas terras. Herculano (*Historia de Portugal*) deixou averiguada definitivamente a persistência de numerosa população cristã entre Minho e Douro e entre Douro e Mondego naquela época. Portanto quando Barcelos entrou na História Nacional, com a obtenção do foral de Afonso Henriques, a região devia ser povoada razoavelmente.

No primeiro quartel do século XIII os documentos (inquirições e forais) são contestes em afirmar o sucessivo aumento da prosperidade geral; assim vê-se que em 1220 a Terra (distrito) de Neiva — com a qual inicialmente supomos constituído o concelho de Barcelos — contava cinquenta e uma freguesias ou igrejas, quarenta das quais ou estavam avençadas ou andavam arrematadas em soma certa, o que indica já haver circulação monetária notável e portanto apreciável densidade de gentes em viver próspero. (*Portugaliae Monumenta. Inquisitiones*).

42 | A primeira relação numeral de habitantes aparece no reinado de D. Denis (1279-1325) com um rol de bêteiros do conto referente a algumas terras da Estremadura e Beira ocidental; sôbre êle se architectaram computações inconsistentes (Rebelo da Silva, *Memoria sobre a população*), assim como também são considerados inconsistentes os cálculos baseados no rol de bêteiros (*Ordenações Afonsinas*) que o infante D. Duarte — depois rei — por ordem de D. João 1.º mandou tomar por base do apuramento já ordenado quando menos em 1421. Era como se depreende uma espécie de recenseamento militar da milícia municipal permanente e privilegiada (pois assim eram os bêteiros do conto, isto é de número prefixado) que devia mobilizar — digamos assim — cada uma das cidades, vilas, julgados ou concelhos do país (Dr. Ricardo Jorge — excerto in *Anuario da Camara do Porto* — 1923). Por simples curiosidade indicarei que Rebelo da Silva (*Memoria citada*) apresenta como população do Minho 89.024 habitantes, que Gama Barros (*Historia da Administração cit.*) emenda para 125.670 almas, tomando como

base haver pelas « Ordenações Afonsinas » 590 bêteiros e corresponder cada bêteiro a 213 habitantes. Na população detalhada das terras caberiam a Barcelos os seguintes bêteiros do conto

Vila	19
Julgado do Neiva	7
Julgado de Penafiel.	5
Julgado de Faria e Rates.	33
Julgado de Vermuím e Vila Nova	22

86

ou sejam 18.328 habitantes no concelho e 3.047 na vila, número evidentemente incerto e abaixo da verdade no total.

Por cartas régias expedidas de Coimbra a 17 de julho de 1527 ordenou D. João 3.º, a cada um dos corregedores das seis comarcas do reino, que se fizesse o arrolamento dos moradores existentes na área do seu distrito. Do resultado desse recenseamento da população fizeram-se uns livros dos quais existem originaes na Torre do Tombo os relativos às comarcas de Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes, Estremadura (tirando Lisboa) e Entre Tejo e Guadiana. O livro da Beira existe hoje no «British Museum» de Londres e o livro do Algarve desapareceu não se encontrando já no dito arquivo em 1814.

O livro da comarca do Entre Douro e Minho foi publicado em cópia paleográfica por Braamcamp Freire em 1905 (*Arquivo Historico Portuguez* — vol. III —) e Costa Lobo (*Historia da Sociedade em Portugal*) classificou-o de = um documento histórico de alta valia, não só pela enumeração dos habitantes, se não que também incidentalmente nos dá noticia de muitos factos da vida social =.

E estamos em presença do primeiro recenseamento de população, de que há notícia em Portugal, no significado rigoroso do termo.

44 | Para a história Barcelense é um documento oficial autêntico curiosíssimo e valiosíssimo; não quero deixar de mencionar um incidente típico do viver da época, e da prosápia dos grandes senhores do tempo, acontecido ao executar-se o censo de Portugal no reinado de D. João 3.º: — o duque de Bragança não admitiu que os escrivães das correições cumprissem a carta régia de 17 de julho de 1527 sem ordem prévia sua às autoridades nas suas imensas terras; foi o que sucedeu em Guimarães e em Barcelos. O rei limitou-se a estranhar o proceder dos juizes e officiaes daquelas vilas, sucedendo o mesmo na comarca alentejana; o censo fez-se mas foi o próprio duque — então D. Jaime — quem ministrou a el-Rei a pedida estatística. Quero dizer nas terras da casa de Bragança o poder real apenas era acatado numas formas exteriores sem importância efectiva. Mas porque se perdesse esse censo, e depois de cartas do duque e outras delongas, conseguiu-se que a diligência se efectivasse, de 10 de setembro a 13 de outubro de 1531, por Álvaro Vaz escrivão real na comarca e correição do Entre Douro e Minho.

Então a população de Barcelos e seu termo — cuja extensão simultaneamente vemos — era a seguinte:

Vila e arrabaldes

Barcelinhos, Cima de Vila, Casal de Nique. 420 fogos

Julgado do Neiva

Vila de Darque	57	} 2.356 fogos
Povoações de Espozende e Fão	272	
45 freguesias	2027	

Julgado de Aguiar (do Neiva)

17 freguesias	891	•
-------------------------	-----	---

Julgado de Penafiel (de Bastuço)

34 freguesias	868	»
-------------------------	-----	---

Julgado de Vermuim

Vila Nova de Famalicão	61	} 2.203 »
62 freguesias	2.142	

Julgado de Faria

Vila de Rates.	71	} 2.244 »
63 freguesias	2.173	

sendo portanto o total de Barcelos e seu termo 8.982 fogos ou, conforme Dr. Costa Lobo (*Historia da Sociedade em Portugal*), attribuindo a cada fogo uma média de 4 moradores, 35.928 habitantes.

E adicionando-lhe os Coutos de Capareiros (da Sé de Braga com 61 fogos) e o Couto de Cabaços (com 46 fogos), temos o total geral de 9.089 fogos isto é 36.356 habitantes, em 227 freguesias, fora as da vila e arrabal-

des, isto é Santa Maria Maior de Barcelos e Santo André de Mareces (actualmente de Barcelinhos para onde a mudaram em 1675), ou sejam ao todo 229 freguesias.

A vila de Barcelos era «... *bem çerquada de muros e torres fortes e tem por fortaleza os paços do Duque e jaz peguada no Rio do cavado tem hua ponte de pedra muyto fermosa que say dos paços e pasa comtra a çidade do Porto pera o arrabalde de Barçelinhos ...*»

46 | O concelho ou térmo imenso de Barcelos estendia-se: para o nascente até à ponte de Arcozelo confrontando com o térmo de Prado (concelho e terra do conde do Prado); de lá ao longo daquêle térmo ia até à Ponte de Anhel; a seguir confrontava com o térmo de Penela (concelho e terra de D. João de Castro) até à Portela de Santo Estêvão (de Geraz do Lima); depois descia à Portela de Deucriste e ao rio Lima seguindo-o até à foz *rio em meo*; continuava pela costa do mar até Vila do Conde e depois pelo rio Ave — limite dos térmos de Barcelos e Porto — até ao térmo de Guimarães; continuava à Ponte do Ave, à de S. Tomé e à de Négrelas, separação dos térmos do Porto e de Guimarães, confrontando com êste segundo térmo até à Portela dos Leitões atingindo o térmo de Braga, passando por Vimeiro e Couto de Tibães até fechar no rio Cávado *acima da villa léguoa e mea* para o lado do Mosteiro de Vilar de Frades.

Eis em documento oficial de 1531 o que então era o vasto e importante concelho de Barcelos, *Dona do Cávado* portanto sem favor. O *concelho* teria começado — como já escrevi — por abranger talvez sòmente o julgado de Neiva, se é que o abrangia todo.

Por carta em Coimbra a 5 de fevereiro de 1372 (e. C. 1410), a rôgo de D. João Afonso Telo 4.º conde donatário de Barcelos, deu-se ao concelho e moradores por térmo o julgado de Penafiel de Bastuço e o Couto de Boigeão (*Chancelaria de D. Fernando*, liv. 1.º fls. 94), parecendo-me ser esta a primeira ampliação do concelho de Barcelos.

D. Gonçalo Teles — irmão segundo do 6.º conde de Barcelos D. João Afonso Telo (de Meneses) — 1.º conde de Neiva por carta de 31 de julho de 1373, era donatário da terra e castelo do Neiva desde 22 de outubro de 1372, senhor do julgado de Faria por carta de 18 de novembro de 1371 e da terra de Vermuím em 9 de setembro de 1376 (*Braamcamp Freire, Brasões de Sintra*). Todas estas terras, e mais Perelhal, Aguiar do Neiva, Darque, Rates e o couto da Várzea, foram confirmadas umas e doadas outras a D. Afonso, bastardo de D. João 1.º e 8.º conde donatário de Barcelos — pela carta de 8 de novembro de 1401 que citei anteriormente — e embora não sejam confundíveis condado e concelho, não andarei longe da verdade afirmando que a maior expansão do térmo se deve também ao citado D. Afonso restaurador e ampliador da vila.

No século XVI, que estou percorrendo, o engrandecimento de Barcelos e do seu térmo teve um continuador no 4.º duque de Bragança D. Jaime (o que dificultou o censo de 1527) a quem, como disse, D. Manuel 1.º restituiu a casa de Bragança perdida pelo 3.º duque D. Fernando degolado em Évora a 21 de junho de 1483 por incurso nas conspirações contra D. João 2.º. Foi êste

duque D. Jaime quem fez colocar marcos em todas as suas terras do condado de Barcelos e ainda alguns existem *in loco*, ostentando já o escudo das armas do reino que êle adoptou, com consentimento régio, por ter sido jurado herdeiro da corôa *em particular* em 1498, marcos que sobretudo se caracterizam por não terem corôa nem outro remate. (1)

Seria prolixo seguir as transformações porque passou o concelho de Barcelos — um dos maiores do país e com assento nas antigas Côrtes gerais no banco 14 junto de Coruche e Monsanto — ; ainda porém em 1836 o térmo abrangia sete léguas de largo de nascente ao poente e dez de norte a sul, sendo limitado ao norte pelo rio Lima, ao sul pelo Ave e ao poente pelo mar (Abade de Louro, *Memoria Historica*).

48 E êste imenso território quási se manteve até às reformas administrativas do liberalismo no século XIX, as quais Gama e Castro (*Diocese e Districto da Guarda*) comentou assim : — « É um cúmulo de disparates a nossa actual divisão administrativa, e sobretudo a distribuição dos districtos pelas antigas provincias . . . »

Por essas reformas fracionou-se o concelho de Barcelos cedendo território aos concelhos de Vila Nova de Famalicão, Póvoa de Varzim e Espozende e outras modificações se fizeram em proveito de Santo Tirso, Vila-do-Conde, Viana-do-Castelo, Ponte-do-Lima, Guimarães e Braga.

Quanto à população, o período crítico da decadência,

(1) Em 1914 encontrei um, perto de Vila Cova junto à estrada para Espozende.



BARCELOS

O PELOURINHO

A velha "picota" concelhia com uma corrente de gargalheira e alge-
/ mas. /

Estilo gótico florido do último período.

duque D. Jaime quem fez colocar marcos em todas as suas terras do condado de Barcelos e ainda alguns existem *in loco*, ostentando já o escudo das armas do reino que êle adoptou, com consentimento régio, por ter sido jurado herdeiro da corôa *em particular* em 1498, marcos que sobretudo se caracterizam por não terem corôa nem outro remate. (1)

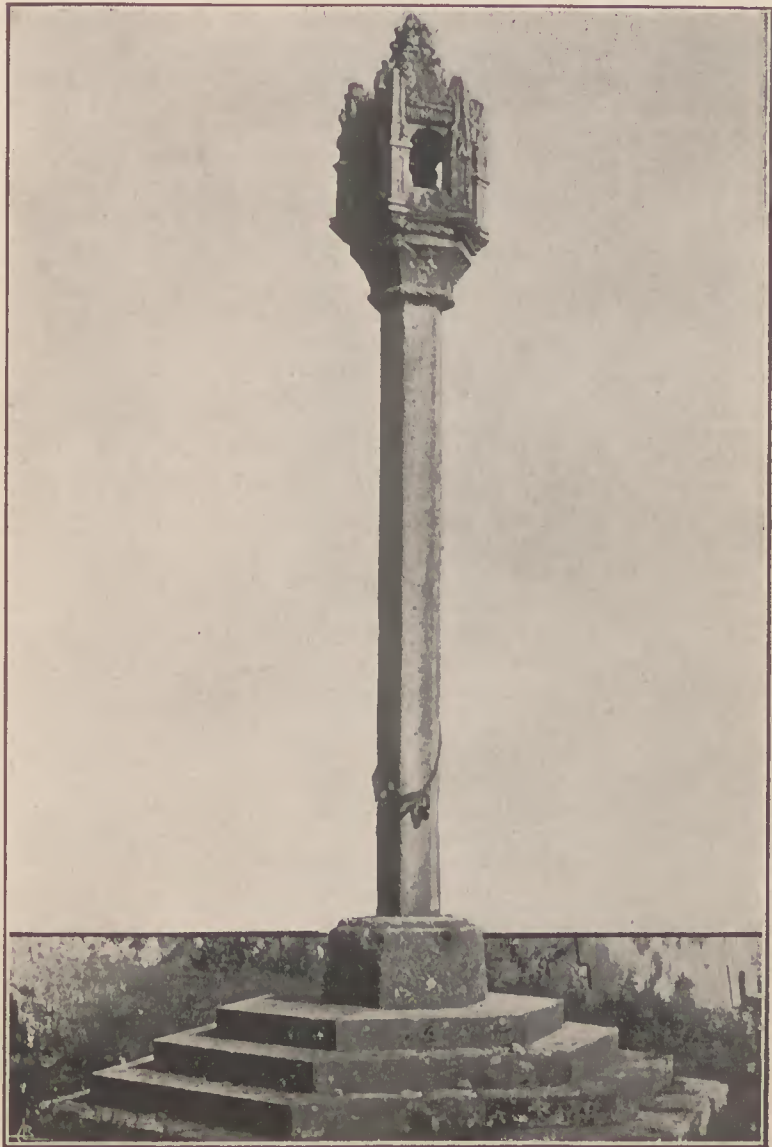
Seria prolixo seguir as transformações porque passou o concelho de Barcelos — um dos maiores do país e com assento nas antigas Côrtes gerais no banco 14 junto de Coruche e Monsanto — ; ainda porém em 1836 o térmo abrangia sete léguas de largo de nascente ao poente e dez de norte a sul, sendo limitado ao norte pelo rio Lima, ao sul pelo Ave e ao poente pelo mar (Abade de Louro, *Memoria Historica*).

E este imenso tórmo quasi se manteve até às reformas administrativas do liberalismo no século XIX, as quais Gama e Castro (*Diocese e Districto da Guarda*) comentou assim : — « E um cômmodo de disparates a nossa actual divisão administrativa, a sobretudo a distribuição dos districtos pelas antigas provincias . . . »

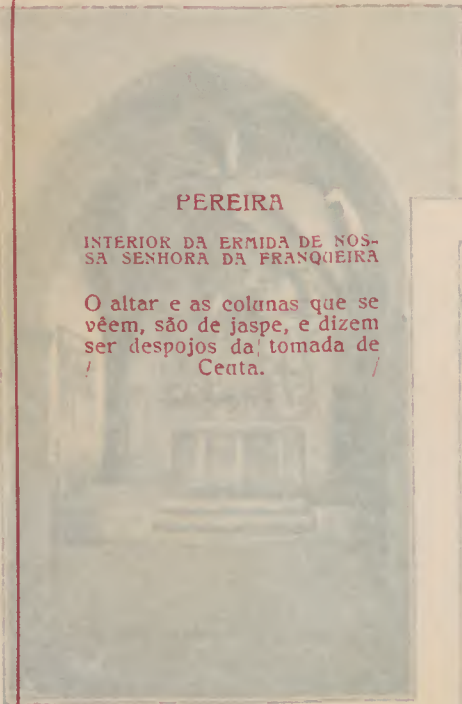
Por essas reformas fracionou-se o concelho de Barcelos cedendo território aos concelhos de Vila Nova de Famalicão, Póvoa de Varzim e Espozende e outras modificações se fizeram em proveito de Santo Tirso, Vila-do-Conde, Viana-do-Castelo, Ponte-do-Lima, Guimarães e Braga.

Quanto à população, o periodo crítico da decadência,

(1) Em 1914 encontrei um, perto de Vila Cova junto à estrada para Espozende.



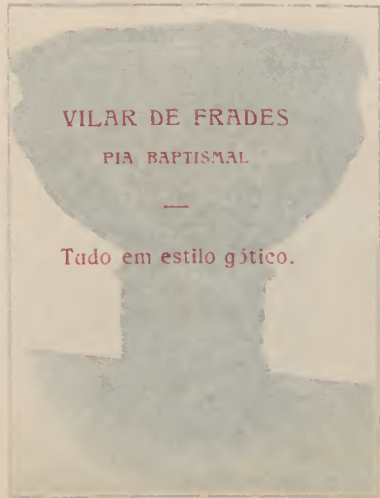




PEREIRA

INTERIOR DA ERMIDA DE NOS-
SA SENHORA DA FRANQUEIRA

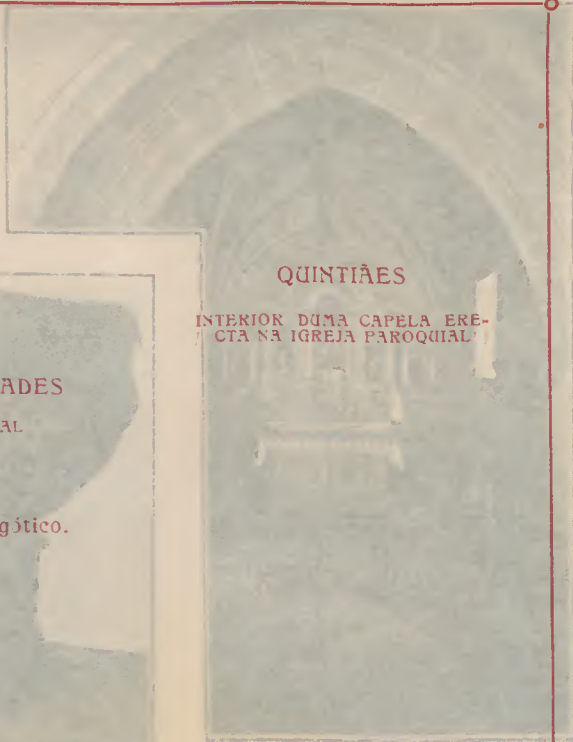
O altar e as colunas que se
vêem, são de jaspe, e dizem
ser despojos da tomada de
Ceuta.



VILAR DE FRADES

PIA BAPTISMAL

Tudo em estilo gótico.



QUINTIÃES

INTERIOR DUMA CAPELA ERE-
CTA NA IGREJA PAROQUIAL

PEREIRA

INTERIOR DA ERMIDA DE NOS-
SA SENHORA DA PRASOUBINA

O altar e as colunas que se
vêm, são de jaspe, e dizem
ser despojos da tomada de
Ceará.

VILAR DE FRADES

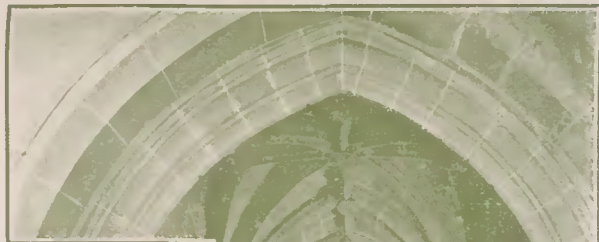
PIA BAPTISTA

—

Tudo em estilo gótico.

QUINTIÃES

INTERIOR DUMA CAPELA ERB-
ITA NA IGREJA PAROQUIAL



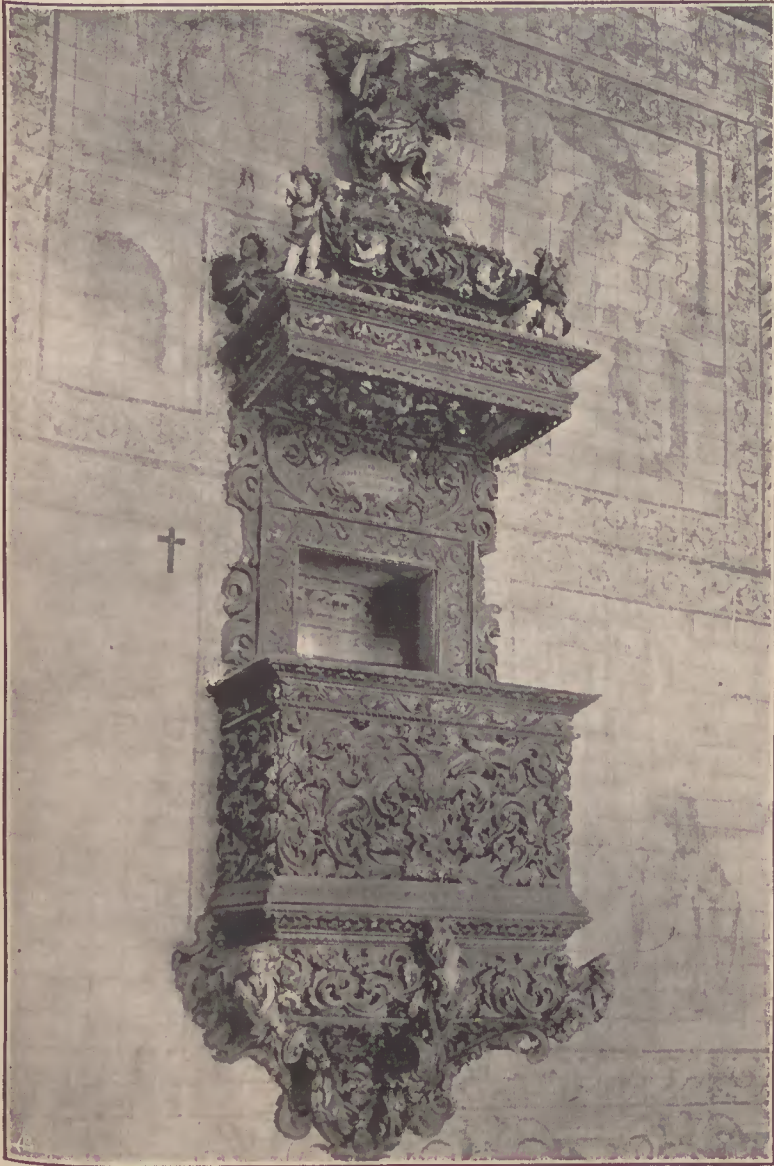


BARCELOS

PULPITO DO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO TERÇO

Obra em talha dourada do século XVIII.

OPRA em talha doada do século XVIII.
EDIFÍCIO DO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO TERÇO
BARCELLOS



BARCELOS



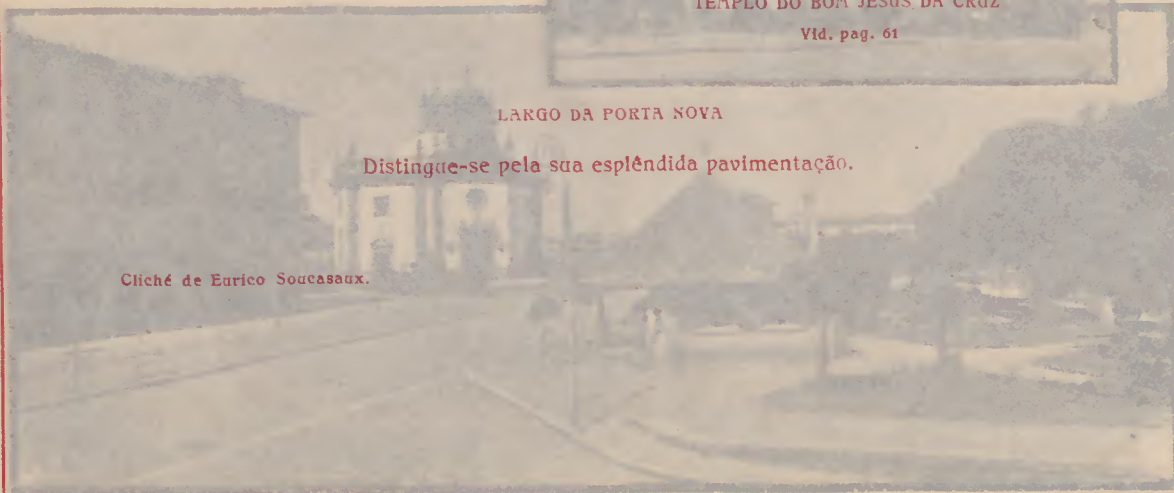
TEMPLO DO BOM JESUS DA CRUZ

Vid. pag. 61

LARGO DA PORTA NOVA

Distingue-se pela sua esplêndida pavimentação.

Cliché de Eurico Soucasaux.



BARCELLOS

TEMPLO DO BOM JESUS DA CRUZ

VII. pag. 61

LARGO DA PORTA NOVA

Distingue-se pela sua esplêndida pavimentação.

Chefe de Serviço Soutosax.





BARCELOS

LARGO DA PORTA NOVA

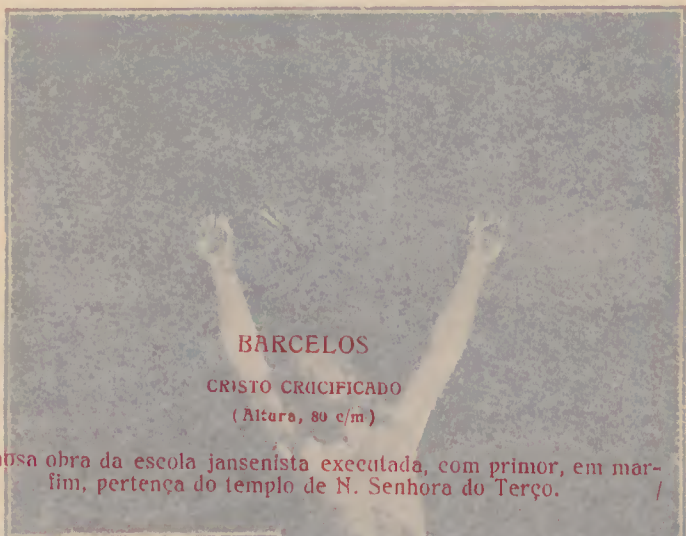
Coração da vila antiga e moderna.

Cliché de Eurico Soucasaux.

BARCELLOS
LARGO DA PORTA NOVA
Coração da vila antiga e moderna.

Cliché de Ertico Souzassaux.



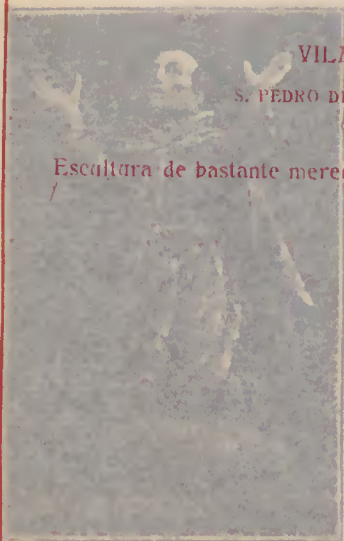


BARCELOS

CRISTO CRUCIFICADO

(Altura, 80 c/m)

Formosa obra da escola jansenista executada, com primor, em marfim, pertença do templo de N. Senhora do Terço.

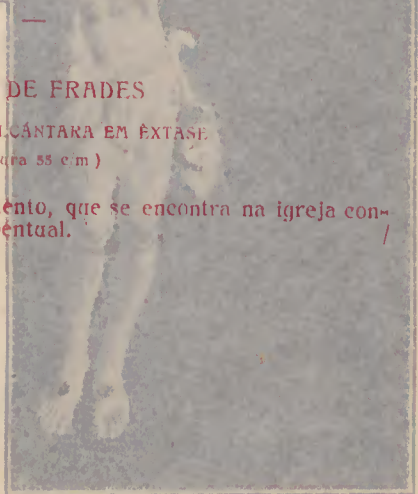


VILAR DE FRADES

S. PEDRO DE ALCÁNTARA EM ÊXTASE

(Altura 55 c.m)

Escultura de bastante merecimento, que se encontra na igreja conventual.



BARCELLOS

CRISTO CRUCIFICADO

(Altura, 80 cm)

Formosa obra da escola jansenista excelsa, com primor, em már-
fim, pertença do templo de N. Senhora do Terço.

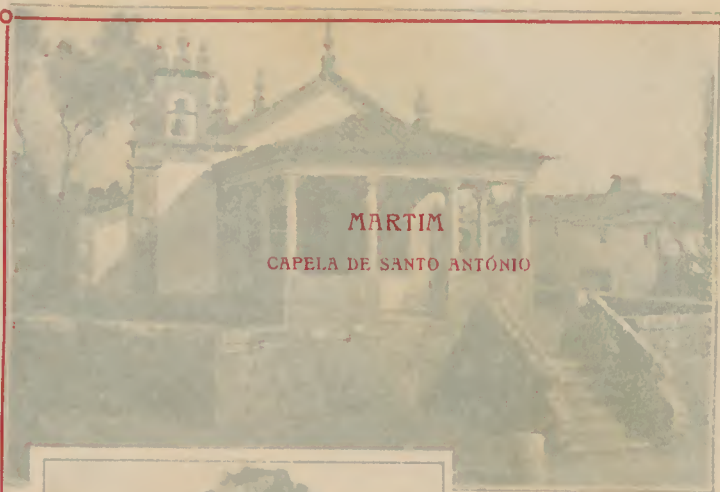
VILAR DE FRADES

S. PEDRO DE ALCANTARA EM EXTASIS

(Altura 85 cm)

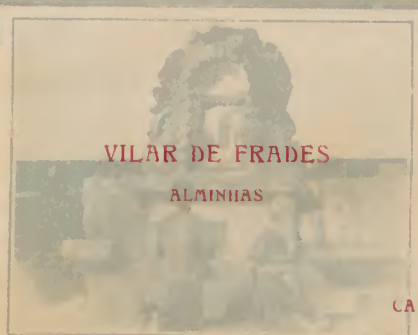
Escultura de bastante merecimento, que se encontra na igreja con-
ventual.





MARTIM

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO



VILAR DE FRADES

ALMINHAS



BARCELINHOS

CAPELA DE N. SENHORA DA PONTE



AGUIAR

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Todos os assuntos são evocadores, sugestivos e atraentes !

Comparem-se estas adoráveis capelinhas portuguesas de alma e coração, de alpendradas agasalhadoras, fundamentalmente cristãs, com o delambidismo arquitectónico, implicante, das que se constroem actualmente nas nossas aldeias, nada dizendo da função elevada a que se destinam.

As alminhas espiritualizam ao máximo um conjunto tão harmonioso!

MARTIM

CAPELA DE SANTO ANTONIO

VILAR DE FRADES

ALMINHAS

BARCELINHOS

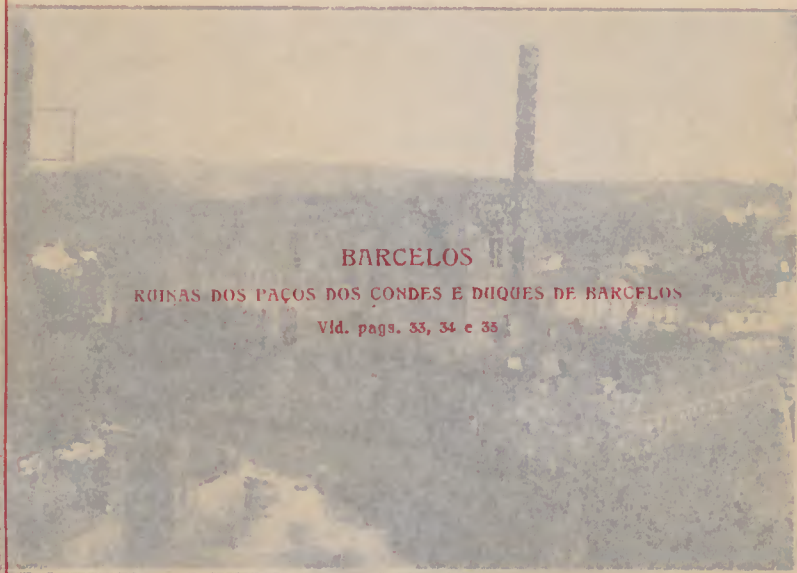
CAPELA DE N. SENHORA DA FONTE

AGUIAR

CAPELA DE SANTO ANTONIO

As alminhas espiritualizam ao máximo em conjunto tão harmonioso!
Tudo se destina.
Actualmente nas nossas aldeias, nada dizendo da função elevada a
o delambidismo arquitectónico, implicante, das que se constroem
ração, de alpendradas apparatus, fundamentalmente cristãs, com
Comparam-se estas adórcis capelinhas portuguesas de alma e co-
Todos os assuntos são evocadores, sugestivos e atraentes!





BARCELOS

RUINAS DOS PAÇOS DOS CONDES E DUQUES DE BARCELOS

Vld. pags. 33, 34 e 35



PAÇOS DO CONCELHO

BARCELLOS

RUBENS DOS PAÇOS DOS CONDES E DUQUES DE BARCELLOS

VII. pags. 33, 34 e 35

PAÇOS DO CONCELHO



que se apoderou do país no último quartel do século XVI acentuando-se no seguinte, explica a baixa que Adrien Balbi (*Variétés politico-statistiques*) calcula entre o censo de 1527 e um arrolamento de 1636 no qual toda a população portuguesa aparece pouco superior a um milhão.

Mas nas campanhas da restauração diz-se que Barcelos mobilizou sete terços, quinhentos carros, mil e quinhentos gastadores, fora ordenanças, o que revela população densa.

Em 1732 D. Luís Caetano de Lima (*Geografia Historica*) atribui à vila quinhentos vizinhos no sentido já se vê de fogos.

No século seguinte, imediatamente antes do liberalismo, o termo de Barcelos compreendia cerca de 195 freguesias, 27.274 fogos e 113.485 almas.

Em 1867 o termo novo abrangia cerca de 96 freguesias, 10.951 fogos e 41.173 almas.

Em 1898 o concelho compunha-se de 94 freguesias com 45.157 habitantes, pertencendo à vila (com Barcelinhos) 4.385 (Guilherme A. M. Alves, *Divisão Administrativa do Reino de Portugal* — publicação oficial).

Com pequenas diferenças se tem mantido esse termo até à actualidade e a população, pelo último censo oficial publicado (6.º *Recenseamento Geral de População* — Dezembro de 1920), é de: 11.900 fogos e 52.047 habitantes de facto (varões 23.189, fêmeas 28.858) no concelho constituído por 89 freguesias; 846 fogos e 3.731 habitantes de facto (varões 1683, fêmeas 2.048) na vila; 318 fogos e 1.407 habitantes de facto (varões 617, fêmeas 790) em Barcelinhos.

Esta densidade de habitantes ocupa o 3.º lugar — de mais para menos — na população geral do país avaliada por concelhos.

À data em que isto escrevo (maio de 1927) está em impressão o 7.º Recenseamento Geral do qual não obtive informes a tempo.

Se grande era o concelho antigo de Barcelos, maior ainda chegou a ser a *comarca*, cujo aumento se pode considerar acompanhando a expansão daquêle, pois foi absorvendo sucessivamente os antigos julgados de Neiva, Penafiel de Bastuço, Aguiar (do Neiva), Faria e Vermuím.

E crescendo sempre chegou a dominar um bairro ou rua de Lisboa!

D. Luiz Caetano de Lima (*Geografia Historica cit.*) inclui na comarca de Barcelos:

Sete vilas: Barcelos, Castro Laboreiro, Esposende, Famalicão, Melgaço, Rates e Vila do Conde;

Três concelhos: Larim, Portela das Cabras e Vila Chã;

Cinco coutos: Cornelhã, Fragoso, Gondufe, Palmeira ou Landim e Vilar de Frades;

Um julgado: Vermuím;

Uma honra: Farelães.

Mas é no *Mapa Alfabetico das Povoações de Portugal* (Lisboa — Impressão régia — 1811) que se encontra a composição oficial e detalhada da desconforme comarca de Barcelos, na sua última modalidade antes do liberalismo.

Então compreendia :

Oito vilas: Barcelos, Castro Laboreiro, Esposende, Vila do Conde e Vilarelho do Bairro, todas da Casa de Bragança; Melgaço da Casa de Melo; Ois da Ribeira do Bispo de Coimbra e Paos da Coroa.

Oito concelhos: Larim, Louzada, Rates da Casa de Bragança; Ferreiros de Tendaes e Tendaes do Visconde de Balsemão; Paiva, Vila Chã e Penela (Portela das Cabras) da Coroa;

Cinco coutos: Correlhã, Gondufe e Nogueira da Casa de Bragança; Farelães da Condessa da Cunha e Landim de Sebastião Pereira de Meneses.

Uma honra: Baltar da Casa de Bragança.

Tinham juiz de fora a vila de Barcelos e Vilarelho do Bairro por anexa a Eixo, juiz ordinário, tudo o mais e toda a comarca pertencia então à Provedoria de Viana do Minho (Viana do Castelo).

Com o liberalismo fracionou-se a imensa comarca antiga de Barcelos; os seus componentes dividiram-se pelas comarcas modernas de Barcelos, Penafiel, Arouca, Melgaço, Ponte-do-Lima, Sinfães, Esposende, Famalicão, Vila Verde, etc., numa mais razoável e necessária harmonia com o progresso de outras povoações e portanto com as necessidades dos povos.

Era a normalização por irem desaparecendo as exageradas influências da Casa de Bragança.

Actualmente a comarca de Barcelos abrange tanto como o concelho, desde que se criou a comarca de Esposende (decreto de 27 de outubro de 1898).

O **BRASÃO** SÍMBOLO concelhio o *brasão de armas* da vila de Barcelos data do século XVI; é nesta época, da história da Dona do Cávado, que é apropriado referenciar esse outro pergaminho Barcelense.

Num país como Portugal — que se supõe adiantado com pavorosa percentagem de analfabetos — não admira que ainda haja certo desdém pela Heráldica, sciência relativamente moderna, mas subsídio indispensável da história, à qual presta elementos preciosos conjugada com outros afins: a esfragística (selos), a numismática (moedas) e a diplomática (documentos).

Dá-se o nome de *armas assumidas* às que não provieram de herança ou concessão e foram adoptadas por um povo, por uma localidade ou por um cavaleiro para insígnia própria; as armas assumidas pelos estados ou senhorios territoriais teem a designação de *armas de domínio*. A esta categoria pertencem os brasões dos antigos concelhos, porquanto representavam a propriedade do território e a jurisdição adquiridas por efeito da *carta de foral* e por esta transmitidas em plena posse ao governo popular eleitor. Os municípios assumiam, compunham o seu símbolo esfragístico, isto é o seu *selo*, em regra com elementos locais para autenticar as suas deliberações. Com este símbolo se formavam o *brasão de armas municipal* e a *bandeira do concelho*. Eis *tout court* a génese das armas heráldicas municipais portuguesas antigas.

Porque os municípios são de administração autónoma, o direito à marca sigilar, importava a concessão, para governo, de fazer leis (posturas, impostos) que o selo

validava. Quero dizer um *brasão municipal* é o significado simbólico duma povoação no direito e gozo de liberdades populares privativas, a consubstanciação mesma da sua existência através dos tempos no conjunto geral da nacionalidade. Não é como, nem imita, os brasões nobres porque alude a regalias do povo, tisonado e humilde, mas enchendo a nossa história desde *a arraya meuda* das crónicas medievais, dos mareantes que sofreram e morreram para unir dois oceanos e criar três impérios, na Índia, no Brasil e na Africa, até aos *serranos cinzentos* dos pântanos da Flandres, ao qual alguém chamou = humus onde se acumulam todas as energias criadoras duma raça = (Julio Dantas, *História da Colonização do Brasil*).

Desdenhar portanto um brasão de município, ou considerá-lo mero enfeite obsoleto, seria demasiada ignorância ou o propósito de rasgar toda a história tradicional duma terra!

Deve-se à « Secção de Heráldica e Genealogia » da « Associação dos Arqueólogos Portugueses » o acerto do brasão da vila de Barcelos, por consulta da Comissão Executiva Camarária recentemente. (1)

Do parecer elaborado pela dita « Secção » arquivado na Câmara Municipal de Barcelos, consta a análise da série de erros cometidos com o símbolo da « Dona do Cávado », a crítica técnica do figurado das Armas e a fixação da sua forma correcta, portanto hoje definitiva e oficial.

(1) Consulta do Presidente Dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca em officio de 17 de Julho de 1923; Parecer aprovado em sessão da « Associação dos Arqueólogos » de 28 de maio de 1924.

A mais remota figuração do brasão de Barcelos diz-se que é a pedra de armas, que se encontrava na torre da antiga casa da Câmara, seguindo-se-lhe a da face norte do actual chafariz modernizado do Campo da República (Campo da Feira), simplificação da primeira pedra.

O Parecer da « Associação dos Arqueólogos » considera a pedra da antiga Câmara como sendo o brasão autêntico da vila de Barcelos, regeitando todas as posteriores modificações que a tal respeito se fizeram.


O edifício da antiga Câmara — localizável na parte ocupada presentemente pela Administração do concelho e Tribunal da comarca — foi completamente transformado e ampliado modernamente, quando a Misericórdia se transferiu para o extinto convento dos frades capuchos, começando as obras por 1840 e tantos.

Nessa ocasião tiraram a pedra de armas, que mais tarde — 1900 ou pròximamente — appareceu por acaso numa entulheira que se removia, salvando-a os falecidos Dr. Antonio Ferraz e Dr. Martins Lima.

Essa pedra é pelo menos da segunda metade do século XVI porque :

1.º — o seu exame mostra que foi gravada depois da publicação da *ordenação* de 1485 (junho) pela qual D. João 2.º mandou tornar pendentos os escudetes laterais das armas heráldicas de Portugal, os quais até então eram apontados ao do centro (Santos Ferreira, *Armorial Português*).

2.º — a heráldica nacional, tardiamente criada pelos officiais de armas de D. João 1.º (1385-1433), e de seus pròximos sucessores, só se generalizou pelo país com



PEDRA DE ARMAS
DE
BARCELOS.

A mais antiga figuração conhecida do símbolo heráldico (*sêto*)
/ municipal barcelense. /

(Vid. pp. 51.)

A mais remota figuração do brasão de Barcelos diz-se que é a pedra de armas, que se encontrava na torre da antiga casa da Câmara, seguindo-se-lhe a da face norte do actual chafariz modernizado do Campo da República (Campo da Feira), simplificação da primeira pedra.

O Parecer da « Associação dos Arqueólogos » considera a pedra da antiga Câmara como sendo o brasão autêntico da vila de Barcelos, regeitando todas as posteriores modificações que a tal respeito se fizeram.

O edifício da antiga Câmara — localizável na parte ocupada presentemente pela Administração do concelho e Tribunal da comarca — foi completamente transformado e ampliado modernamente, quando a Misericórdia se transferiu para o extinto convento dos frades capuchos, começando as obras por 1840 e ~~tardos~~.

Nessa ocasião tiraram a pedra de armas, que mais tarde — 1900 ou ~~próximo~~ pareceu por acaso numa entulheira que se removia, levando-a os falecidos Dr. Antonio Ferraz e Dr. Martins Lima.

Essa pedra é pelo menos da segunda metade do século XVI porque :

1.º — o seu exame mostra que foi gravada depois da publicação da *ordenação* de 1485 (junho) pela qual D. João 2.º mandou tornar pendentos os escudetes laterais das armas heráldicas de Portugal, os quais até então eram apontados ao do centro (Santos Ferreira, *Armorial Português*).

2.º — a heráldica nacional, tardiamente criada pelos oficiais de armas de D. João 1.º (1385-1433), e de seus próximos sucessores, só se generalizou pelo país com



regularidade depois que D. Manuel 1.º cuidou em estabelecer oficialmente regras próprias e acabar com arbítrios no uso de brasões, ordenando a partir dos anos de 1495 a 1509, investigações nêsse sentido (Braamcamp Freire, *Brasões de Sintra*);

3.º — na pedra figura uma arvore, na qual se quiere ver o chamado *carvalho da ponte*, mas na mais antiga vista panorâmica conhecida da vila de Barcelos, e que data do primeiro quartel do século XVI, ainda tal arvore não aparece (Duarte de Armas, *Livro das fortalezas*, códice pergamináceo quinhentista no Arquivo Nacional).

Portanto, deixando no sossêgo e pó das *curiosidades* as pias *invenções panegíricas* dos cartapácios fradescos, as armas heráldicas barcelenses mais antigas, que por direito e obrigação há que adoptar, datam da segunda metade do século XVI e não foram dadas *por favor particular* (Vilas Boas e Sampayo, *Nobillarchia Portuguesa*) do 8.º conde de Barcelos, depois 1.º duque de Bragança falecido em dezembro de 1461, nem tal concessão podia ter sido feita visto que as armas dos antigos concelhos eram por êles próprios escolhidas. Eram *armas de domí-
nio* como acima escrevi. (1)

Assente pois que o brasão autêntico da vila de Barcelos = Dona do Cávado = é o figurado na pedra de armas antigamente colocada na torre do primitivo edificio da

(1) Essa pedra encontra-se hoje no museu de antigüidades, em formação nas ruínas dos Paços dos condes-duques. Dela vai uma zincogravura nesta resenha.

Câmara Municipal, e que esse brasão foi composto — *assumido* — pelo município quando muito na segunda metade do século XVI e não antes, vejamos como se ordenou e vamos lê-lo, isto é *brasoná-lo*.

Na falta de factos históricos notáveis tradicionais figuraram-se os monumentos na época salientes na povoação: os paços dos donatários, a ponte com a arvore e a ermida no extremo oposto, reproduzindo a bem dizer o *aspecto* da parte então principal da vila.

Encimando a ponte há três torres quadradas cobertas e ligadas, aludindo à fortificação de Barcelos; no chefe vêem-se três escudetes, os dos flancos com as armas nacionais antigas, o do centro com o brasão do 8.º conde de Barcelos e 1.º duque de Bragança, que reconstruiu a vila beneficiando-a grandemente.

Esta escolha e disposição das *peças heráldicas* está simbolicamente perfeita e bem ordenada tècnicamente.

Não é vulgar possuir-se umas *armas de domínio* tão correctamente compostas e que tão bem se coadunem com os preceitos heráldicos: para *peças principais* os monumentos da cabeça de concelho, como acessórios — *peças secundárias* — uma abreviatura da fortaleza da terra e o escudo de armas do reedificador entre os símbolos da nacionalidade.

Que *esmaltes* — côres e metais — devem *iluminar* as armas de Barcelos?

As edificações figuram-se de prata, a não ser que se trate de castelos ou povoações que sofreram e venceram assaltos ou cêrcos, caso único em que se esmaltam de ouro. As árvores são sempre de verde e as aguas figuram-

se de prata *ondadas ou agudadas* de azul ou o inverso conforme o esmalte do campo do escudo.

E éste? Nas *armas de domínio* o campo do escudo é função do esmalte das peças principais; no brasão barcelense essas peças sendo de prata, o campo podia ser de vermelho ou de azul, e porque a côr de vermelho se destinava a premiar casos heróicos de guerra — que não há na tradição da terra — o esmalte do campo deve ser de azul, côr alusiva a qualidades nobres como lealdade, zêlo, caridade, etc. e Barcelos tem provado que é leal.

Traduzindo em linguagem técnica o que se vê na pedra, o *brasonado* das armas autênticas da vila de Barcelos é o seguinte:

= De azul. Uma ponte de prata, de cinco arcos e com sete ameias na guarda, sainte dum contra-chefe agulado do mesmo e do campo; a ponte é acompanhada à dextra por uma torre de prata quadrada torreada e à sinistra por uma árvore de sua côr plantada numa arca do primeiro e por uma ermida do mesmo com sua sineira, e é encimada por três torres quadradas do mesmo cobertas e assentes num terrado de sua côr. Em chefe alinhados um escudete de Bragança dos duques acompanhado por dois de Portugal antigo. =

E porque se trata dum brasão municipal, não deve o escudo (na forma clássica portuguesa curvo na parte inferior) ser encimado de qualquer atributo como coroas que são símbolos de nobreza. Se tais complementos apparecem em brasões municipais, apenas isso traduz a influência, a corrigir, do absolutismo e conseqüente subserviência das autoridades municipais, que desrespeita-

ram o significado verdadeiro das armas (*selo*) dum concelho, e ocasionalmente esclareço que embora Barcelos fosse condado êste e o município não se confundiam; um exemplo mostra suas mutuas relações: para cargos públicos o povo elegia, dentre os eleitos o donatário escolhia.

Com o símbolo heráldico concelhio ornamenta-se a bandeira municipal, que por ser um *estandarte* tem a forma quadrada com as côres das peças principais do escudo, isto é *branca* ostentando no centro o *selo camarário* pintado ou bordado.

O brasão *certo* de Barcelos já figura em cunhos arquivados na Câmara Municipal; a bandeira *certa* foi arvorada pela primeira vez no Dia de Natal (festa da família) de 1925.

Da forma oficial dêsse brasão faço acompanhar esta referência dum croquis, que só se recomenda pela intenção de o fazer conhecido e conforme com os preceitos da heráldica.



Modalidade definitiva conforme Parecer da "Associação dos Arqueólogos Portugêses" aprovado em sessão de 28 de maio de 1924.

(Vid. pg. 57)

BARCELOS

Joyavello

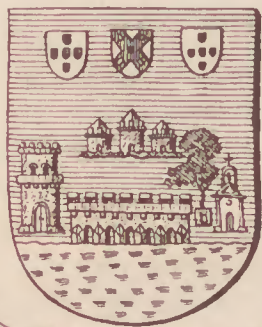
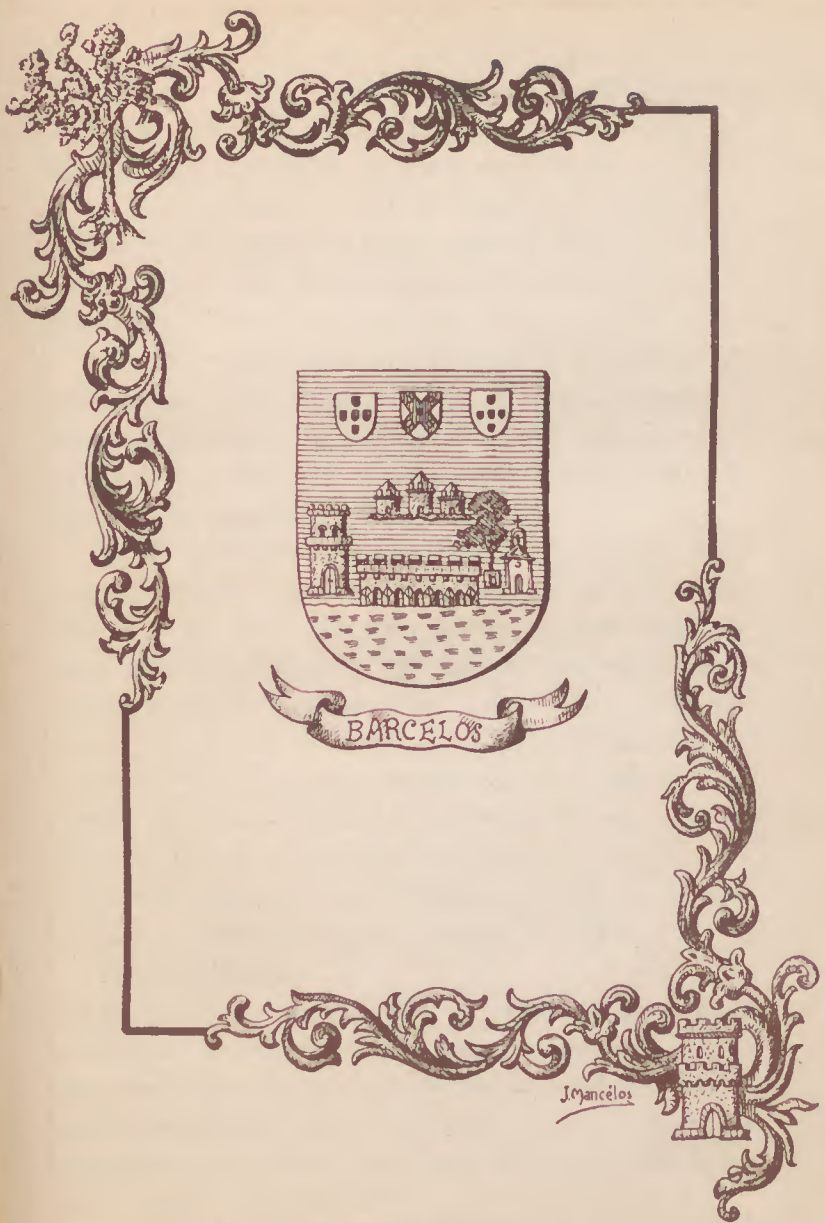


ram o significado verdadeiro das armas (*selo*) dum concelho, e ocasionalmente esclareço que embora Barcelos fesse condado êste e o município não se confundiam; um exemplo mostra suas mutuas relações: para cargos públicos o povo elegia, dentre os eleitos o donatário escolhia.

Com o símbolo heráldico concelhio ornamenta-se a bandeira municipal, que por ser um *estandarte* tem a forma quadrada com as côres das peças principais do escudo, isto é *branca* ostentando no centro o *selo camarário* pintado ou bordado.

O brasão *certo* de Barcelos já figura em cunhos arcaicos na Câmara Municipal; a bandeira *certo* foi arvorada pela primeira vez no Dia do Natal (esta da família) de 1925.

Da forma oficial dêsse brasão faço acompanhar esta referência dum croquis, que só se recomenda pela intenção de o fazer conhecido e conforme com os preceitos da heráldica.



BARCELOS

Isancelos



O
milagre
das cruzes
—
A
feira de
Barcelós

NA história barcelense do século dezasseis salienta-se o aparecimento, no Arrabalde de Cima de Vila, não longe da antiga ermida do Salvador, de cruzes anegradas de argila chistosa, talvez ramificações concomitantes dos chistos carbonosos da chamada *Terra Negra*, aquela região estranha entre Bougado e Famalicão, de

veios negros como carvão, em vez de humo, insensível à beleza da verdura e ao exemplo da terra dócil que, ali a dois passos, produz pão e flores nos ridentes vales de São João do Calendário e do Ribeirão.

Numa sexta-feira, 20 de dezembro de 1504, nove horas da manhã, o sapateiro João Pires teve a visão duma cruz preta no chão = de três covados, & meio em comprido, & dous covados, & três quartos em ancho, & de largura a quadra della de hum palmo & em todo por igual = (Fr. Pedro de Poyares, *Tratado Panegyrico de Barcelos*, 1672). = O povo cavava, tirava a terra e logo a cova se tornava a encher = (Rocha Freire, *Relação Historica*, 1871), e na aparição viu Deus!

A fama do divino sinal correu, alteou, até se arreigar profunda e indelêvelmente nas crenças da região.

Milagre! Milagre!

As gentes ignorarão todos os miliários da história barcelense — e não há dúvida que os ignoram —, mas que numa dada sexta feira de há quatrocentos anos Nosso Senhor traçou com seu omnipotente dedo o símbolo do seu martírio, isso não há velho nem novo que o não saiba, o não creia e o não venere!

Milagre! Milagre!

É a fé resplandecente dum povo simples e naturalmente bom, que no Ser Supremo vê também bondade acolhedora.!

Logo todos acudiram com ofertas, com dinheiros; a cruz milagrosa em breve se cobriu com uma abóbada firmada em pilares de cantaria, início duma ermida do *Senhor da Cruz às costas* e um mercador barcelense trouxe de Flandres em 1505 uma imagem apropriada.

60 Mas até mesmo desta primeira materialização do crucificado a imaginação se apodera, uma lenda se forma: o Senhor da Cruz antigo era irmão do Senhor de Matozinhos e do Senhor de Fão; todos foram deitados ao mar lá em terra *munto longe*; vieram juntos por mar, até que uma onda arrojou um à praia de Matozinhos, outro à praia de Fão e o terceiro levou-o a maré Cávado acima! Gentes viram-no, tiraram-no do rio e por se fazer noite ao chegarem a Barcelos, guardaram-no naquela capela das Cruzes. Mas amanhecendo e dispostos a continuar viagem, foi impossível tirá-lo da capela! E hoje, e para todo o sempre, que ninguém pense em deslocar a imagem! Impossível! Quere estar em Barcelos no Templo das Cruzes! (Gomes Pereira, *Tradições populares*).

O Bom Jesus de Barcelos
Escreveu para o de Fão.
E o de Fão para Matozinhos
Que todos três são irmãos.

Formou-se logo um culto, que a gentilidade atávica da região converteu em romaria deslocada para mez diferente do da visão, para maio quando, nesta região essen-

cialmente agrícola, toda a vegetação entra francamente na florescência.

E é essa uma das principais romarias do Minho, a preponderante em todas as do concelho, à qual se reportam todos os aniversários, tenções e destinos da família rural. Com ela se gastam as economias da colheita e com ela *se apegam* dores e sonhos.

Para as Cruzes se adiam negócios, merendas, ofertas e pedidos de... amor!

Com a construção dum templo originou-se uma irmandade, que já existia em 1609, ano em que foi indulgenciada por Paulo 5.º Borghese 239.º Papa eleito em 1605, e em 1667 se lhe fizeram estatutos posteriormente reformados várias vezes.

No começo do século XVIII, em 1705, se promoveu a reconstrução monumental do Templo do Senhor da Cruz tal como hoje o vemos, com sua bela abóbada e interessante adro, ostentando aos lados da porta principal duas cartouches com inscrições, dizendo a da esquerda — *Extractum anno MDIV* — e a da direita — *Ampliatum anno MDCCV* —, isto é respectivamente — Edificado no ano de 1504 — e — Aumentado em 1705 —.

A preciosidade porém do actual Templo do Senhor da Cruz é a maravilhosa imagem de Cristo com a cruz, escultura italiana, que é um primor de arte, na base da qual se lê:

Giuseppe Berardi. Sculpi in Roma 1875

e que muito particularmente recomendo ao forasteiro, sendo incontestavelmente uma das melhores produções artísticas existentes em Barcelos.

Entendo ainda mais que do culto ao Senhor da Cruz derivou a *feira semanal* de Barcelos, porque não me foi dado encontrar referência alguma concreta, e ainda menos documental, à concessão de feira anteriormente às notícias sobre as feiras barcelenses posteriores ao *Milagre das Cruzes*.

É verdade que são remotas as informações sobre um mercado semanal de gado na *Madalena*, hoje Campo de S. José, mas isso não é suficiente para afirmar que a Barcelos fôra concedida uma feira ou mercado semanal concelhio, regalia em regra constante de carta régia, como aconteceu por exemplo com Viana do Castelo.

O que é certo é que depois do século XVI a *feira de Barcelos* se converteu num dos mais excepcionalmente importantes mercados de todo o país, pela diversidade de produtos, valor das transacções, aglomerado interessantíssimo de pequenas indústrias, museu típico e originalíssimo de tudo quanto o formigueiro minhoto produz e transacciona, com a particularidade de ser semanal.

Essa importantíssima feira — que a facilidade sempre crescente de comunicações vai todavia apoucando — tem o seu dia grande por ocasião das *Festas das Cruzes* em 1, 2 e 3 de maio.

É a *Feira grande das Cruzes*, festa local, agora feriado municipal, quási sempre o principal dia duma semana inteira de ornamentações, cortejos, certâmens, paradas agrícolas, luminárias, fogo de artifício, concurso imenso de povo, festas religiosas, comissões apropriadas escolhidas com antecedência para direcção, execução e angariadoras de fundos, porque tudo isso são as chama-

das *Festas das Cruzes*, que embora nem todos os anos se façam com a mesma importância, sempre provocam festejos.

Barcelos e a *Feira das Cruzes*! É o éco repercutido por todo o país quando se fala na Dona do Cávado!

Como regra quem pensa em visitar Barcelos fá-lo pois sempre nos dias da *Festa e Feira das Cruzes*.

Ainda por fim ao *Milagre das Cruzes*, culto consuetudinário, à feira e às festas anuais, deve Barcelos a completa transformação do Arrabalde de Cima de Vila, sucessivamente acrescido de casario, desbravando-se os terrenos próximos até se converter no actual Campo da República (na *vox populi* eternamente o Campo da Feira) o antigo *Borrôco* das *Inquirições* medievais e numa das partes mais citadinas da povoação toda a zona próxima do Templo do Senhor da Cruz, como direi ao referenciar os progressos modernos da Dona do Cávado.

O alferes barcelense No Largo do Apoio — recanto já mencionado e que todo êle evoca Barcelos antiga, sendo motivo dum dos interessantísimos desenhos de Vilaça — encontra o visitante uma pequenina casa, enegrecida pelos séculos, ostentando uma pedra de armas com o brasão dos Regos: — de verde; banda ondada de prata, aguada de azul, carregada de três vieiras de oiro.

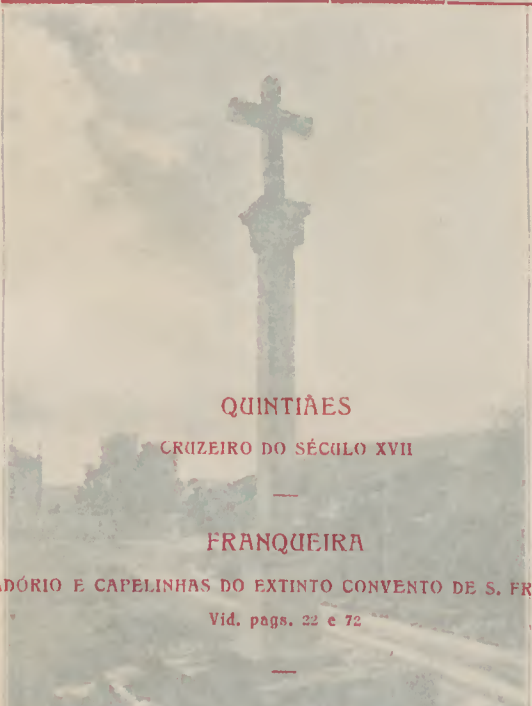
Há na pedra, nítida, a influência das iluminuras do «Livro do Armeiro Mor» nuns ornatos em curvas elegantes, enchendo o campo livre do escudo, e embora sem elmo nem timbre, é um exemplar precioso da heráldica quinhentista.

A essa relíquia histórica se liga — e a Barcelos — a rememoração de Alcácer-Quibir, = a tremenda batalha, fidalga como nenhuma outra = (Antero de Figueiredo, *D. Sebastião*).

Porque na refulgente cavalgada de orgulho e galantaria, que foi à África, seguindo a quimérica = maravilha fatal da nossa idade =, como se fôra a uma liça quebrar lanças por sua dama, sobressaíam as gentes de peleja do duque de Bragança em cujo número era farto o contingente dos de Barcelos.

Porque nessa hoste privilegiada, vestida toda ela com opulência e brilho de escarlate e amarelo — luxo e orgulho — tinha o cargo — honra suprema — de alferes do estandarte dos altivos Braganças um filho de Barcelos.

E aquela casa era a de Gaspar Goes do Rego, cavaleiro da Casa de Bragança, comendador de Santa Olaia *na de Cristo*, morgado de Merece em S. Pedro de Cal-



QUINTIÃES

CRUZEIRO DO SÉCULO XVII

FRANQUEIRA

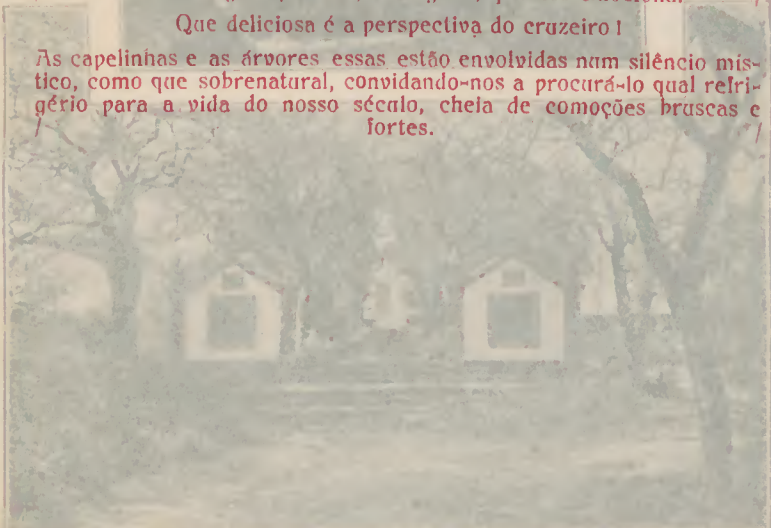
ESCADÓRIO E CAPELINHAS DO EXTINTO CONVENTO DE S. FRANCISCO

Vid. pags. 22 e 72

Há nesta página alguma coisa de imaterial, um ambiente sentidamente religioso, calmo, sossegado, que nos emociona.

Que deliciosa é a perspectiva do cruzeiro !

As capelinhas e as árvores essas estão envolvidas num silêncio místico, como que sobrenatural, convidando-nos a procurá-lo qual refrigerio para a vida do nosso século, cheia de comoções bruscas e fortes.



O alferes barcelense No Largo do Apoio — recanto já mencionado e que todo êle evoca Barcelos antiga, sendo motivo dum dos interessantíssimos desenhos de Vilaça — encontra o visitante uma pequenina casa, enegrecida pelos séculos, ostentando uma pedra de armas com o brasão dos Regos: — de verde; banda ondata de prata, aguada de azul, carregada de três vieiras de oiro.

Há na pedra, nítida e brilhante a lembrança das iluminuras do « Livro do Armeiro » em curvas elegantes, enchendo o campo livre do escudo, e embora sem elmo nem timbre, é um exemplar precioso da heráldica quinhentista.

A essa reliquia histórica se liga — e a Barcelos — a rememoração de Alcácer-Quibir, — a tremenda batalha, fidalga como nenhuma outra — (Antero de Figueiredo,

Porque na refrulcente cavaleada de orgulho e galantaria — a nobre e bela dama, a filha do duque de Bragança em cujo número era farto o contingente dos de Barcelos.

Porque nessa hoste privilegiada, vestida toda ela com opulência e brilho de escarlate e amarelo — luxo e orgulho — tinha o cargo — honra suprema — de alferes do estandarte dos altivos Braganças um filho de Barcelos.

E aquela casa era a de Gaspar Goes do Rego, cavaleiro da Casa de Bragança, comendador de Santa Olávia de Cristo, morgado de Merece em S. Pedro de Cal





CONVENTO DE VILAR DE FRADES

ESCADA NOBRE

Tem magestade, imponência, linhas arrogantes, altivas e até dominadoras!

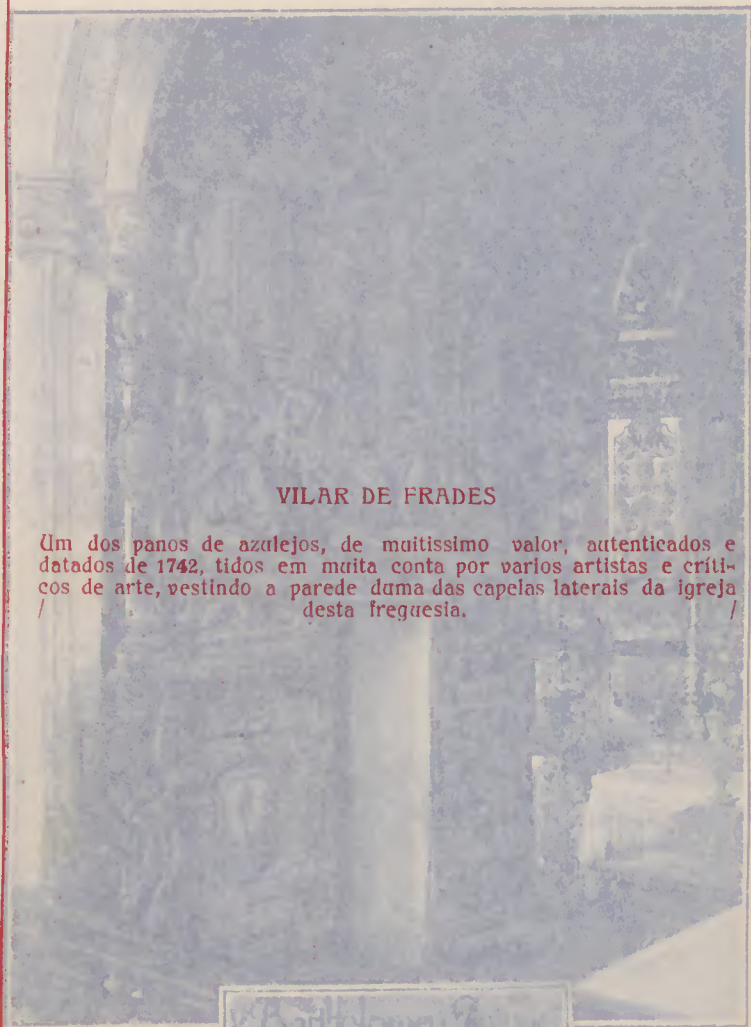
É dum efeito estético verdadeiramente teatral!

CONVENTO DE VILAR DE FRADES

ESCALA NOROCCIDENTAL

Tem magistade, imponência, linhas arredondadas, alvos e até domi-
nantes!
É dum efeito estético verdadeiramente teatral!





VILAR DE FRADES

Um dos panos de azulejos, de muitissimo valor, autenticados e datados de 1742, tidos em muita conta por varios artistas e criticos de arte, vestindo a parede duma das capelas laterais da igreja desta freguesia.

Barceloneta
RUA DO MUSEU
FEBRUAR 1742

VILAR DE FRADES

Um dos panos de azulejos, de maravilhoso valor, autenticados e datados de 1742, tidos em muita conta por varios artistas e criticos de arte, vestindo a parede duma das capellas lateraes da igreja desta freguesia.

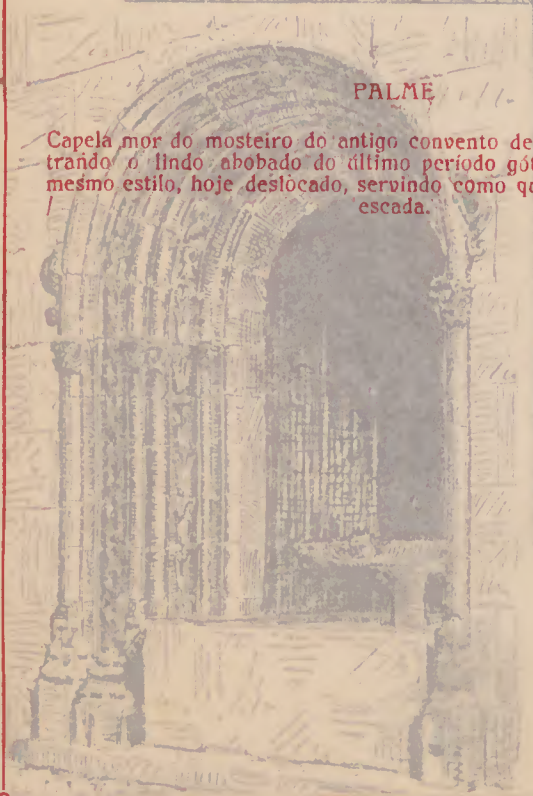


Bartholomeu Antunes
afes em l^o nasofarias
no anno de 1742.



PALMÉ

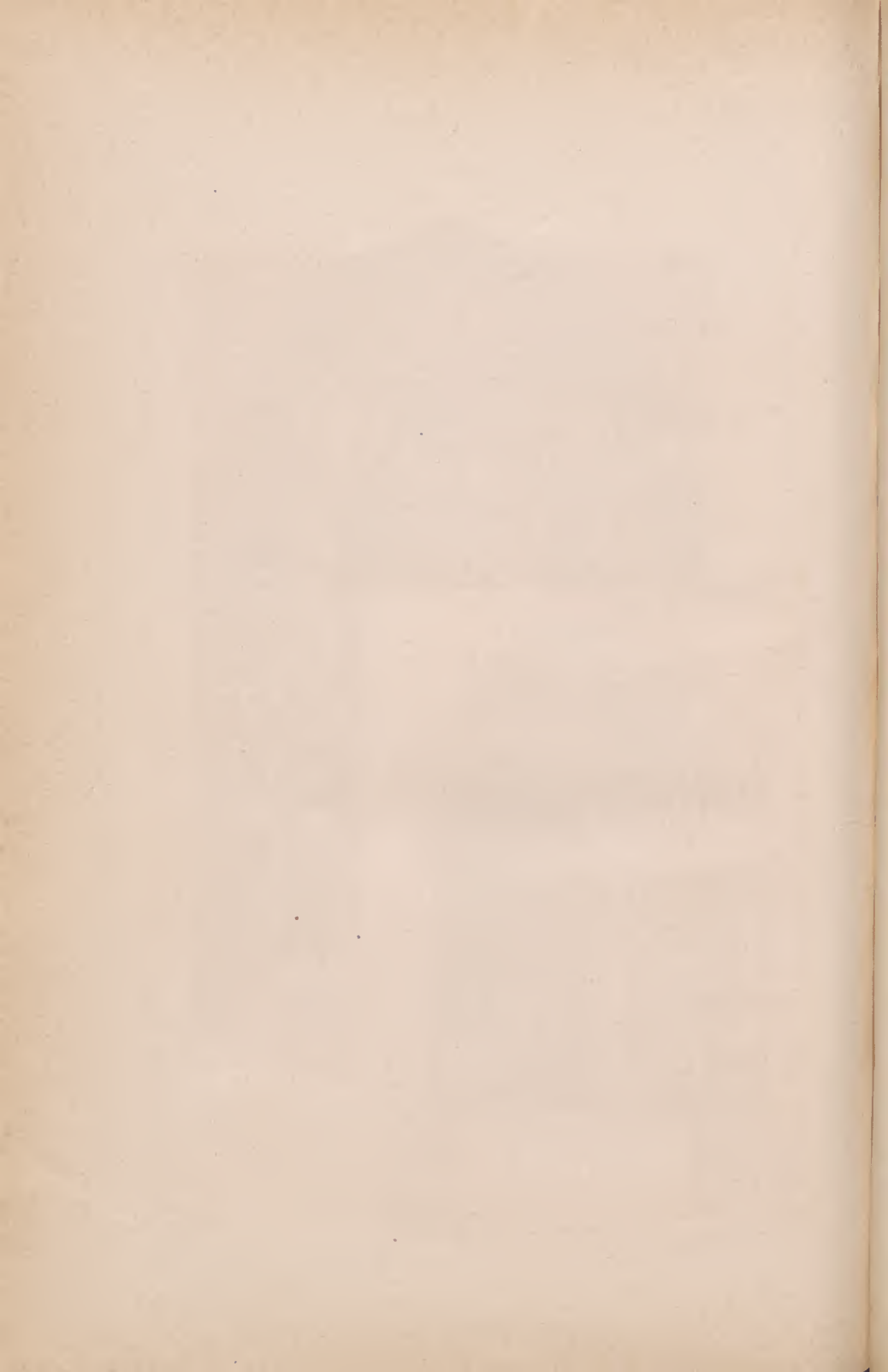
Capela mor do mosteiro do antigo convento de Santo André, mostrando o lindo abobado do último período gótico e o púrtico, do mesmo estilo, hoje deslocado, servindo como qae de saporte a uma escada.



PALME

Capela mor do mosteiro do antigo convento de Santo André, mos-
trando o lindo sobrado do último período gótico e o púrtico, do
mesmo estilo, hoje deslocado, servindo como que de suporte a uma
escada.







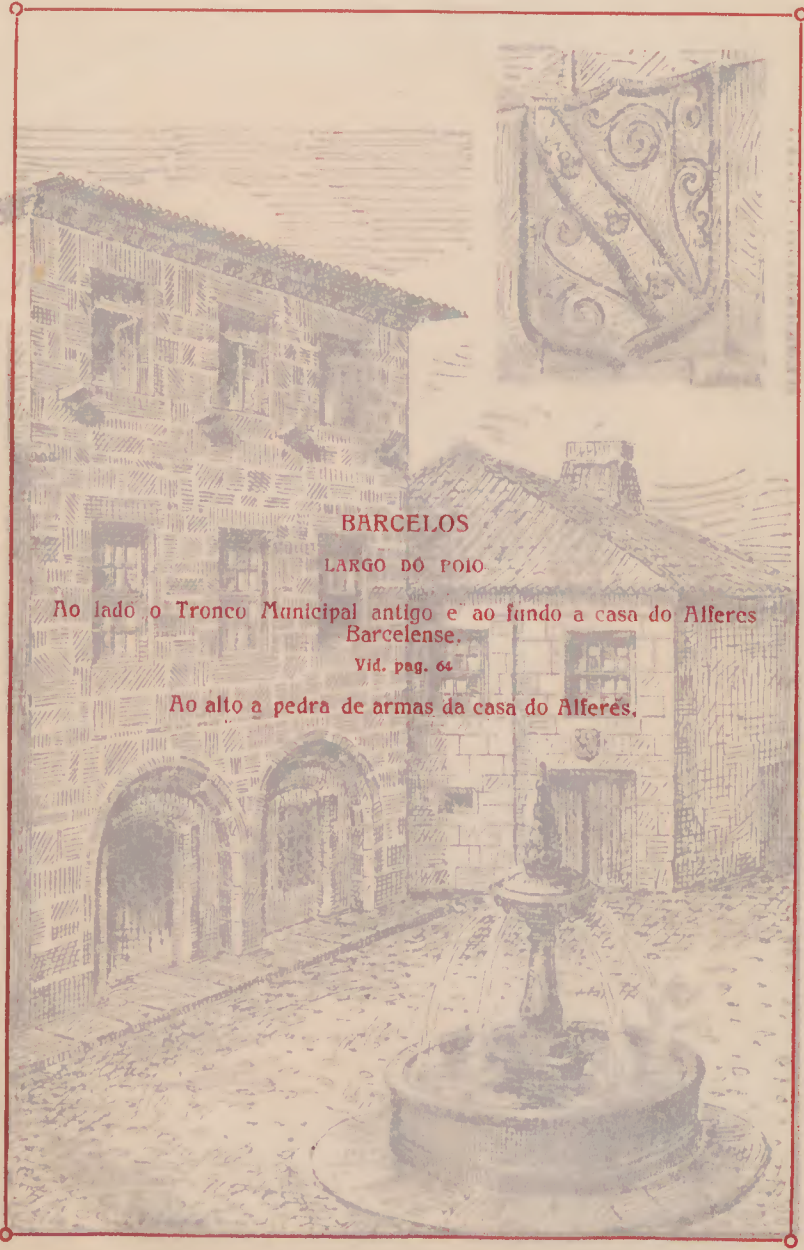
BARCELOS

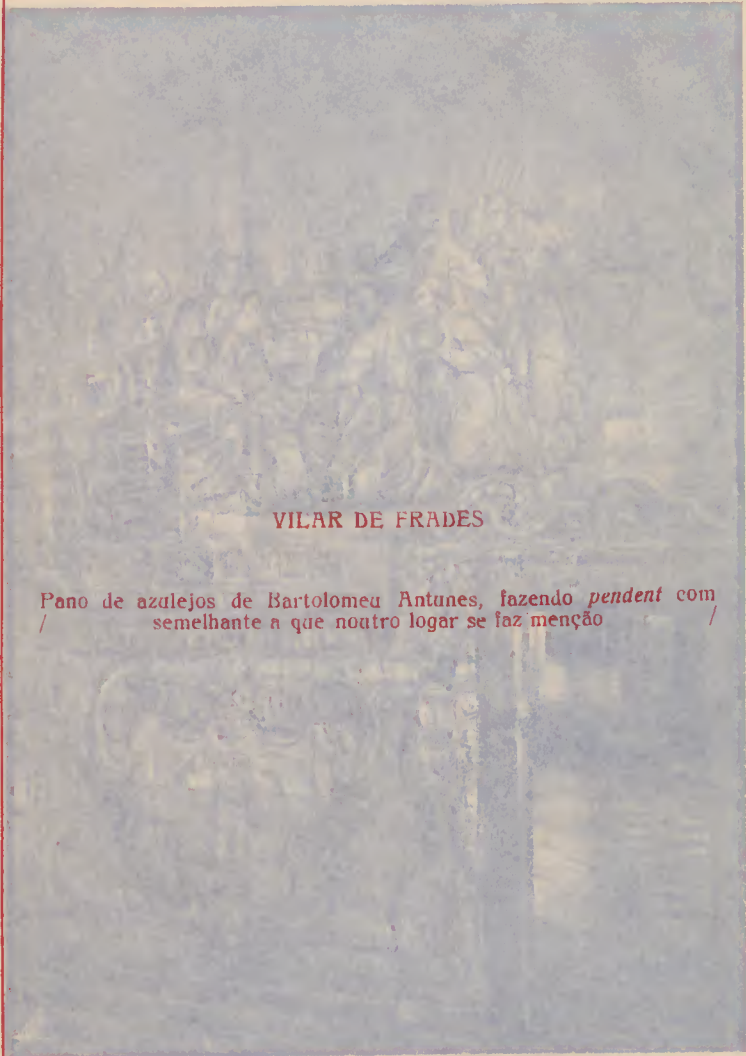
LARGO DO POIO

Ao lado o Tronco Municipal antigo e ao fundo a casa do Alferes Barcelense.

Vid. pag. 64

Ao alto a pedra de armas da casa do Alferes.





VILAR DE FRADES

Pano de azulejos de Bartolomeu Antunes, fazendo *pendent* com
/ semelhante a que noatro logar se faz menção /

VILAR DE FRADES

\ semelhante a que noutro lugar se faz menção
\ fano de excelsos de Bartolomeu Antunes, fazendo pendente com



Duili Mondini
Lavoro di 1722

1718 Donati



FRAGOSO

CASA ESPREGUEIRA

Capela e pórtico monumental datados de 1714, com grandes saliências e linhas sinuosas nos
cornijamentos.

Capela e pórtico monumental datados de 1714, com grandes saliências e linhas sinuosas nos
cornijamentos.

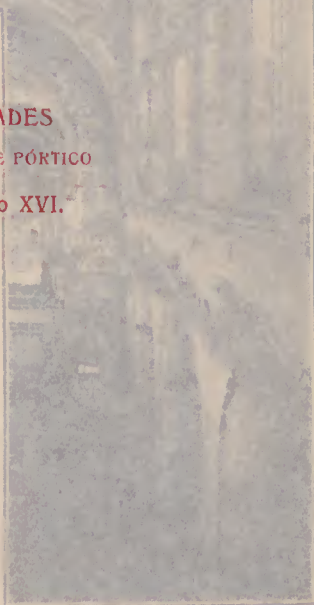
CASA ESPREGUEIRA

FRAGOSO

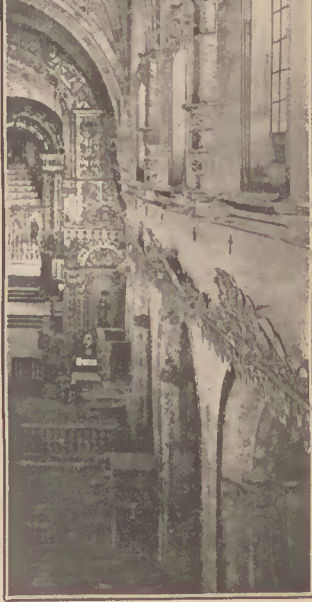




VILAR DE FRADES
INTERIOR DA IGREJA E PÓRTICO
Manuelino, Século XVI.



VILAR DE FRADES
INTERIOR DA IGREJA E FÓRICO
Mandelino. Século XVI.



velo e morgado de Góes em Santa Eugénia de Rio Covo, alferes da hoste do Duque de Bragança e valentemente morto em Alcácer-Quibir a 14 de agosto de 1578.

Gaspar Góes do Rego — *o alferes barcelense* — era filho primogénito de António do Rego Barreto, administrador daquêles morgados, almoxarife e juiz dos direitos reais em Barcelos e de D. Ana (Mecia) Ferraz (Dr. António Ferraz in *Barcelos-Revista*).

Casou em Vila-Viçosa com D. Maria Tavares, esta bastarda de D. Fulgêncio de Bragança, Dom Prior da Colegiada de Guimarães e antes chantre da de Barcelos, falecido em 7 de janeiro de 1581, filho do 4.º duque de Bragança D. Jaime.

A duqueza D. Catarina, mulher do 6.º duque D. João, dotou aquela sua sobrinha com a comenda de Santa Olaia da Ordem de Cristo, desmembrada da do Rabal, em terra de Bragança, em 26 de março de 1577 (*Nobiliário de Esmeriz*, na Livraria da Casa do Vinhal — Famalicão).

Do *alferes barcelense* há descendência actual, parecendo-me que o ramo dela mais legitimamente representante de Gaspar Góes do Rego, anda nos Coutinhos Garridos de Coimbra, antigos morgados da Quinta da Bouça em Penela.

Há quem confunda o porta-estandarte do duque de Bragança com os alferes da bandeira real em Alcácer-Quibir. Não. D. Sebastião levou à África dois estandar-tes: a bandeira real, com a imagem de Cristo crucificado, arvorada pelo Alferes-mor do reino D. Luís de Meneses e o guião das quinas empunhado por D. Jorge Telo. Os alferes reais eram em regra das mais altas linhagens,

como os indicados, ambos da raça archi-fidalga dos Mene-
ses Cantanhedes e Taroucas. Do exército faziam parte
os contingentes das Ordens (monástico-militares) e dos
altos Donatários do reino, cada um com sua bandeira e
seu alferes, e um destes era o bravo alferes-barcelense.

Naquela vetusta casa tem pois Barcelos mais uma
das suas gloriosas tradições, porque é fama que o *alferes
barcelense* soube morrer portugüesmente, hasteando até ao
último alento o estandarte da hoste do duque de Bra-
gança, que na batalha estava representado por seu filho
primogénito — uma criança de dez anos — D. Teodósio 2.º
duque de Barcelos que ficou prisioneiro dos mouros.

Porque foi assim que pereceu a flor da gente por-
tuguesa, no desbarato tremendo, sagrada pelo heroísmo,
sob tórrido, agosto naquela longa planície entre o Muca-
zim e Alcácer-Quibir, batalhando por uma quiméra, ilusão
dum rei — cavaleiro do ideal — heróicamente morto =
de vagar = !

Os
Filipes
e os
vereadores
de
Barcelos

QUANDO Filipe 2.º (de Espanha), em Puerto Lhano perto do mosteiro jeronimita de Guadalupe, após a histórica entrevista com D. Sebastião, murmurou aquela célebre frase — «vaya en hora buena, bueno reino nos vendrá», trocando com o Duque de Alba um olhar tão gélido como o ar dessa manhã de dezembro de 1576, profetizava a catástrofe portuguesa e a usurpação deste *bueno reino*, do qual êle depois diria, do alto da sua grandeza, — «yo lo heredé, yo lo compré e yo lo conquisté, para quitar dudas!»

Todavia a intenção do = demónio do meio dia = parece ter sido um regime dualista, e exteriorizou-a por forma que na sua visita a Portugal em 1581 os povos o aclamaram, não se pensando — incontestavelmente — na possibilidade e vantagens da independência.

O filho, Filipe 3.º (de Espanha), orientou-se por êsse critério superior, procurando cimentar a união com a amizade e interêsse, muito fazendo pelo bem dos portugueses auxiliado pelo habilíssimo duque de Lerma.

Acaso o destino de Portugal seria outro se essa política cautelosa e clarividente fosse mantida.

Mas com a decadência do Império Espanhol a situação mudou inteiramente, no terceiro período da administração da casa de Áustria correspondente ao reinado de Filipe 4.º (de Espanha) com o seu louco Olivares, homem de *espanholadas* que criaram embaraços e levantaram conflitos provocando a Restauração.

Manifestou-se o propósito claro da simples absorção

do país, tratado como mais uma região conquistada, empobrecendo-o, vexando-o e crivando-o de impostos iníquos.

Diante do protesto contra as novas extorsões, ocorreu a Olivares um pensamento ineptamente simples: abolir todos os novos impostos (sal, real de água, aumento desconforme das sizas etc.) reduzindo-o a um serviço anual de meio milhão de cruzados, que os concelhos distribuiriam livremente entre si, verificando-se em breve que essa soma atingia o dôbro do que podiam produzir os impostos, sendo portanto a proposta de Madrid uma nova extorsão e um escárnio.

Portugal acordou da modorra moral, em que o sebastianismo o lançara, sendo formidável a reacção que, crescendo sempre, gerou o 1.º de dezembro de 1640.

E nesse altivo alevantar de cabeça encontramos Barcelos salientando-se na vanguarda dos concelhos do país.

Recebida a ordem para o lançamento e cobrança da nova contribuição, a vereação camarária declarou não lhe dar execução e, apesar-da interferência do ouvidor da comarca, que promoveu uma reunião (18 de fevereiro de 1636) dos *trez braços*, clero, nobreza e pôvo, nos paços municipais, foi inabalável a resistência dos vereadores, fazendo-se uma representação colectiva que subiu aos governantes, obtendo porém formal negativa da duqueza de Mântua regente de Portugal.

Mas a contra negativa dos vereadores de Barcelos foi imediata e tão enèrgicamente mantida, durante seguidos mezes, que Olivares receando atear as revoltas, já manifestadas noutros pontos do país, pediu auxílio ao duque de Bragança D. João, futuro rei D. João 4.º.

O duque escreveu, em 26 de maio, ao juiz, vereadores e procurador do concelho da sua vila de Barcelos, uma carta datada de Vila Viçosa, que se encontra transcrita no Registo geral da Câmara de Barcelos, livro 3.º, 1635-1640, pedindo e aconselhando submissão.

E só assim os vereadores cederam *pelo muito respeito que tinham por S. Ex.^a o senhor duque e visto não haver loguar agora para mais que obedecer.*

Nobre atitude essa que, como tradição, muito honra Barcelos !

E registem-se os nomes dêsses barcelenses, que tão bem souberam defender seus munícipes : eram vereadores Belchior Góes do Rego (filho herdeiro do heróico *alferes barcelense*), Francisco de Abreu Leitão e José Soudo Veloso ; juiz de fóra o Dr. João Barreto de Sá ; procurador Baltazar Moreira e Tesoureiro Manuel Dias.

No século XVII **M**AIS apropriado seria titular este capítulo de — Barcelos após a Restauração —, visto que já aludi a factos da história barcelense do século de mil e seiscentos e a recuperação da independência marca uma profunda divisão de épocas na história nacional.

Mas por isso mesmo — divisão de épocas — me parece que o século XVII *bem português* é justamente o período posterior a 1640.

70
Barcelos também inclui nos seus pergaminhos históricos um documento honroso, marcando atitudes que a ennobrecem, em prova do seu acrisolado patriotismo, porque foi uma das primeiras terras do país que entusiásticamente correspondeu ao gesto heróico dos *quarenta*, aquêlo ousado grupo quási todo de gente moça — carne, nervo e sangue de Portugal — que na madrugada de 1 de dezembro de 1640, espada fora, a esvoaçar a pluma dos sombreiros, atacou a guarda dos tudescos do Paço da Ribeira, em Lisboa, aclamando numa nevrose: Portugal! Portugal!

E êsse documento é mister aqui transcrevê-lo:

« Juiz, uereadores e procurador da camara da uilla de Barcelos. Eu Et-Rei uos enuio muito saudar. D. Gastão Coutinho, meu capitão general dessa prouincia me deu conta do amor e fedelidade com que os moradores dessa uilla acodem a meu seruiço, do que estou com a deuida satisfação e pareceo-me dizeruelo por esta carta para que o tinhais entendido e o signifiqueis a todos da minha parte e que hei de ter uiua lembrança de tão bons uassallos que estimo tanto para folgar de uos fazer fauor e mercê em comum e em particular conforme aos meritos de cada um. Rey. Escripta em Lisboa a 4 de feuereiro de 1641 ».

Repetindo são bem notáveis, como se vai vendo, as tradições da vila de Barcelos!

Durante as porfiadas campanhas da Restauração, que duraram vinte e oito anos e só terminaram com o tratado de 13 de fevereiro de 1668, assinado com a intervenção do conde de Sandwich embaixador inglês em Madrid, Barcelos manteve mobilizados, como anteriormente referi (pg. 49), entrando em muitas acções da guerra, três *terços* de infantaria, mil e quinhentos gastadores (tropas de engenharia) e quinhentos carros.

Foi esse importante concurso, nas lutas com os espanhóis, que provocou aquêle verso (Manuel de Gallegos, *Epithalamio*, oit. 81.^a):

« Só em Barcellos houve alardo um dia
Em que o sol pelos campos dilatados,
Com terrível e fera galhardia
Dezesete mil peitos viu armados.»

71

A ascensão do donatário de Barcelos ao trono ainda maior destaque e regalias trouxe à Dona do Cávado, que passou a ser o Solar primitivo da família reinante.

Foi D. João 4.^o quem fez rever os préstimos e empenhamentos da Casa de Bragança, e são do seu tempo as demarcações de Barcelos para fora das quais, a bem dizer, a vila pouco passou até hoje.

Os marcos do século XVII, ostentando o escudo de Portugal coroado, e por baixo a letra B (Bragança), formam em redor da povoação os vértices dum polígono que, a meu ver, constitui a segunda das fases por que

passou o desenvolvimento topográfico de Barcelos (muralhas, o primeiro; o segundo, marcos) e por isso lhes faço referência.

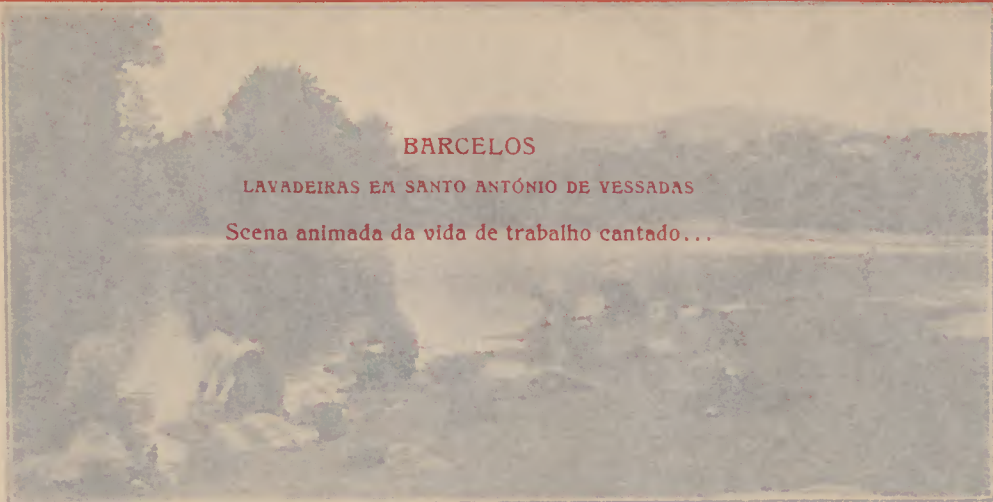
Parece que seriam oito; uns desapareceram já, outros foram deslocados, e examináveis com facilidade estão um no seu lugar, ao extremo norte do Recolhimento do Menino Deus à margem da estrada para Viana do Castelo, outro na colecção arqueológica nas ruínas dos Paços dos condes-duques e ainda outro em Creixomil.

Foi também no século XVII que se instalou em Barcelos (na vila já se vê) o primeiro convento.

No tempo (1568-1630) do 7.º duque de Bragança D. Teodósio II (o que esteve criança em Alcácer-Quibir e foi o pai de El-Rei D. João 4.º) os barcelenses manifestaram desejo de ter um convento de freiras e, com autorização e auxílio daquele duque, começou-se a edificação, no Campo da Feira, invocando-se a *Conceição*, mas as obras não se concluíram.

Mais tarde, porque ameaçasse ruína o convento dos frades bernardos de Fiães, resolveu-se aproveitar as obras começadas para nêle instalar um convento com destino àquêles religiosos, e D. João 4.º por alvará de Lisboa de 8 de março de 1641 fez mercê ao abade de Fiães do sítio e princípio do mosteiro de Barcelos, tomando os frades posse em 3 de fevereiro de 1642.

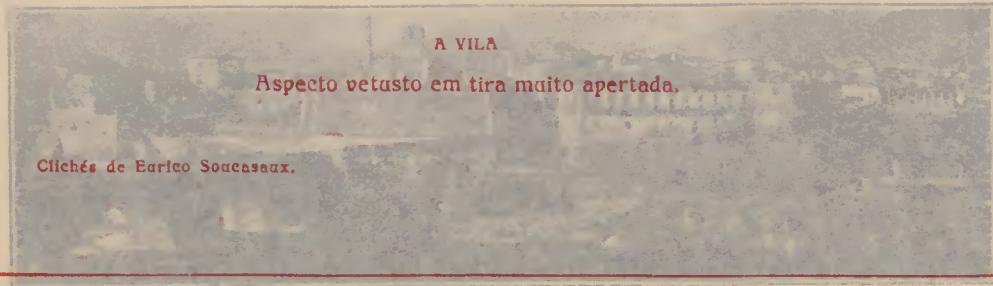
A mudança da comunidade não se chegou porém a fazer e para o convento da vila vieram os capuchos do Bom Jesus da Franqueira, visinho de Barcelos, já mencionado (pg. 22), por provisão régia de 1 de julho de 1648, sendo a posse, pelo Guardião em 16 do mesmo mês.



BARCELOS

LAVADEIRAS EM SANTO ANTÓNIO DE VESSADAS

Scena animada da vida de trabalho cantado...



A VILA

Aspecto vetasto em tira maito apertada.

Clichés de Earico Soucasaux.

passou o desenvolvimento topográfico de Barcelos (muralhas, o primeiro; o segundo, marcos) e por isso lhes face referência.

Parece que seriam oito; uns desapareceram já, outros foram deslocados, e examináveis com facilidade estão um no seu lugar, ao extremo norte do Recolhimento do Médico Deus à margem da estrada para Viana do Castelo, outro na colecção arqueológica nas ruínas dos Paços dos condes-duques e ainda outro em Creixomil.

Foi também no século XVII que se instalou em Barcelos (na vila já se vê) o primeiro convento.

No tempo (1568-1630) do 7.º duque de Bragança D. Teodósio II (1579) que esteve criança em Alcaçova Quilobá e foi o pai de El-Rei D. João 4.º) os barcelosenses mandaram desejar ao rei um convento de freiras, com autorização e auxílio daquele duque, começou-se a edificação, no Campo de Feira, invocando-se a *Conceição*, mas as obras não se concluíram.

Mais tarde, porque ameaçasse ruína o convento dos frades bernardos, Fizes resolveu-se aproveitar a obra começada para ali instalar um convento com destino a aqueles religiosos, e D. João 4.º por alvará de Lisboa de 8 de março de 1641 fez mercê ao abade de Fiães de substituir e principio do mosteiro de Barcelos, tomando os irmandades em 3 de fevereiro de 1642.

A mudança da comunidade não se chegou porém a fazer e parte o convento da vila vieram os capuchos do Bem Jesus da Franqueira, visinho de Barcelos, já mencionado (pág. 22), por provisão régia de 1 de julho de 1643, sendo a posse, pelo Guardião em 16 do mesmo mês.



Mas o edifício começado não se aproveitou e em 22 de agosto de 1649 lançou-se a primeira pedra do convento que existiu até 1834 e para onde em 1836 se transferiu a Misericórdia, que estava na rua de Santa Maria junto da antiga Câmara Municipal desde 1520 pois nesse ano, e por provisão de 12 de maio, se uniu à Misericórdia a antiga *Gafaria* ou hospital dos lázaros que desde remotos tempos existia fora da vila, além do arrabalde do Fundo da Vila, junto da ermida de Santo André (hoje desaparecida), no sítio da Ordem assim chamado por nêle existirem prazos da Ordem de Malta.

O primeiro convento que houve em Barcelos, dentro da vila, datando pois do século XVII, foi o dos capuchos do Campo da Feira, convertido depois do liberalismo em Misericórdia e subsistente na actual Santa Casa, à qual mais tarde se anexou um Asilo de inválidos, construído por 1890, ficando desde então o edifício com a disposição actual.

73

Incorporada na Santa Casa ficou parte da antiga cerca do convento, um dos locais mais aprazíveis de Barcelos, por ser uma linda mata de belos exemplares arbóreos, e que poderia converter-se em local de reunião e fonte de receita para a Misericórdia, sem prejuízo das regalias dos enfermos que nela teem um recreio para convalescença.

Aludi (pg. 33) a uma lápide que no século XVII foi colocada na Porta Nova então ampliada; outra semelhante se ostentava na Porta da Ponte, na face voltada ao sul.

D. João 4.º, por carta dada em Alcântara a 30 de junho de 1654, mandou colocar nas portas das cidades

e fortalezas do reino uma inscrição monumental alusiva ao voto à Padroeira de Portugal.

Ambas essas inscrições, que marcavam uma época na história do país, foram estupidamente destruídas por ocasião de se demolirem as ditas portas da vila antiga.

Assim tem sido por toda a parte em Portugal! Um vento de insânia nos impele para nada respeitar de tradicional e histórico! Somos nisso um povo original! (1)

Essa circunstância, do desaparecimento das lápides seiscentistas das portas de Barcelos, leva-me a registar neste escôrço a cópia que conheço (Abade do Louro, *Memoria cit.*) dessa inscrição :

Immort. Sacr.

*Immaculatissime conceptione Mariae Joan.4.Portugal
Rex una cum genel comitiis se, et Regna sua sub an-
nuo tributaria publice vovit. Atque Deiparam in Impe-
rii tutelarem electam a labe originali praeservatam
perpetuo defensurum juramento firmavit. Viveret ut
pietas. Lusitan, hoc vivo lapide memoriale perenne ex-
rari jussit. An. MDCXLVI. Imperii sui VI.*

(1) Parece que a corrente actual de idéas é no sentido de arripiar caminho; é talvez tarde, mas antes isso do que nada fazer.

De
D. João 5.º
ao
século XIX

Do reinado do «Rei Magnífico» encontram-se em Barcelos memórias sobretudo, como era de esperar, em edifícios religiosos.

D. João 5.º, imitador do rei Luís XIV de França, cuja grandeza e esplendor tinham anos antes feito a admiração da Europa, apresenta-se-nos como um soberano pomposo mas misturando a galanteria *frança* com hábitos fradescos.

As práticas espectaculosas do culto, no tempo do «Salomão de Mafra», eram aquela *ópera ao divino* em que se desperdiçaram os tesouros das minas do Brasil, não chegando essas quasi incalculáveis somas de riquezas para encher a voragem do luxo e da devoção do espaventoso e beato monarca. (Oliveira Martins, *Historia de Portugal*).

Muitas são as referências, já feitas neste escôrço, às recordações históricas barcelenses do século XVIII.

Assim o templo do Senhor da Cruz foi reconstruído e ampliado como disse (pg. 61) na primeira metade dêsse século sob a influência da *mania do monumento* que caracterizou a época de D. João 5.º, e a Matriz (pg. 36) foi vítima dessa mania e dos exageros teatrais a que chegára o culto.

E certo porém que a *ópera ao divino* recheou os templos e casas religiosas de riqueza imensa e de primorosas obras de arte, transformando-se as igrejas em museus de ourivesaria e joalheria e as procissões, com as ruas juncadas de alecrim e mirto, as casas colgadas a damasco, exibiam entre as nuvens do incenso, mara-

vilhas artísticas de extraordinário valor estimativo e intrínseco.

Devem ser pois dêsses tempos os paramentos riquíssimos do Senhor das Cruzes, das confrarias e irmandades de Barcelos onde as manifestações do culto externo ainda se ostentam com algum luxo.

Foi no século XVIII que se instalou em Barcelos (na vila) mais um convento, de freiras bentas, no Campo da Feira e pelas inscrições que na igreja existem, umas exteriores outras dentro do templo, infere-se que o arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Teles, por beneplácito de D. Pedro 2.º, e no reinado de D. João 5.º, foi quem colocou a primeira pedra dêsse convento, de que era fundador, aos 14 de agosto de 1707, dia dedicado ao Santo padroeiro, e que o mesmo arcebispo ali encerrou as freiras em 8 de julho de 1713.

As freiras eram originariamente do convento de Monção, do qual passaram para o seminário de S. Pedro em Braga em 1659 de onde vieram para o novo convento de Barcelos na data referida de 1713.

É típica e curiosíssima a descrição da viagem das freiras de Braga para Barcelos, numa autêntica procissão, sob custódia das autoridades militares e eclesiásticas da região, em liteiras, através de imenso concurso do povo das aldeias por onde passavam. Foram uns poucos de sucessivos dias de alvorôço e estrondosos festejos presididos pelo Arcebispo de Braga! (Abade do Louro, *Memoria cit.*).

Recomendo ao visitante a igreja dêsse antigo convento; lá encontra uma admirável ornamentação de azu-

lejos, revestindo todo o templo em painéis murais e um púlpito que é uma obra de arte. (1)

Ainda no século XVIII, a 11 de março de 1734, se lançou a primeira pedra do grande templo dos franciscanos da Ordem Terceira da Penitência, também no Campo da Feira.

Esta Ordem estivera instalada num altar da Colegiada e depois (1670) na capela da Encarnação, anexa à Matriz; lá se conservou até à transferência para o seu templo privativo, no Campo da Feira, alevantado em terrenos da cêrca dos capuchos, templo que só veio a concluir-se no reinado de D. Maria 1.^a, com donativos vindos do Brasil e cedência de parte do imposto *real d'agua* que aquela rainha applicou às obras.

O templo é apenas o maior de Barcelos, já arruinado e só se recomenda pelo carrilhão, de belíssimos sons, que tocando por música, enche de harmonia o espaçoso Campo da Feira.

Por coincidência agradável, ao escrever isto (10 de junho às dez da noite) são uma melodia suave os sons que ouço, vindos da outra margem do rio, do carrilhão dos Terceiros!

E ainda também no século XVIII se construiu o Recolhimento das Beatas ou do Menino Deus, no extremo norte actual da vila faceando a estrada para Viana do Castelo.

A fundação dêste recolhimento é original: deve-se a

(1) Soucasaux — meu *companheiro* nesta Resenha — inclui duas magníficas reproduções (azulejos e púlpito) na sua colecção fotográfica.

uma preta, de nome Vitória, nos fins do século XVII, escrava dum mercador da rua Direita Bento Ferreira Gomes (Amaral Ribeiro, *Noticia Descrptiva*).

Em 1721 a preta requereu licença para erigir uma capela, com o dinheiro que ajuntara de esmolos, para culto do Menino Deus, o que lhe foi concedido por Provisão arquiiepiscopal de 6 de outubro de 1725, ficando a capela anexa à da Ordem Terceira então instalada na Colegiada.

Os Terceiros opuseram-se e Vitória = a preta = resolveu levar mais longe o seu pensamento edificando uma igreja e um recolhimento para educação de donzelas, o que se efectivou no local onde ainda existe, instalado com grandes festejos em 27 de setembro de 1733.

O Recolhimento, de tão simpática origem, subsiste patrocinado pelo Estado e pela caridade pública.

E bom seria que iniciativas locais por êle olhassem, tão povoada é a região e tanto bem com êle se faria.

Da época pombalina são escassos os informes que encontro a respeito da história da = Dona do Cávado =.

Acaso aqui se reflecte a má vontade, das épocas posteriores, contra a obra formidável do marquês de Pombal, cuja figura é entre nós a encarnação do absolutismo e da burocracia, que êle fixou perduravelmente na vida pública, e a tal ponto que há quem diga que o sistema pombalino ainda existe na sua essência com modificações apenas ornamentais (Pedro de Azevedo, *Os antepassados do Marquês de Pombal in Arquivo Historico Portuguez*).

Não é crível que, durante os vinte e sete anos (1750-

1777) do reinado de D. José, a acção do seu primeiro ministro — e rei de facto — não atingisse uma das povoações preponderantes do Minho.

É certo porém que a referência concreta, que dessa época encontro, apenas diz respeito às obras de restauro que no outono de 1756 se fizeram em Barcelos, que bastante sofrera com o terramoto de 1 de novembro de 1755.

A parte mais afectada com o abalo sísmico parece que foi o Paço dos donatários e a Torre da Ponte, esta naquele ano consertada, mas sem adquirir a solidez primitiva nem mesmo o seu formato antigo.

Do reinado de D. Maria 1.^a data a definitiva expansão da = Dona de Cávado = para fora do circuito de muralhas, que formavam o perímetro da vila desde a segunda metade do século XV.

79

Com efeito, a-pesar-de já em 1631 se abrir o Postigo da Feira (1), facilitando por certo comunicação com o casario extra-muros, e de por 1646 se ampliar o Postigo de Cima de Vila — quinhentista — transformando-o na Porta Nova, só foi em fins do século XVIII que começou a demolição das velhas muralhas, quer por inúteis como elemento de defesa, quer por prejudiciais ao viver dos habitantes, já então ocupando área superior ao recinto fechado.

A demolição começou pròpriamente em 1794 pela Torre do Valo, à qual nesse tempo chamavam também

(1) Remeto o leitor para a « Planta » antiga incluída neste escôrço.

da Esperança; em 1797 apearam a Porta Nova, o lanço de muralhas daquela à Torre do Valo e últimamente essa torre, aliás ameaçando ruína desde 1630.

Mas foi já El-Rei D. João 6.º, por alvará de 1806, que concedeu autorização para continuar a eliminação dos muros, aforando os moradores a parte junto de seus quintais.

E toda essa transformação da topografia barcelense se prolongou, aos poucos e conforme as necessidades dos habitantes, quási que até à actualidade.

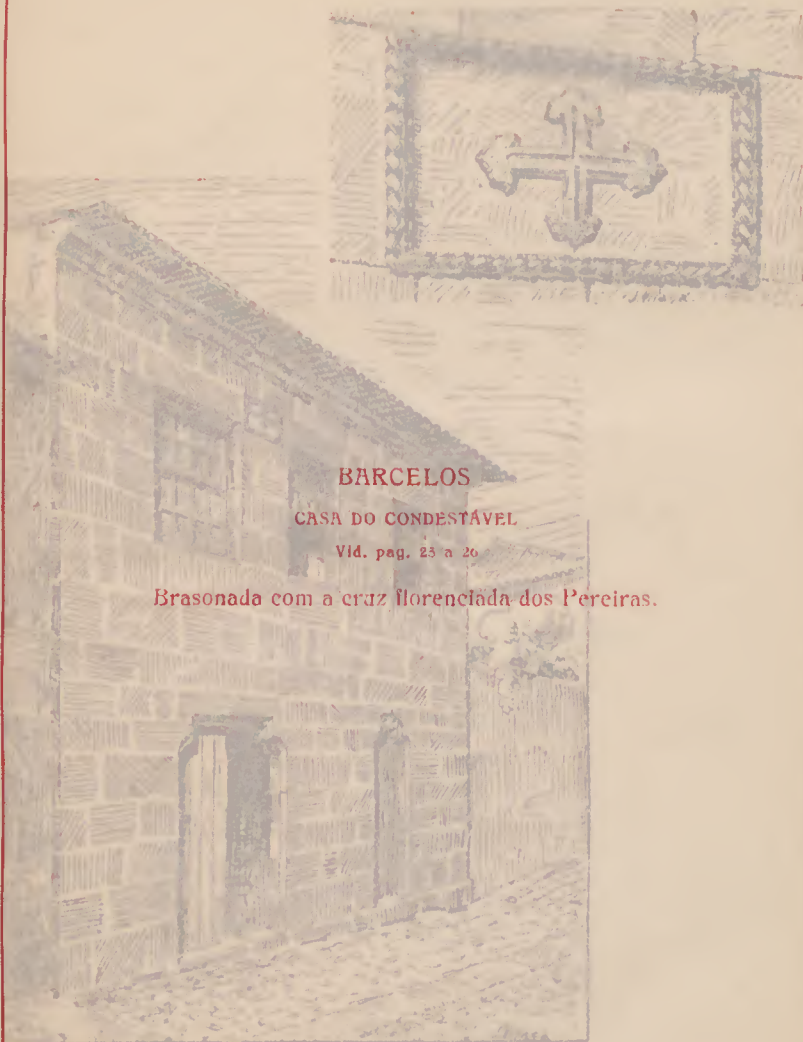
Também foi no último quartel do século XVIII que se construíram as chamadas *Obras*, uma das curiosidades de Barcelos, a meu ver ligadas ao aformoseamento do local do Templo das Cruzes.

As *Obras*, que em registos do Almojarifado de Barcelos tem o nome de *Passeio Publico dos Assentos*, foram construídas de 1780 a 1783 em terreno e por conta da Casa de Bragança. (1).

Constituem um conjunto architectónico muito original e artístico, com duas belas fontes ornamentais e uma escada central elegantíssima ornada de obeliscos, dois piramidais e dois cónicos, estendendo-se ao longo da face sul do Campo da Feira.

Suponho, como disse, que esse passeio tão típico e interessante, foi feito para ornamento anexo ao Templo das Cruzes, na idéa de ali fixar uma como que entrada monumental para o recinto fronteiro à igreja.

(1) Informações dos Snrs. Secretário da Câmara Augusto Melo e Almojarife da Casa de Bragança, M. Martinho de Faria, que aqui muito agradeço.



BARCELOS

CASA DO CONDESTÁVEL

Vid. pag. 23 a 26

Brasonada com a cruz florenciada dos Pereiras.

da Esperança; em 1797 apearam a Porta Nova, o lanço de muralhas daquela à Torre de Valo e ultimamente essa torre, aliás ameaçando ruína desde 1630.

Mas foi já El-Rei D. João 6.º, por alvará de 1806, que concedeu autorização para continuar a eliminação dos muros, aforando os moradores a parte junto de seus quintais.

E toda essa transformação da topografia barcelense se prolongou, aos poucos e conforme as necessidades dos habitantes, quasi que até à actualidade.

Também foi no último quartel do século XVIII que se construíram as chamadas *Obras*, uma das curiosidades de Barcelos, a meu ver ligadas ao aformoseamento do local do Templo das Cruzes.

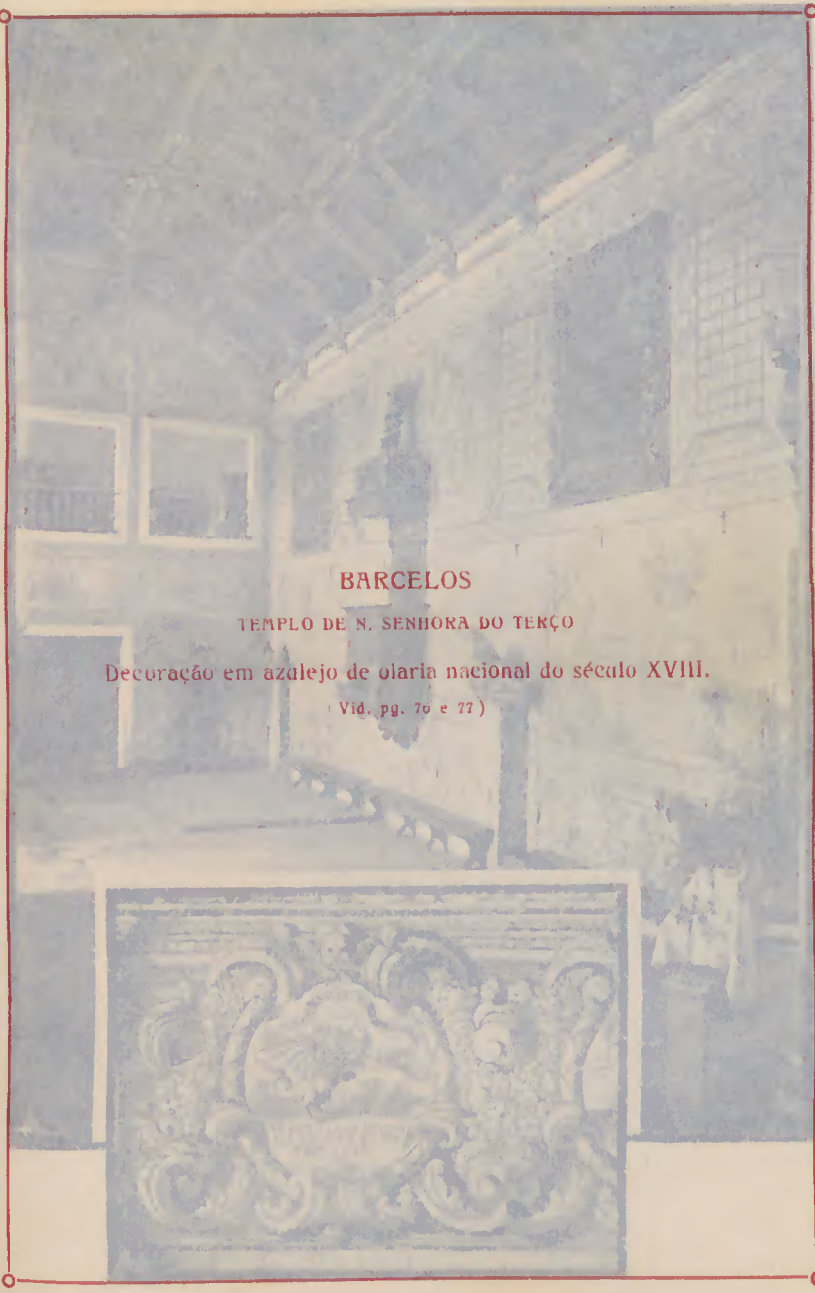
As *Obras*, que em registes do Almojarifado de Barcelos tem o nome de *Passeio Publico dos Assentos*, foram construídas de 1780 a 1783 em terreno e por conta da Casa de Bragança. (1).

Constituem um conjunto architectónico muito original e artistico, com duas belas fontes ornamentais e uma escada central elegantíssima ornada de obeliscos, dois piramidais e dois cónicos, estendendo-se ao longo da face sul do Campo da Feira.

Suponho, como disse, que esse passeio tão típico e interessante, foi feito para ornamento anexo ao Templo das Cruzes, na idéa de ali fixar uma como que entrada monumental para o recinto fronteiro à igreja.

(1) Informações dos Srs. Secretário da Câmara Augusto Meira e Almojarife da Casa de Bragança, M. Martinho de Faria, que aqui muito agradeço.





BARCELOS

TEMPLO DE N. SENHORA DO TERÇO

Decoração em azulejo de olaria nacional do século XVIII.

(Vid. pg. 76 e 77)

BARCELLOS

TEMPLO DE N. SENHORA DO TERÇO

Decoração em azulejo de olaria nacional do século XVIII.

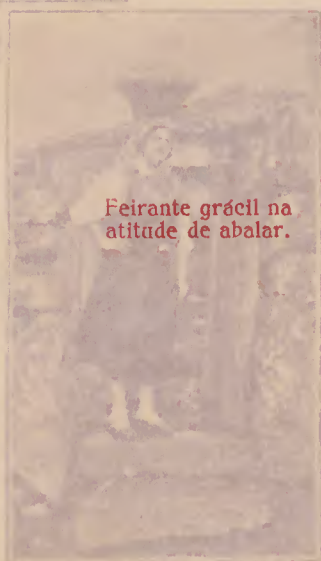
(Vid. pgs. 26 e 27)





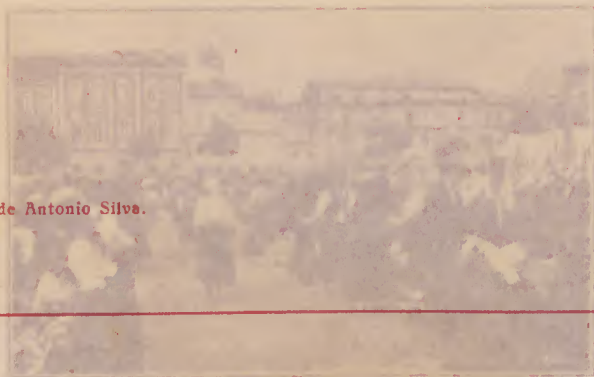
BARCELOS

FEIRA



Feirante grácil na
atitude de abalar.

Três instantâneos da feira que, como semanal, é das mais importantes da península.



Chêhés de Antonio Silva.

BARCELOS

FEIRA

Feira realizada na
cidade de Barcelos.

Três instantâneos da feira que, como semanal, é das mais importantes da península.

Clichés de Antonio Silva.





BARCELOS

SOLAR DOS PINHEIROS

Vid. pag. 37



LAMA

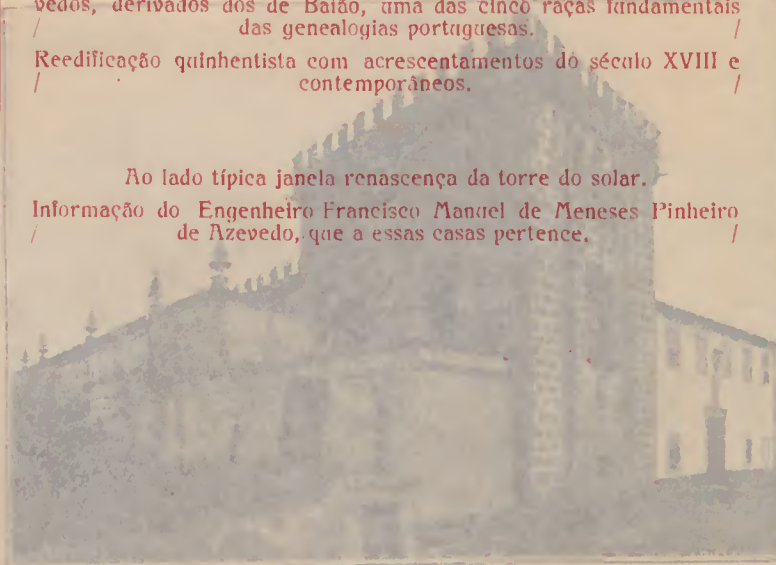
PAÇO SOLAR DE AZEVEDO

Uma das mais antigas *honores* de Portugal. Alta linhagem dos Azevedos, derivados dos de Baião, uma das cinco raças fundamentais das genealogias portuguesas. /

Reedificação quinhentista com acrescentamentos do século XVIII e contemporâneos. /

Ao lado típica janela renascença da torre do solar.

Informação do Engenheiro Francisco Manuel de Meneses Pinheiro de Azevedo, que a essas casas pertence. /



BARCELLOS

SOLAR DOS PINHEIROS

Vid. pag. 77

LAMA

PAÇO SOLAR DE AVEVEDO

Uma das mais antigas honras de Portugal. Alta linhagem dos Azevedos, derivados dos de Babilão, uma das cinco raças fundamentais das genealogias portuguesas.

Reedificação quincentista com acrescentamentos do século XVIII e contemporâneos.

No lado típica janela renasença da torre do solar. Informação do Engenheiro Francisco Manuel de Meneses Pinheiro de Avevedo, que a essas casas pertence.

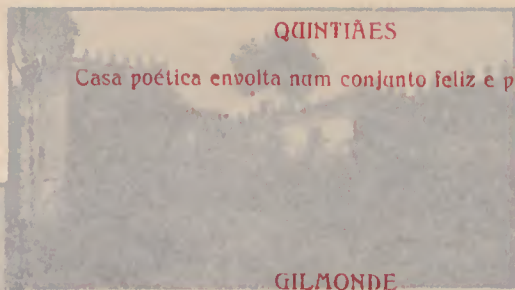




BARCELOS

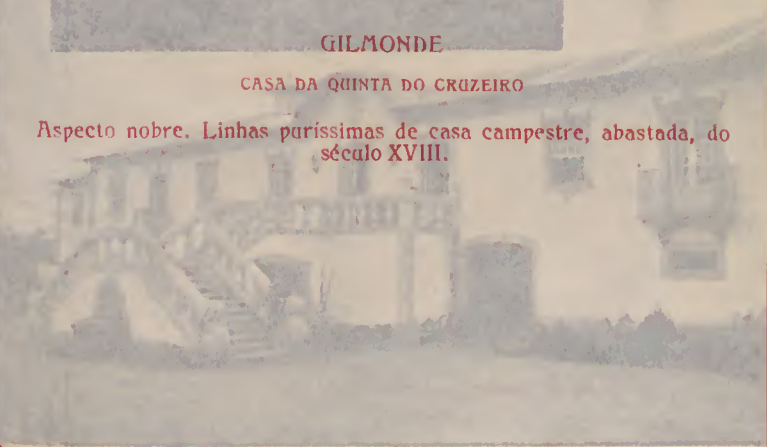
CASA DA FAMÍLIA MATOS GRAÇA

Brasonada no ângulo. Estilo de cidade do século XVIII, com ornamentação estatária. /



QUINTIÃES

Casa poética envolta num conjunto feliz e pitoresco.



GILMONDE

CASA DA QUINTA DO CRUZEIRO

Aspecto nobre. Linhas puríssimas de casa campestre, abastada, do século XVIII.

BARCELLOS

CASA DA FAMÍLIA MATOS GRAÇA

Reservada no andar. Estilo de cidade do século XVIII, com ornamentação estatuetária.

QUINTANES

Casa póstica envolta num conjunto feliz e pitoresco.

GILMONDE

CASA DA QUINTA DO CRUZEIRO

Aspecto nobre. Linhas puríssimas de casa campestre, abastada, do século XVIII.



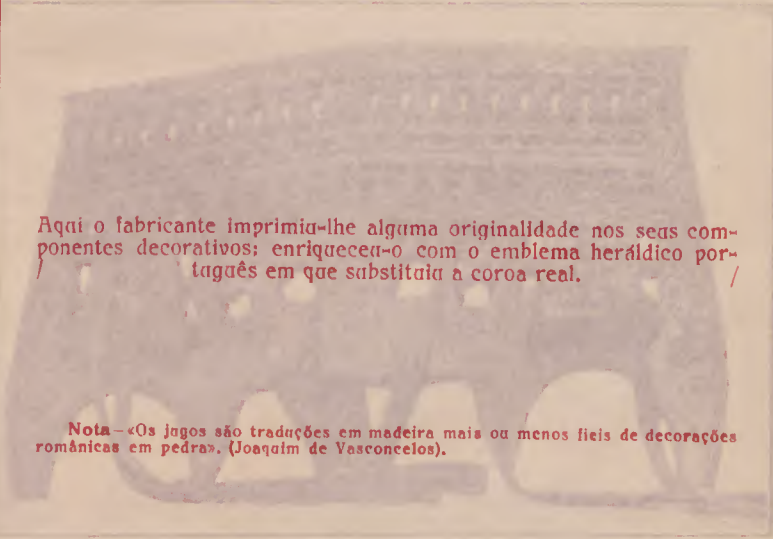




JUGOS

Este é o tipo usado e fabricado no concelho.

Tem caracteres enraizados numa tradição tantas vezes secular. Seria curioso descobrir na nossa olaria popular e nos documentos arqueológicos (mesmo nos pre-históricos) os similares dalguns ornatos. «Ainda hoje se reproduzem motivos neolíticos». (Mendes Corrêa).



Aqui o fabricante imprimia-lhe alguma originalidade nos seus componentes decorativos; enriquece-o com o emblema heráldico português em que substitua a coroa real.

Nota - «Os Jugos são traduções em madeira mais ou menos fiéis de decorações românicas em pedra». (Joaquim de Vasconcelos).

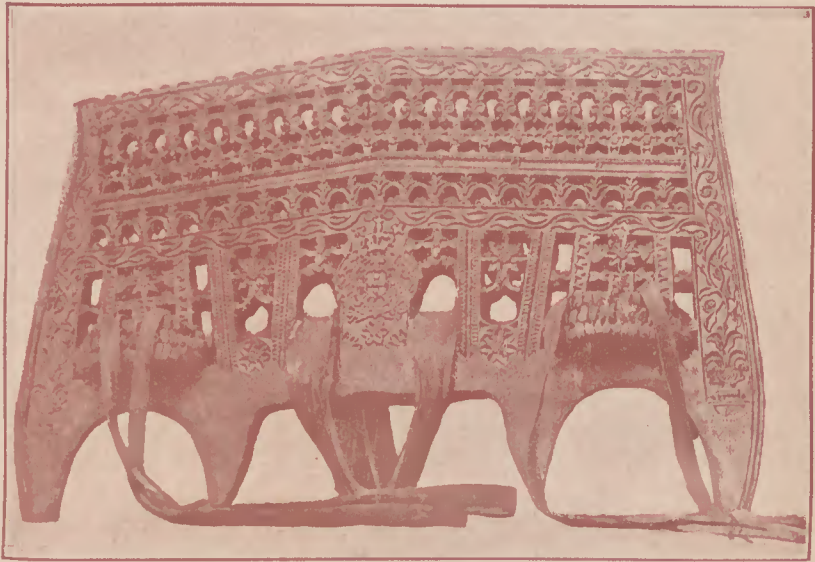
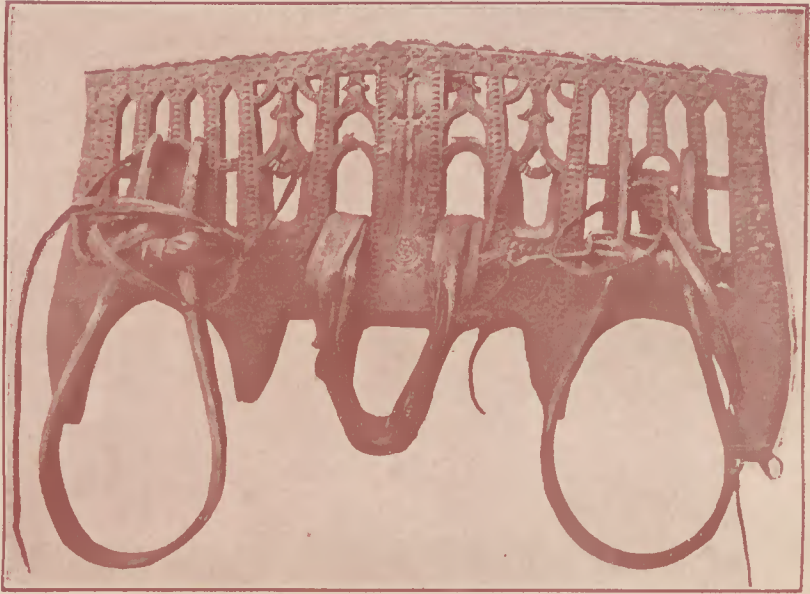
NOTAS

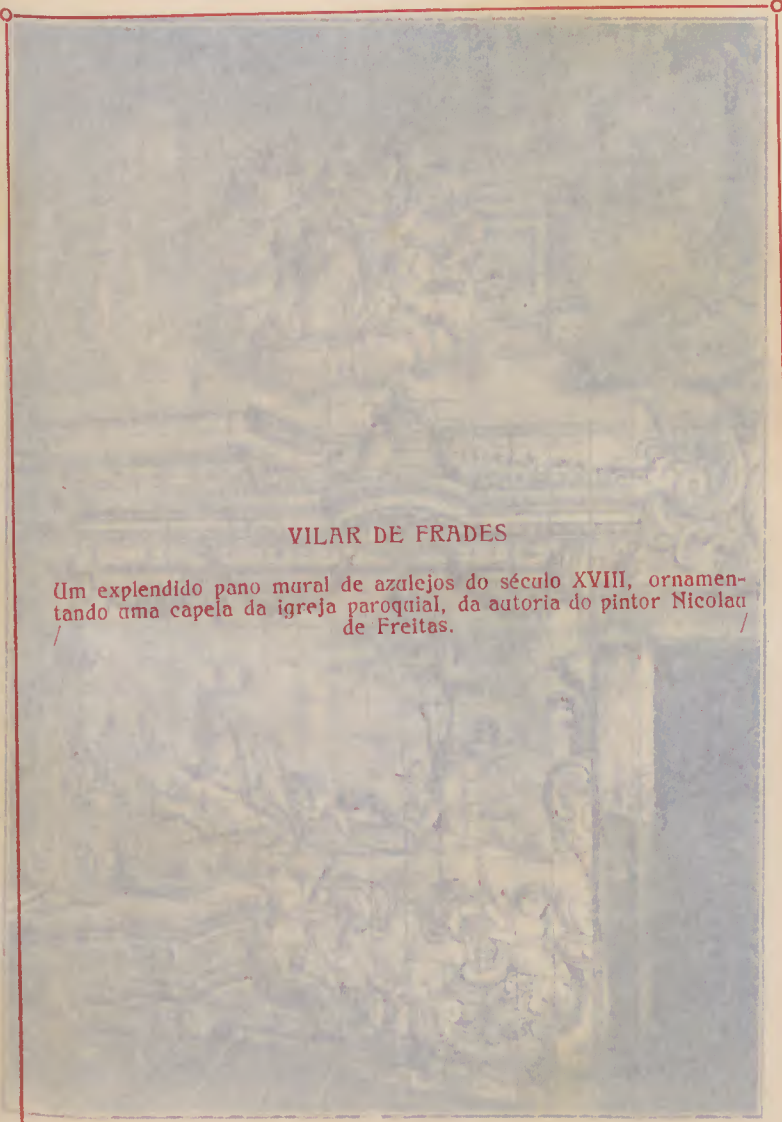
Este é o tipo usado e fabricado no Conselho.

Tem caracteres entalhados numa tradição tantas vezes secular. Esta curioso desceber na nossa oraria popular e nos documentos arqueológicos (mesmo nos pre-históricos) os similes dalguns ornatos. «Ainda hoje se reproduzem motivos neolíticos». (Mendes Corrêa).

Aqui o fabricante imprimiu-lhe alguma originalidade nos seus complementos decorativos: enriqueceu-o com o emblema heráldico português em que substituiu a coroa real.

Nota - Os jogos são traduzidos em madeira mais ou menos lisos de decorações românicas em pedra». (Joachim de Vasconcelos).





VILAR DE FRADES

Um esplendido pano mural de azulejos do século XVIII, ornamentando uma capela da igreja paroquial, da autoria do pintor Nicolau de Freitas.

Nicolau de Freitas

VILAR DE FRADES

(Im expedito para mural de azulejos do século XVIII, ornamen-
tando uma capela da igreja parochial, da autoria do pintor Nicolau
de Freitas)



Nicolau de Freitas a Pintor



BARCELOS

TORRE DA PORTA NOVA

Este desenho, sem obedecer a escala, não é mais do que uma impressão do illustre Artista José Vilaça tendente a exercer na retina dos que o observem, uma vaga ideia do que um dia deverá ser a Torre da Porta Nova — antiga residência do Alcaide da vila — uma vez adaptada amoravelmente a Museu Biblioteca.

Obra de vulto, decorativa e de alcance social.

O espirito culto e inteligente de José Vilaça estabeleceu uma bela transição e notória harmonia entre o estilo gótico dos principios do século XV e a renascença.

O arranjo do interior, ao rés-do-chão, tem fisionomia e carácter próprios, mesmo um ar acolhedor e amigo, confortável e elegante.

Será um dia visita obrigatória dos turistas.

Aí fica a sugestão aos Bons Homens de Barcelos, que podem

Nota importante:— Antes de esta obra ser lançada no mercado o autor das legendas lembrou-se de enviar cópia do ante-projecto em referência a um seu amigo que habita no Rio de Janeiro e onde prepondera pela modéstia e pela intelligência clara e essencialmente prática.

Acompanhou-a com palavras aclaradoras da ideia que presidiu á elaboração do impressionante desenho.

Francisco Carmona, conterrâneo baírrista entre os primeiros, foi o plenipotenciário que tudo fez chegar protocolarmente ás mãos honradas do destinatário.

O milagre operou-se mercê do diplomata e, muito especialmente, do artista que, com grande competência e felicidade, fez uso da sua pena tracejando o que aí se patenteia!

Dão-se os autores da «Resenha» por bem compensados de todos os dissabores que sofreram com a organização do livro, pois um Bom Homem de Barcelos vai estipendar a transformação da Torre e, em muito breve, todos poderão ler em caracteres aurifugentes, sobre a porta ogival de entrada:

MUSEU PAULO FELISBERTO

...Tal é o nome do inculto benemérito que não só liga o nome aquillo que seria somente um sonho como, tambem, no da construção de uma cadeia modelar!

BARCELLOS

TORRE DA PORTA NOVA

Este desenho, sem obedecer a escala, não é mais do que uma impressão do illustre Artista José Vilça tendente a exercer na retina das que o observem, uma vaga ideia do que um dia deverá ser a Torre da Porta Nova — antiga residência do Alcaide da vila — uma vez adaptada anovamente a Museu Biblioteca.

Obra de alto, decorativa e de alcance social.

O espirito culto e intelligente de José Vilça estabelecerá uma bela transição e nobre harmonia entre o estilo gótico dos principios do século XV e a renascença.

O arranjo do interior, ao rés-do-chão, tem lissonomia e caracter próprios, mesmo um ar acolhedor e amiguo, confortável e elegante.

Será um dia vista oprimida das turistas.

Ai fica a saudeção aos Bons Homens de Barcellos, que podem.

Nota importante: — Antes de esta obra ser lançada no mercado o autor das legendas lembrou-se de enviar copia do ante-projecto em referência a um seu amigo que habita no Rio de Janeiro e ondeprehendera pela modestia e pela linguagem clara e essencialmente prática.

Acompanhou-a com palavras aclaratorias da ideia que presidia a elaboração do impressionante desenho.

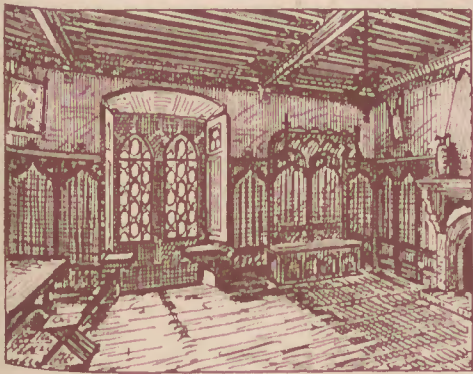
Françisco Carmona, contractor parisiense entre os primeiros, foi o plenipotenenciario que tudo fez chegar protocoladamente as mãos honradas do destinatario.

O milhante perito-se mercê do diplomata e, muito especialmente, do artista que, com grande competência e fidelidade, fez uso da sua pena tracejando o que se pretendia!

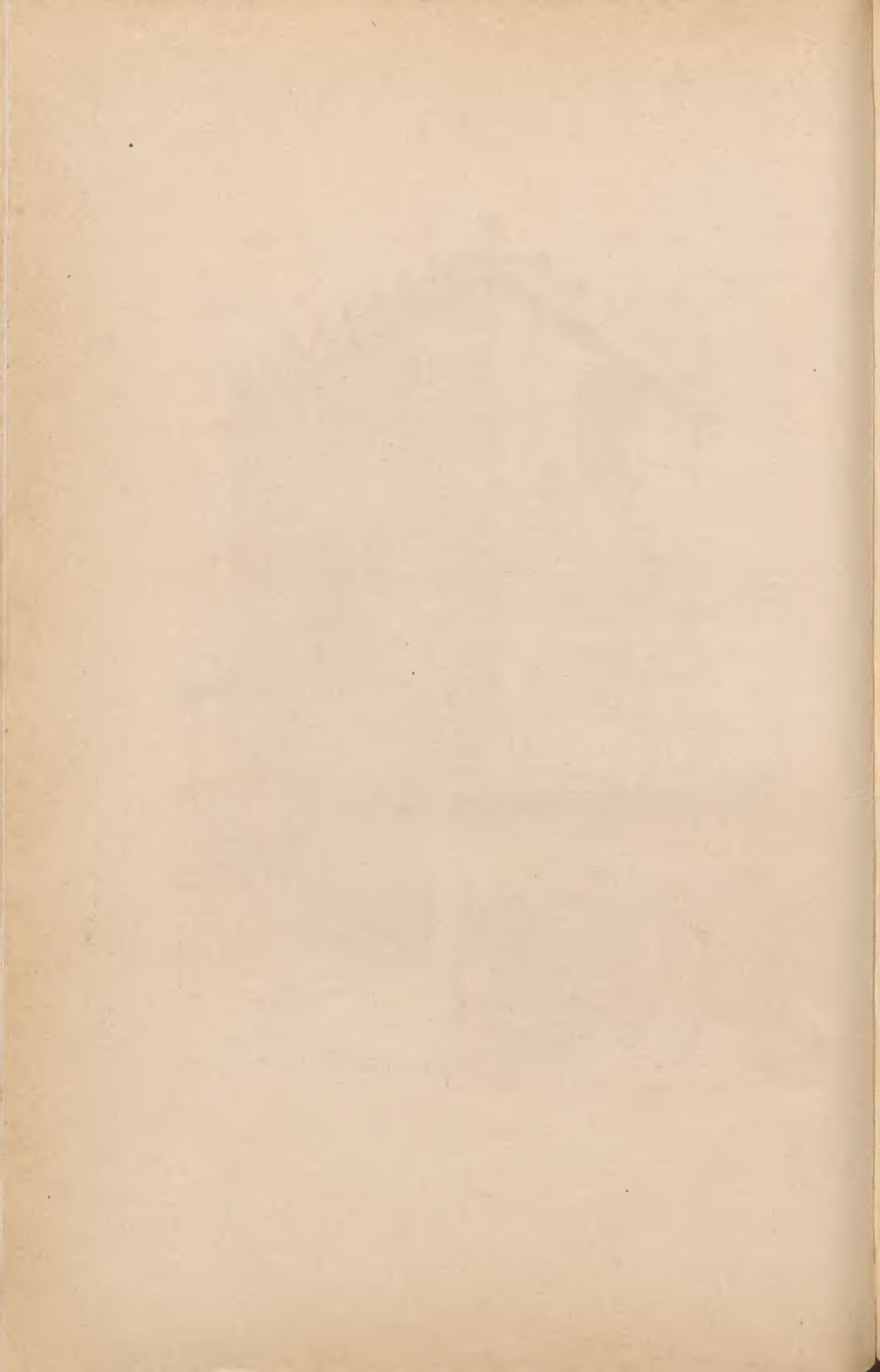
Dão-se os autores da Resenha por bem compensados de todos os dissabores que sofrerem com a organisação do livro, pois um Bom Homem de Barcellos vai estabelecer a transacção da Torre e, em muito breve, todos poderão ler em caracteres cartilagineos, sobre a porta ogival de entrada:

MUSEU PAULO FELISBERTO

...Tal é o nome do bello penitenciario que não só lida o nome pávido que seria somente um sonho como, também, se da construcção de uma cadeia modesta!



J. Vilaça - 1928



E essa idéa revive agora nas intenções da Câmara Municipal, que há poucos meses comprou os terrenos (quintal das Barrocas) inferiores às *Obras* para ajardinar essa parte e por ela se fazer o acesso ao Campo da Feira capazmente.

Dos franceses ao liberalismo

TODA a agitadíssima época da sucção de acontecimentos, deflagrados pelo *trovão longínquo* da Revolução francesa, e as campanhas Napoleónicas, foram para Barcelos intuitivamente um período de estagnação.

Ainda assim a Dona do Cávado pouco sofreu, nesses seguidos anos de guerras e desordem, por certo devido a aninhar-se neste cantinho minhoto afastada das linhas estratégicas da invasão do país.

Na segunda invasão francesa, Soult transpôs a fronteira transmontana (fevereiro-março de 1809), por não ter podido atravessar o Minho graças à reacção contrária dos portugueses em Valença. Tomou Chaves em 12 de março, e dali partiu o exército invasor pela estrada de Braga, tendo na Falperra, no Carvalho de Este e na Ponte do Porto, vigorosa resistência oposta no dia 19 pelos portugueses, que cederam afinal em presença da desproporção das forças do inimigo e da sua disciplina aguerrida.

No dia 20 chegaram os franceses a Braga e avançaram para o Porto em 3 colunas: a primeira, comandada por Franceschi e Mermet, tomou pela estrada velha de Guimarães para Santo Tirso; a segunda dirigida por Soult partiu por Famalicão para a Barca da Trofa e a 3.^a chefiada por Lorge veio por Barcelos para a Ponte do Ave (Napier, *History of the War in the Peninsula*).

As depredações dos franceses, no calor das invasões não deixaram porém em Barcelos aquêlo fundo sulco de ruínas alagadas em sangue que ainda hoje — e sempre — se recordará nas Beiras e na região ribatejana.

Apenas, em represália de ataques à traição feitos pelo povo e por ordenanças, às patrulhas francesas que vigiavam as estradas e caminhos para a costa, foram queimadas casas de povoações próximas do local da surpresa, como em Perelhal e Esposende.

Nos registos de entradas de enfermos da Misericórdia, encontram-se referências a essas escaramuças, por lá terem sido tratados franceses da coluna de Lorge.

Soult não passou além do Porto, onde entrou na manhã de 29, dando-se então a horrorosa catastrophe da Ponte do rio Douro, perecendo milhares de pessoas, sendo a cidade retomada pelo exército anglo-luso, comandado por Wellesley em 12 de maio.

Os franceses retiraram pela estrada de Valongo para Amarante, abandonando feridos e prisioneiros; marcharam para Guimarães, de lá para a Povia de Lanhoso e internaram-se nas terras de Barroso chegando a Orense em 20 de maio.

Na invasão seguinte (terceira 1810-1811) as tropas de Masséna e os exércitos aliados operaram sempre muito longe de Barcelos, tal qual como sucedera na primeira invasão (1807-1808) sob comando de Junot.

Na região barcelense piores teriam sido os excessos da população desenfreada, em meio da desordem geral, do que pròpriamente as violências dos invasores. Como interessante quadro de costumes deve ler-se o « Sargentomor de Vilar » por Arnaldo Gama, embora o entrecho da narração seja de todo fantasista.

A revolução de 1820, escarnecida por muitos pela

sua fraqueza, suas ilusões e sobretudo pelo seu mau êxito, encontrou em Barcelos aquela relutância que competia a uma *terra dos Senhores Reis*.

Na eleição de deputados às Constituintes foi eleito, por todos os votos menos um, o morgado de Airó José de Magalhães e Meneses Vilas Boas (1805-1870), chefe dos Vilas Boas, velha raça enraizada na região, que fôra coronel das milícias de Barcelos e que seria = um dos fervorosos e fidelíssimos esteios legitimistas e dos mais dedicados partidários de D. Miguel = (Jaime Forjaz, *Livro de Linhagens*, cit.).

Essa eleição, e a atitude nobre do 1.º deputado por Barcelos (recusou-se a jurar a Constituição sendo excluído do Parlamento), retinem como nota de diapasão nas tradições da Dona do Cávado, estando bem certa a côr de azul — significando lealdade — do campo do brasão da vila!

No choque formidável de opiniões, na luta ingente que foi a transformação política da primeira parte do século XIX, figura-se-me que Barcelos — como de resto a maioria do país — era pela forma tradicional.

Por ocasião da sedição do Marquês de Chaves, que se alevantou em Trás-os-Montes pelo absolutismo, Barcelos e outros pontos da margem direita do Cávado foram ocupados por essas tropas em fevereiro de 1827, sendo nessa ocasião cortada a ponte e abatido o secular *carvalho*, a arvore heráldica da terra, depois substituída pela actual.

Nos ministérios de D. Miguel — aclamado rei em 30 de junho de 1828 — encontramos João de Matos e Vasconcelos Barbosa de Magalhães, desembargador do Paço,

irmão do último capitão-mor de Barcelos Antonio de Matos de Faria Barbosa, morgado do Bemfeito.

Mas é também certo que em breve a idéa da Liberdade encontrou adeptos nos barcelenses, alguns dos quais se bateram valentemente pela nova forma afinal vencedora, salientando-se entre elles José de Vasconcelos Bandeira de Lemos, (1794-1872) um dos *bravos do Mindelo* que foi o 1.º barão e 1.º Visconde de Leiria, general do exército e ajudante de campo na Casa Militar dos reis constitucionais.

Barcelos moderna **A** fixação do constitucionalismo abrangeu um período, seguinte à Convenção de Evora-Monte (26 de maio de 1834), de agitação e lutas políticas — revolução de setembro de 1836, revolta popular da *Maria da Fonte* (1846-1847) e revolta militar da *regeneração* (1851) — que só em detalhes, incompatíveis com a natureza dêste escôrço, poderiam ser referenciados capazmente. De resto durante êsse período pouco ou nada teria progredido Barcelos.

Com a abolição dos conventos de frades, e incorporação dos seus bens na fazenda nacional (decreto de Joaquim Antonio de Aguiar em 28 de maio de 1834) — nada mais do que um atentado contra a liberdade de consciência e de associação — vagou o convento dos capuchos de Barcelos no Campo da Feira e em 1836-1837, por influências do então 1.º Barão de Leiria, já mencionado, foram convento, igreja e cêrca cedidos pelo govêrno à irmandade da casa da Misericórdia, como disse (pag. 73).

Em 1849 começaram as obras de transformação, do antigo Paço do Concelho, Tribunal e casa das sessões da Misericórdia, no actual edifício da Câmara Municipal de Barcelos, sendo essa a primeira fase da modernização da Dona do Cávado.

O impulso definitivo, a grande aura de progresso em Barcelos, deve-se porém à rasgada iniciativa de José de Abreu do Couto de Amorim Novais (1856-1913), eleito presidente do Município de Barcelos em 4 de agosto de 1878, deputado, por Barcelos também, em 21 de agosto de 1881 e mais tarde governador civil de Aveiro, Braga e Porto, vindo por fim a ser ministro da Justiça, conse-

lheiro de Estado, grã-cruz da Ordem da Conceição e condecorado com diversas ordens estrangeiras (cfr. *Folha da Manhã* antigo periódico de Barcelos).

E êsse barcelense, devotadíssimo à sua terra natal, teve continuadores da sua obra em presidentes da Câmara Municipal como José Julio Vieira Ramos (dirigiu o município de 1899 a 1908 e de 1914 a 1918) e Miguel Pereira da Silva Fonseca (presidente de 1911 a 1914 e de 1919 a 1926) aos quais Barcelos deve o seu alacre aspecto actual e o seu modernismo.

Foi neste período, de 1870 e tantos para cá, que se inaugurou o caminho de ferro promovendo a abertura da hoje Avenida dos Alcaides de Faria, que se transformou a ponte sobre o Cávado, que se concluíram as obras do edifício da Câmara Municipal e Repartições públicas, que se alargaram ruas, planificaram largos, plantaram jardins, arborizaram muitos pontos da vila, se abasteceu Barcelos de água, se iluminou a vila a luz eléctrica, se fizeram cacetamentos citadinos, entrando a Dona do Cávado na corrente de progresso, comodidades e embelezamento que portado o país se notam mostrando a vitalidade e recursos de Portugal.

É quando isto escrevo (19 de junho) dirige o município uma comissão, chefiada por um engenheiro moço e cheio de viveza — Francisco dos Santos Caravana — que tem no seu programa mais uma obra importantíssima: o saneamento de Barcelos.

A região de Barcelos é cabeça, uma situação central de-veras original e interessante. A vila de Barcelos ocupa na região, melhor dizendo no concelho de que é cabeça, uma situação central de-veras original e interessante.

O rio Cávado e uma ligação de estradas traçam nas cartas topográficas dois alinhamentos quasi perpendiculares em cujo cruzamento está a vila.

O concelho é, por aquêles alinhamentos, dividido em quatro sectores rectangulares quasi iguais.

Creio não haver no país outro concelho com êste aspecto topográfico, que dá às cartas da região um formato de original regularidade.

88 | Sob qualquer dos pontos de vista, tocados nesta « Resenha », — histórica — pitoresca — artística —, a descrição da região barcelense exigiria livros! E de tudo isso a soberba documentação, enquadrante destas desordenadas linhas, dá idêa perfeita.

O cultor da história aqui encontra, desde os vestígios da Citânia de Roriz, talvez um centro povoado celto-romano, até às edificações contemporâneas, meste fato para muito estudar.

Em mosteiros encontrará entre outros as ruínas do Convento do Banho, com restos preciosos românico, a igreja do Convento de Vilar de Frades com admiráveis painéis de azulejos assinados, o Convento da Franqueira, vizinho do quasi desaparecido Castelo de Faria, o lo heróico *Feito do Alcaide*.

De solares existem na região barcelense duas ríquias históricas preciosas: a Torre de Curutelo e o Pço Solar dos Azevedos ambos anteriores à nacionalidade e



"...produtos autênticos da região sem deturpações de *classe* e também sem a disvirtual exibição de trajes que não *asam*".

(Vid. pgs. 92-93).

Cliché de Eurico Soucasaux.

A vila de Barcelos ocupa na região, região de A melhor dizendo no concelho de que Barcelos é cabeça, uma situação central de-veras original e interessante.

O rio Cávado e uma ligação de estradas traçam nas cartas topográficas estes alinhamentos quasi perpendiculares em cujo cruzamento está a vila.

O concelho é, por aquêles alinhamentos, dividido em quatro sectores rectangulares quasi iguais.

Creio não haver no país outro concelho com este aspecto topográfico, que dá às cartas da região um formato de original regularidade.

Sob qualquer dos pontos de vista, tocados nesta « Resenha », — histórica, pitoresca — artística —, a descrição da região barcelense exigiria livros! E de tudo isso a soberba documentação que se encontra em quadrante destas desordenadas linhas, dá idéa por si só.

O cultor da história aqui encontra, desde os vestígios da Citânia de Góriz, talvez um centro povoado celtoromano, até às edificações contemporâneas, meste facho para muito estudar.

Em mosteiros encontrará entre outros as ruínas do Convento do Banho, com restos preciosos românicos, a igreja do Convento de Vilar de Frades com admiráveis painéis de azulejos esmaltados, o Convento da Franquia, vizinho do quasi desaparecido Castelo de Faria, o tão heróico *Feito do Alcaide*.

De solares existem na região barcelense duas ríquias históricas preciosas: a Torre de Curutelo e o Pó Solar dos Azevedos ambos anteriores à nacionalidade e



cabeças de duas das mais antigas honores, que altivamente entroncam suas raças no que há de mais remoto nas folhas vetustas dos « Livros de Linhagens ».

Em igrejas e capelas é riquíssima a região barcelense com exemplares marcando quasi todas as etapas do estilo desde o românico (Manhente, couto antiquíssimo, por exemplo) até às mais típicas ornamentações sacro-religiosas do século XVIII.

As ordens monástico militares tinham, no antigo concelho barcelense, larga representação na comenda *malteza* de Chavão e em vinte e duas comendas da Ordem de Cristo, muitas destas primitivamente dos Templários, com suas sedes em Alvarães (S. Miguel), Balazar (St.^a Eulália), Banho (Salvador), Cabo do Monte, Campo (S. Salvador), Chorento (S. Miguel), Cossourado (S. Tiago), Fonte Coberta (S. Romão), Fornelos (S. Salvador), Joane (S. Salvador), Minhotães (S. Salvador), Nine (St.^a Maria), Palmeira do Faro, Rates (S. Pedro), Requião (S. Silvestre), Rio Covo (St.^a Eulália), Serzedelo (St.^a Cristina), Terroso (N.^a Senhora), Viatodos (St.^a Maria), Vila Cova (St.^a Maria), Vila Franca (S. Miguel) e Vitorino dos Piães (S. André) (1).

A comenda de Malta (Chavão) era rica; mais talvez que qualquer das de Cristo, e vale a pena visitar a sua sede, onde se encontram provas da sua remotíssima instalação até às reconstruções seiscentistas do comendador D. Frei Álvaro António de Sousa.

(1) De quasi todas estas comendas existem os Tombos no Arquivo Nacional (cfr. *O Arquivo da Torre do Tombo* por P. Azevedo e A. Baião).

Sob o ponto de vista do pitoresco, a paisagem da região barcelense, e as diversíssimas manifestações de vitalidade regional, tornam esta zona um *canteiro de maravilha* como eu lhe chamo.

Panoramas esplêndidos como os da Serra de Airó, do Alto dos Feitos, do Monte da Franqueira, recantos de mimosíssimo bucolismo, uma vegetação luxuriante, na qual a vista descansa num encantamento, riqueza extraordinária de águas vivas, ressaltantes de nascentes por toda a parte, tranquilos espelhares de águas paradas, fresco murmúrio de águas regantes...

E com este *formigueiro*, trabalhando a cantar numa labuta permanente, a região barcelense é, além dum jardim encantado, um museu curiosíssimo de pequenas indústrias cheias de arte pitoresca.

Entre elas é mister referenciar a olaria, porque Barcelos é um centro importante de fabrico de louças, que apresenta nos mercados hidrocerames verdadeiramente notáveis pela beleza da argila vermelha, matizada com tons de rosa, e semeados de palhetas finas de mica, que fazem salientar ainda mais a fineza da pasta, duma plasticidade pouco vulgar. Os objectos, cuja forma nada deixa a desejar, são caracterizados por serem muitas vezes ornados, ainda que duma maneira primitiva, por desenhos lineares e pontos brancos sôbre o fundo amarelado com bastante simetria. (1)

Mas — repetindo — seriam necessários *livros* para refe-

(1) Os centros principais desta indústria são as freguesias da Lama e da Pousa.

renciaz razoavelmente o que há de histórico, de pitoresco e de artístico na região barcelense, no centro da qual a Dona do Cávado se salienta, debruçada sobre o seu rio, o *Cadabo* dos documentos antigos, serpeando caprichoso, agora quasi murmurante, amanhã rugindo cóleras nas suas súbitas e formidáveis cheias, tudo alagando até se espraiaar na *Barca do Lago* lá longe à beira do mar!

A **gens barcelense** O leitor tem visto, neste percorrer superficial das tradições da Dona do Cávado, que em todas as épocas de destaque da História portuguesa se encontra um facto, um gesto, uma afirmação de vitalidade e sentimento na *gens barcelense*.

Concretamente eu desejaria deixar aqui registada a análise das características do habitante e hoje, que tanto se fere a nota do regionalismo, é essa análise bem cabida.

Desejaria mesmo começar por estudar o tipo físico e não tão sómente a feição anímica dos *da terra*; a superficialidade deste escôrço é porém incompatível com um estudo dessa latitude que eu, de resto, não saberia fazer.

Ainda assim é mister referenciar essa parte da história de Barcelos.

Quanto ao tipo físico, o das aldeias — isto é o do povo minhoto — é por demais conhecido; ninguém há que não saiba como é a feição dos do Minho e nesse tipo geral não se excepcionaliza a população da região barcelense; na vila influências diversíssimas dificultam, a meu vêr, a afirmação de que haja um tipo acentuado.

Mas de uns e de outros — vila e aldeia — deixa Soucasaux, na sua soberba colecção fotográfica, provas excellentes.

Escolhidas como? Na mulher! E assim tinha que ser. Alguém afirmou que quem manda em todo o país é a mulher! (Raul Brandão, *Os pescadores*).

Porque este povo, que em todos os tempos tem sido uma reserva formidável de energias e espalha *por êsses*

mundos emigrantes às centenas de milhar, tem nas suas mulheres quem lhe vale procriando = filhos sôbre filhos para a emigração, para a desgraça e para a dor, trabalhando, sacrificando-se mais do que o homem e valendo mais do que êle =.

E porque me parece acertadíssimo êste modo de ver, como exemplos do provável tipo físico de Barcelos, destacam-se na documentação de Soucasaux uma mulher de aldeia, em tudo perfeito modêlo regional, e um grupo das da vila, provas verdadeiras do que é a *gens barcelense*, porque são produtos autênticos da região sem as deturpações e degenerescências de *classe* e também sem a desvirtual exibição de trajes que não usam.

Fisicamente, e se tipo tem, é assim a *gens barcelense*, sendo de confessar que também nisto a Dona do Cávado se fica bem !

Sob o ponto de vista de suas qualidades, acções e posição social, é bem honrosa a galeria de notabilidades, da vila e do têrmo ; mas também numa resenha modesta, saltitante sùmula ao longo da história de Barcelos, não seria apropriado noticiar todos aquêles que de si boa memória deixaram, honrando-se e honrando a sua terra natal.

Mesmo um instintivo receio me detém nesta parte do escôrço histórico da Dona do Cávado : se descesse a detalhes individuais em demasia não feriria melindres ?

Assim do muito que se encontra na larga bibliografia de Barcelos, eu apenas apontarei alguns nomes, mais que suficientes para nêste particular se ajuizar da *gens barcelense*.

E de tudo há!

Missionários uns sacrificados em extranhas terras, como o frade arrábido Frei Jerónimo do Espírito Santo (no século Jerônimo Paes da Fonseca) martirizado na Índia em 1599, outros que converteram a sua profissão num apostolado de alevantado patriotismo, como D. António José de Sousa Barroso (1854-1918) — uma glória portuguesa —, missionário do Congo em 1880, Prelado de Moçambique em 1891, bispo de Meliapôr em 1897 e do Porto em 1899, cujo prestígio chegou a tal ponto que o juramento mais sagrado que os negros faziam era em nome do *Padre Barroso* e que foi = um bom em toda a profundeza da palavra = (Mons. Ferreira, *Memorias* cit.).

94 | *Descobridores* como Pedro de Barcelos que, com João Fernandes Labrador, descobriram em 1492 a Terra do Labrador no continente americano do norte (João Soares, *Novo Atlas Escolar Português*) e Antão Gonçalves Pereira capitão no descobrimento da Guiné e de Benim em 1486 (Teotónio da Fonseca, *Apontamentos Historicos*).

Colonizadores como Tomé de Sousa (1503-1579), o primeiro governador geral do Brasil (1549-1553), a quem coube a missão de unificar a colónia e lançar a semente do Estado, por provada ineficaz a divisão da América portuguesa em capitánias aliás de indelével importância histórica (Pedro de Azevedo in *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*).

Cavaleiros do Salado como Martim Gomes Gaio, morto na batalha do Salado em 1340. (Abade do Louro, *Memoria* cit.).

Cavaleiros de Aljubarrota como Álvaro Gonçalves de

Faria, filho do heróico alcaide (*Meneses, Ninharias* cit.), Gonçalo Anes de Vilas-Boas, senhor do Paço de Airó, solar dos Vilas-Boas e Lopo Dias de Azevedo, senhor do Paço de Azevedo, solar dos Azevedos (Jaime Forjaz, *Livro de Linhagens* cit.).

Cavaleiros de África como João Pimenta do Prado, morto em Arzila em 1471, João Rodrigues do Lago, que esteve na tomada de Azamor em 1486 (Teotónio Fonseca, *Apontamentos* cit.) e Henrique Pinheiro morto em Alcácer-Quibir (Abade do Louro, *Memoria* cit.), como o foi o heróico *Alferes barcelense* (pag. 64).

Guerreiros da Restauração como Henrique Pinheiro, capitão de infantaria, morto na batalha do Montijo (1644) e Pedro Carneiro Gaio, da Casa da Fervença, comendador de Cernelhe *na de Malta* que na costa do Brasil, em 1648 na nau *Rosário* preferiu ir pelos ares, fazendo explodir barris de pólvora, não se entregando aos holandeses com oito fragatas dos quais valorosamente se batia (Abade do Louro, *Memoria* cit.).

Oficiais da guerra Peninsular como o depois 1.º barão e 1.º visconde de Leiria (pag. 85) gravemente ferido e promovido a tenente por distinção em 1813 (Silveira Pinto, *Resenha dos Titulares*).

Oficiais das campanhas coloniais modernas como o 1.º conde de Vilas Boas Fernando de Magalhães e Meneses, cavaleiro da Torre e Espada por distintos serviços nas campanhas dos Namarrais (1897), Gaza (1898), Barué e campanha de Macau em 1900. (Jaime Forjaz, *Livro de Linhagens* cit.).

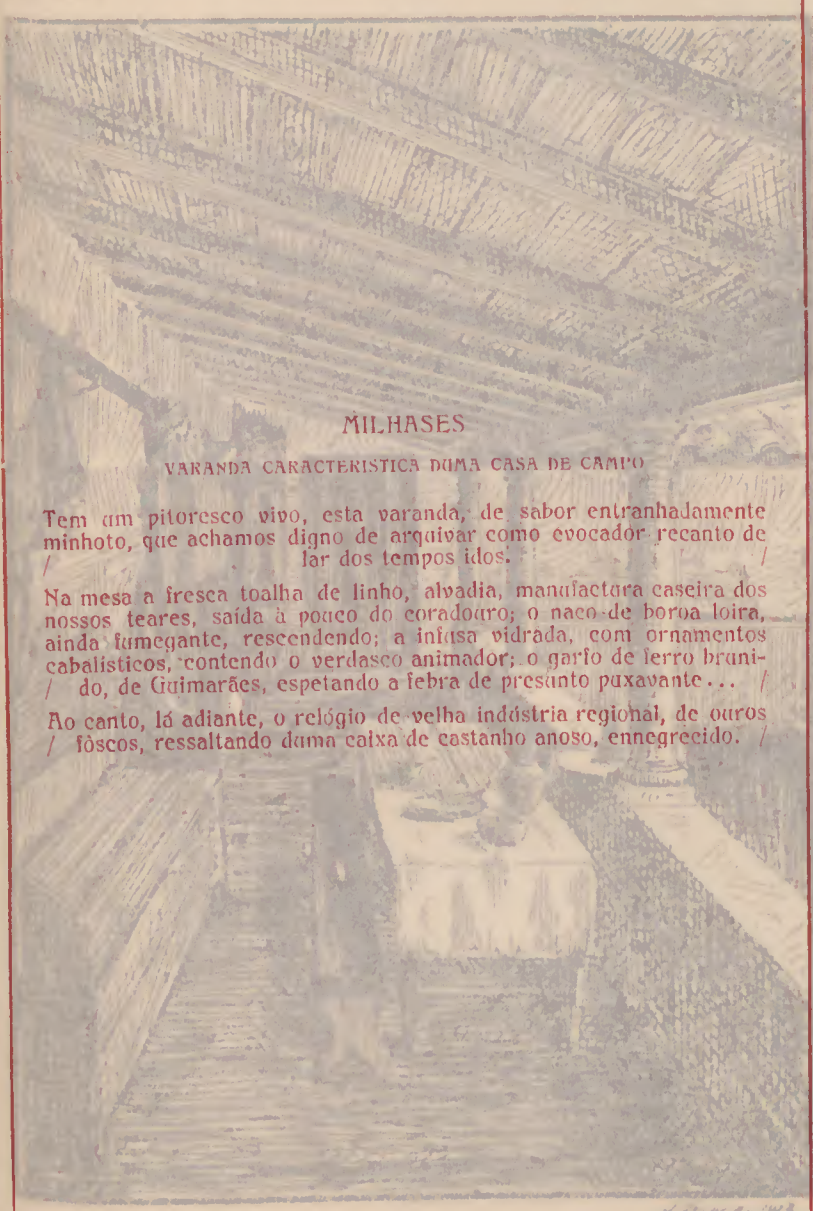
Oficiais da Grande Guerra recente, como Francisco

Vila Chã Rodrigues Leite, (1882-1927) promovido a major por distinção, cavaleiro da Torre e Espada e mutilado na batalha do 9 de abril.

Prelados insignes como o Dr. D. Frei João Batista da Silva (1679-1765), da Casa de Paços em Santa Eulália de Rio Côvo, duas vezes abade de Tibães e duas vezes Geral dos Beneditinos (Teotónio Foseca, *Apontamentos cit.*).

Bispos notáveis, (Abade do Louro na *Memoria cit.* enumera uns treze ou catorze!), como D. Godinho, prior do Banho e arcebispo de Braga em 1175, D. Diogo Pinheiro bispo do Funchal em 1514 e antes dom-prior de Guimarães e prelado de Tomar, D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca em 1580 e falecido em Gôa em 1610, D. Baltazar e D. Pedro de Vilas Boas irmãos e ambos bispos de Elvas no século XVIII, D. João da Silva Ferreira (1682-1775), bispo de Tanger em 1742 e Conselheiro de El-Rei D. João 5.º em 1743, D. Joaquim Pereira Ferraz, *capelo branco* de Coimbra em 1818, bispo de Bragança em 1847 e de Leiria em 1852, e muitos outros, refulgindo, nesta distinta série de príncipes da Igreja, como astro de grandeza primeira o bispo do Porto D. António Barroso já citado (pag. 94).

Escritores como António de Vilas Boas e Sampaio (1629-1702), desembargador do Porto, morgado de Airó e chefe dos Vilas Boas, autor da «Nobiliarchia Portuguesa», impressa em 1676 e reimpressa em 1708, 1727 e 1754 (Carcavelos, *Bibliografia Nobiliarchica*), cujo valioso original manuscrito ainda existe, talvez o primeiro tratado português de nobiliarchia e heráldica, poeta tam-



MILHASES

VARANDA CARACTERISTICA DUMA CASA DE CAMPO

Tem um pitoresco vivo, esta varanda, de sabor entranhadamente minhoto, que achamos digno de arquivar como evocador-recanto de lar dos tempos idos.

Na mesa a fresca toalha de linho, alvadia, manufactura caseira dos nossos teares, saída à pouco do coradouro; o naco-de boroa loira, ainda lumegante, rescendendo; a infusa vidrada, com ornamentos cabalísticos, contendo o verdasco animador; o garfo de ferro bruni-do, de Guimarães, espetando a febra de presunto puxavante...

Ao canto, lá adiante, o relógio de velha indústria regional, de ouros fôscos, ressaltando duma caixa de castanho anoso, ennegrecido.

Vila Chã Rodrigues Leite, (1882-1927) promovido a major por distinção, cavaleiro da Torre e Espada e mutilado na batalha do 9 de abril.

Prelados insignes como o Dr. D. Frei João Batista da Silva (1679-1765), da Casa de Paços em Santa Eulália de Rio Covo, duas vezes abade de Tibães e duas vezes Geral dos Benedictinos (Teotónio Fonseca, *Apontamentos* cit.).

Bispos notáveis, (Abade de Louro na *Memoria* cit. enumera uns treze ou catorze!), como D. Godinho, prior do Banho e arcebispo de Braga em 1175, D. Diogo Pinheiro bispo do Funchal em 1514 e antes dom-prior de Guimarães e prior de Vila Rica em 1515.

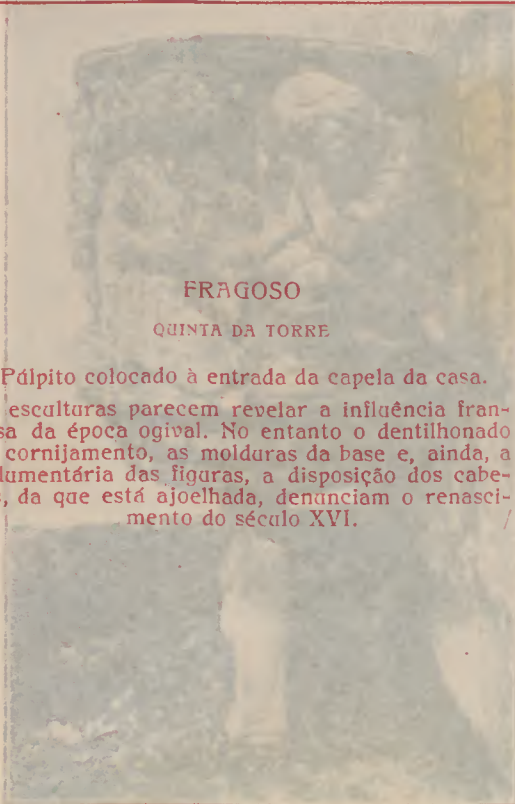
António de Melina em 1580 e falecido em Goa em 1610, D. Baltazar e D. João de Vilas Boas.

Outros, refulgindo, nesta dilatada série de príncipes da Igreja, como astro de grandeza primeira o bispo do Porto D. António Barroso já citado (pag. 94).

Escritores como António de Vilas Boas e Sampayo (1629-1702), desembargador do Porto, morgado de Azeite e chefe dos Vilas Boas, autor da «Nobiliarchia Portuguesa», impressa em 1676 e reimpressa em 1703, 1727 e 1754 (Carcavelos, *Bibliografia Nobiliarchica*), cujo valioso original manuscrito ainda existe, talvez o primeiro tratado português de nobiliarchia e heráldica, poeta tam-



J. VILÇA - 1927

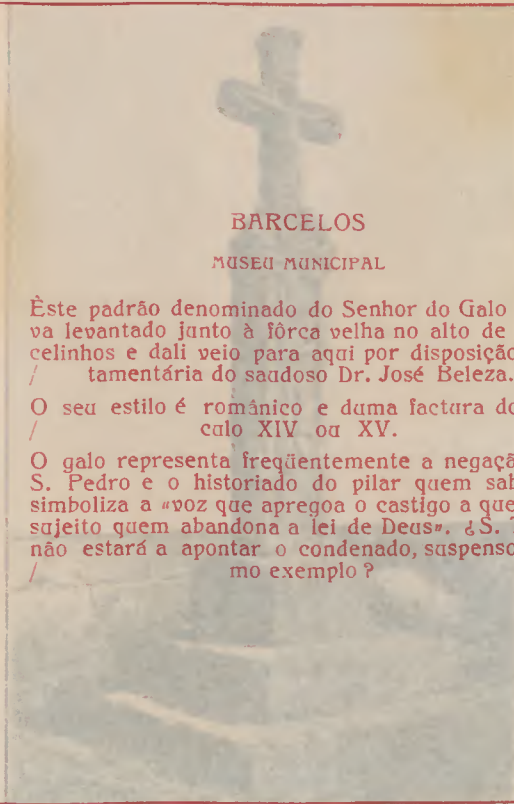


FRAGOSO

QUINTA DA TORRE

Púlpito colocado à entrada da capela da casa.

As esculturas parecem revelar a influência francesa da época ogival. No entanto o dentilhonado do cornijamento, as molduras da base e, ainda, a indumentária das figuras, a disposição dos cabelos, da que está ajoelhada, denunciam o renascimento do século XVI.



BARCELOS

MUSEU MUNICIPAL

Este padrão denominado do Senhor do Galo estava levantado junto à fôrca velha no alto de Barcelinhos e dali veio para aqui por disposição testamentária do saudoso Dr. José Beleza.

O seu estilo é românico e dum factura do século XIV ou XV.

O galo representa freqüentemente a negação de S. Pedro e o historiado do pilar quem sabe se simboliza a «voz que apregoa o castigo a que está sujeito quem abandona a lei de Deus». «S. Tiago não estará a apontar o condenado, suspenso como exemplo?»

BARCELLOS

MUSEU MUNICIPAL

Este padrão denominado do Senhor do Galo estava levantado junto à fôrça velha no alto de Barcelinhos e dali veio para aqui por disposição testamentária do saudoso Dr. José Belza.

O seu estilo é românico e duma factura do século XIV ou XV.

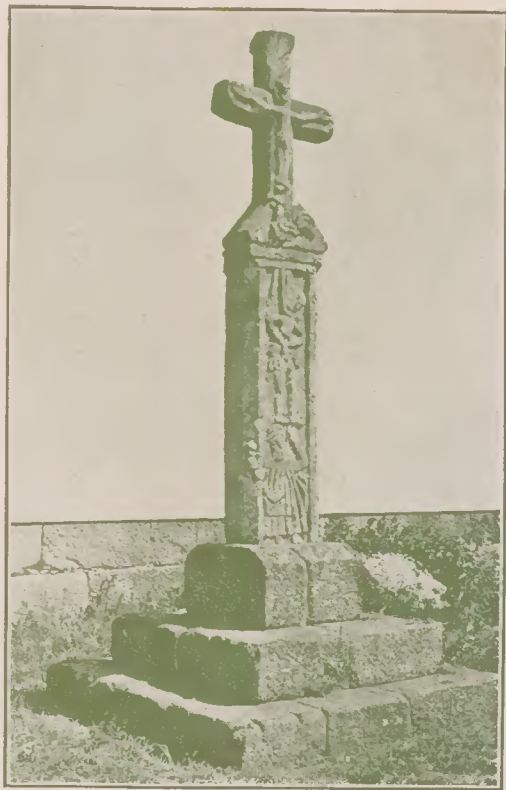
O dolo representa fidedelmente a negação de S. Pedro e o historial do pilar quem sabe se simboliza a voz que apregoa o castigo a que este sujeito quem abandona a lei de Deus. S. Tiago não estará a apontar o condemnado, suspenso como exemplo?


FRADOSO

QUINTA DA TORRE

Fábrica collocada a entrada da capella da casa.

As esculpturas parecem revelar a influencia franceza da época ogival. No entanto o dentilhado do cornizamento, as molduras da base e, ainda, a indumentaria das figuras, a disposição dos cabeços, da que está ajochada, denunciam o renascimento do século XVI.






CAMPEÃO DA REPÚBLICA

CHAFARIZ RENASCENÇA

Equilíbrio elegantíssimo nas suas linhas gerais.

Vários motivos esculturais, recentes, devidos à feliz adaptação de Marques da Silva.



« OBRAS » OU PASSEIO PÚBLICO DOS ASSENTOS

Vid. pag. 80

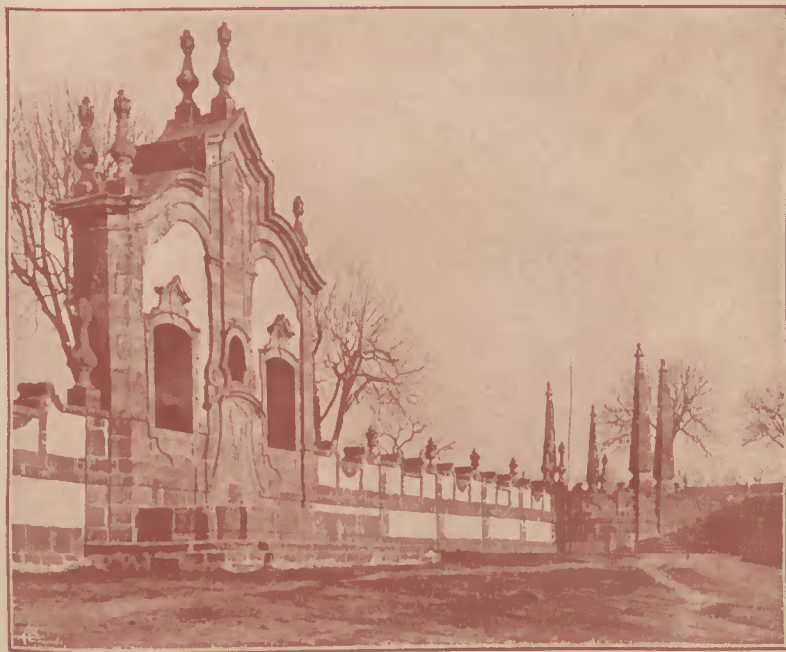
CAMPO DA REPÚBLICA

CHARIATZ RENASCENÇA

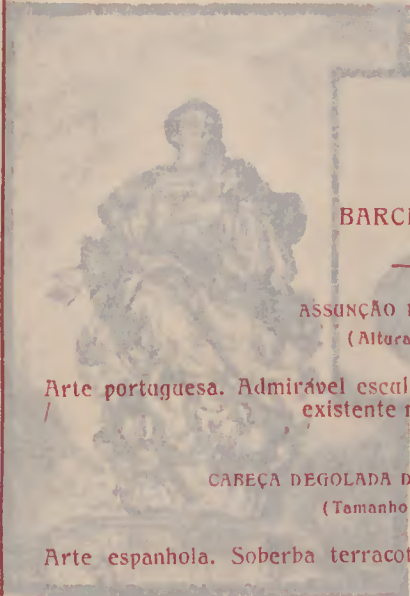
Equilíbrio elegantíssimo nas suas linhas gerais.
Vários motivos esculturais, recentes, devidos à feliz adaptação de
Marques da Silva.

OBRAZ - OD PABZIO PUBLICO DOS ASSENTOS

Vid. pag. 80







BARCELOS

ASSUNÇÃO DA VIRGEM
(Altura 1,40)

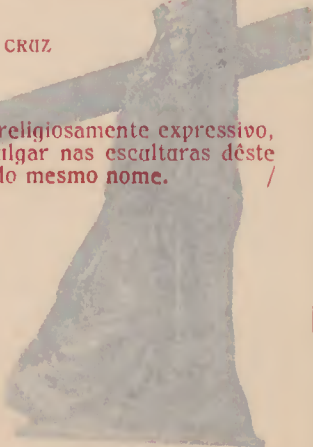
Arte portuguesa. Admirável escultura em madeira do século XVII, existente na Matriz.

CABEÇA DEGOLADA DE S. JOÃO BAPTISTA
(Tamanho natural)

Arte espanhola. Soberba terracota, também existente na Matriz.

SENHOR BOM JESUS DA CRUZ
(Altura 1,40)

Arte gótica. Notável exemplar com cunho religiosamente expressivo, nimiramente emocionante (o que não é vulgar nas esculturas deste estilo) que se admira no templo do mesmo nome.



BARCELLOS

—
ASSUNÇÃO DA VIRGEN
(Altura 1,40)

Arte portuguesa. Admirável escultura em madeira do século XVII, existente na Matriz.

CABEÇA DE GOLADA DE S. JOÃO BAPTISTA
(Tamanho natural)

Arte espanhola. Soberba terracota, também existente na Matriz.

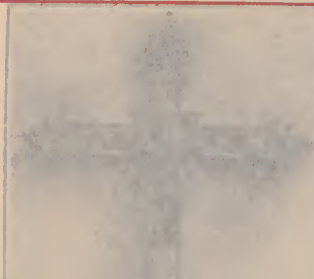
SENHOR ROM JESUS DA CRUZ
(Altura 1,40)

Arte gótica. Notável exemplar com cunho religiosamente expressivo, nimbamente enocionante (o que não é vulgar nas esculturas deste estilo) que se admira no templo do mesmo nome.





GILMONDE



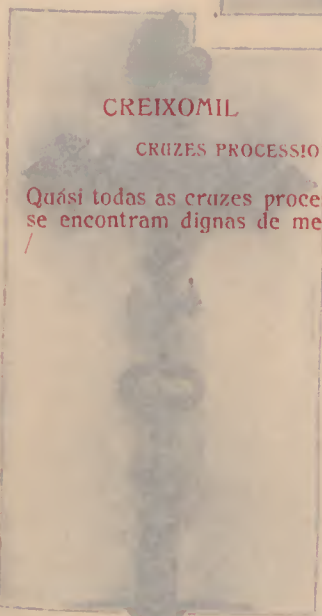
AGUIAR



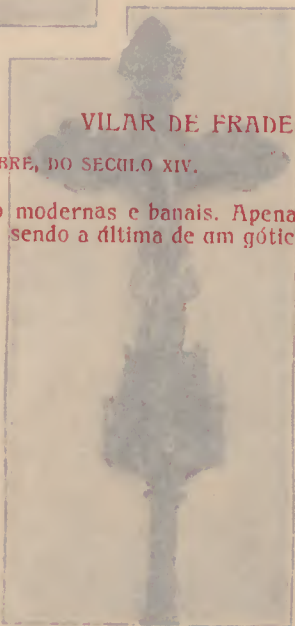
TREGOSA

CUSTÓDIAS E CRUZ PROCESSIONAL, EM PRATA, DO SÉCULO XVII.

Barcelos não é rico em ourivesaria com canho acentuadamente artístico, sendo vulgares as custódias como a de Tregosa.



CREIXOMIL



VILAR DE FRADES

CRUZES PROCESSIONAIS, EM COBRE, DO SÉCULO XIV.

Quási todas as cruzes processionais são modernas e banais. Apenas se encontram dignas de menção estas, sendo a última de um gótico apurado.

GILMONDE LÁGILAR TREGOSA

CASTÓDIAS E CRUZ PROCESSIONAL, EM PRATA, DO SÉCULO XVII.

Barcelos não é rico em ourivesaria com cunho acantado, ar-
tístico, sendo vulgares as castódias como a de Tregosa.


CREIXOMIL VILAR DE FRADES

CRUZES PROCESSIONAIS, EM COBRE, DO SÉCULO XIV.

Quasi todas as cruzes proceccionais são modernas e panais. Apenas
se encontram dignas de menção estas, sendo a última de um tipo
apurado.



BARCELOS



A VELHA RUA DOS AÇOUGUES,
HOJE S. FRANCISCO



PORTA TÍPICA QUATROCENTISTA DUM
PRÉDIO EM FRENTE AO TEATRO



ANTIGA RUA DE SANTA MARIA,
DEPOIS DA MISERICÓRDIA E HOJE
VISCONDE DE S. JANIÁRIO

Esta terra não pôde fugir às correntes do tempo. Assim as velhas nomenclaturas das suas ruas, tão pitorescas, de tanta côr local, dizendo bastante do seu passado, deram lugar a outras de um modernismo nem sempre feliz.

BARCELOS

A VELHA RUA DOS AÇOGUES,
HOJE S. FRANCISCO

PORTA TÍPICA QUATROCENTISTA DA
PRÉDIO EM FRENTE AO TEATRO

ANTIGA RUA DE SANTA MARIA,
DEPOIS DA MISERICÓRDIA E HOJE
VISCONDE DE S. JANDARI

Esta terra não pôde fugir às correntes do tempo. Assim as velhas nomenclaturas das suas ruas, tão pitorescas, de tanta côr local, dizendo bastante do seu passado, deram lugar a outras de um modernismo nem sempre feliz.





ABORIM

CRUZEIRO DE S. SEBASTIÃO

E' um quadro puramente ingénio!

O Crucifixo domina-o na simplicidade da sua escultura, impregnada dum misticismo puro.

Para que haja perfeita harmonia em tão modesto conjunto até uma das legendas gravadas na base é sensivelmente simpática:

ESTA OBRA FOY FEYTA POR DEVOÇÃO NO ANNO DA PESTE DE MIL QUINHENTOS E
SESSENTA E SETE

ABORIM

CRUZIFIXO DE S. SEBASTIÃO

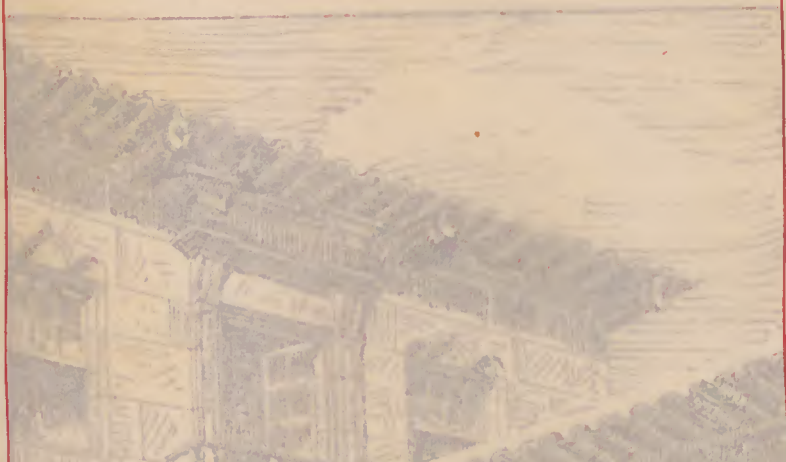
. E, um quadro puramente indígena!

O Crucificado domina-o na simplicidade da sua escultura, impre-
gnada dum misticismo puro.

Para que haja perfeita harmonia em tão modesto conjunto até uma
das legendas gravadas na base é sensivelmente simpática:

ESTA OBRA FOY FEYTA POR DEVOCAO NO ANNO DA PRESTE DE MIL QUINHENTOS E
SESENTA E SETE



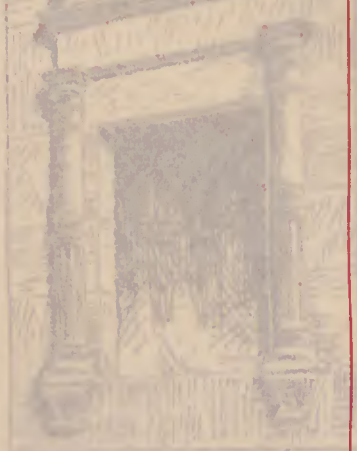


BARCELOS

Casa na rua Infante D. Henrique do ditimo quartel da renascença,
com uma portada e sacada pretenciosas e de gárgulas típicas.

Janela da Casa do Tanque (hoje do Sindicato Agrícola) do pleno pe-
riodo da renascença, de colunelos de-veras característicos.

Sobre o cornijamento está um elemento decorativo gracioso.



BARCELLOS

Sobre o corrimão está um elemento decorativo gracioso. Todo da renascença, de colunas de-veras caracteristicas. Janela da Casa do Tande (hoje do Sindicato Agricola) do pleno periodo da renascença, de colunas de-veras caracteristicas. Casa na rua Infante D. Henrique do ultimo quartel da renascença, com uma portada e sacada pretenciosas e de pedregalhas tipicas.



bém e prosador elegante = um dos raros que souberam escapar à pecha do gongorismo = (Joaquim Leitão, *Guia Ilustrado*). (1)

Genealogistas como Manuel José da Costa Felgueiras Gaió (1750-1831), que compôs o célebre «Nobiliário de Famílias de Portugal» em 32 grossos volumes (quatro dos quais com 1.600 árvores de costados!), um dos mais completos trabalhos da especialidade, que o autor legou à Misericórdia de Barcelos, onde se conserva, com a obrigação de ser facultado a quem o queira consultar, contanto-que seja «pessoa capaz e de carácter», diz o testamento (Carcavelos, *Bibliografia* cit.) e Antonio Miguel da Costa de Almeida Ferraz (1855-1916), sócio da Academia das Ciências de Lisboa e do Instituto de Coimbra, investigador paciente e amealhador como poucos de elementos para a história da região barcelense, deixando 10 volumes manuscritos com interessantes e valiosos estudos, além de artigos genealógicos em quasi todos os periódicos locais, no *Brasil-Portugal, Occidente* e no dicionário *Portugal*, marcando também na sua terra natal como administrador na Misericórdia e como disciplinador na Administração do Concelho (Carcavelos, *Bibliographia* cit.). *Inventores* como Francisco Antonio de Brito Limpo (1829-1891), distinto official de engenharia, escritor, poeta e notável topógrafo, inventor do *nível Brito Limpo* = o que, entre todos actualmente conhecidos, fornece a mais exacta determinação duma horizontal com a maior rapidez e

(1) Vilas Boas e Sampaio não nasceu em Barcelos; mas era o chefe de uma das mais antigas casas barcelenses e em Barcelos faleceu com geração subsistente na vila.

comodidade = (Mendes de Almeida, *Curso de topographia*),

Pintores de grande mérito, como Cândido da Cunha (1866-1926), = o pintor do mistério da paisagem = cujas = telas têm o particular condão não só de mostrar, mas também de cantar e louvar, por intercessão das coisas visíveis, a realidade das coisas invisíveis = (J. Magalhães Lima in *Homenagem postuma*), para quem — filho modesto do povo e sumidade nas grandezas da arte — Campos Monteiro (in *Homenagem* cit.) propôs este epitáfio :

« Aqui jaz um artista que, julgando
pintar o mundo externo, nada mais
fez do que retratar a sua alma de
poeta e seu coração de santo. »

98

.....
Mas, para que escrever mais da *gens barcelense* ?

Repetindo : em todos os tempos, pela história fora, sempre se encontram nos de Barcelos, um factó, um gesto, uma afirmação de vitalidade e sentimento !



TERMINANDO

A orientação que dei a êste escôrço — mau cerzido sem alinhavos de retalhos lidos aqui e ali — transformaram-no numa insignificância! Tanta coisa falta da história de Barcelos!

É mister porém concluir; dos de fora a atenção se lhes prenderá na primorosa documentação artística de Vilaça e de Soucasaux — a parte válida da obra — nem reparando no que escrevinhei e ainda bem; dos de casa nem me atrevo a cogitar o que virá!

Mas isto teve uma gênese que me serve de atenuante: não sou de Barcelos e ave arribada há dezassete anos, dêste canteiro de maravilha do jardim minhoto me fui enamorando. Tentei querer pagar a hospedagem, mas pelo que se vê nem sempre é certo o aforismo — querer é poder —.

De resto, porque sou um defeituoso, há nisto ainda mais um grande defeito; aquêle dizer antigo — *nec flere nec ridere sed cognoscere* —, com o qual comeci, acen-

tuou sempre o meu viver: a verdade acima de tudo e a tudo se sobrepondo o interesse da colectividade.

E porque assim sinto e penso, eu faço — em ponto final — um apêlo aos meus hospedeiros barcelenses: unam-se e deixem-me lembrar aquella famosa proposição, sustentada por um dos mais potentes cérebros que a história contemporânea consagra: — *marchez á la tête des idées de votre temps, elles vous suivent et vous soutiennent; marchez á leur suite, elles vous entraînent; marchez contre elles, elles vous renversent (Napoléon)* — .

Com essa união, e cedência de idéas, eu antevejo, com a calma dum desinteressado, que a Dona do Cávado será saliente no Minho e em Portugal, esta = tira de sol entre dois azuis religiosos, céu e mar, para todo o sempre abençoada! = .

Resta-me agradecer — muito penhoradamente — a to-

dos os que me facultaram elementos — livros, notas, impressões, informes — tornando viável esta tentativa de pagar a hospedagem à terra onde resido há dezassete anos.

Barcelos, 23 de Junho de 1927.

J. Mancêlos Sampaio

Índice

	Páginas
Origem de Barcelos.	9
A civilização romana	13
Os bárbaros e os árabes.	14
A reconquista — O condado português.	15
O foral e as inquirições	16
Barcelos condado	18
A crise da independência — Feito do Alcaide	21
O Condestável — Os condes modernos.	25
Os muros, a ponte e os paços — A colegiada — Solar dos Pi- nheiros	29
A população e o concelho — A comarca	41
O Brasão	52
O milagre das cruces — A feira de Barcelos	56
O alferes barcelense.	64
Os Filipes e os vereadores de Barcelos	67
No século XVII	70
De D. João 5.º ao século XIX	75
Dos franceses ao liberalismo	82
Barcelos moderna	86
A região de Barcelos	88
A gens barcelense	92

Um curto prolegómeno abre o escôrcço, encerrado por um também ligeiro post-facio.

CORRIGENDA

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
21	13	cria	criva
22	15	rial	real
23	28	arlormentem	atormentem
24	2	rial	real
30	26	quatrocentos	mil e quatrocentos
32	18	cinco postigos	seis postigos
37	23	século XVIII	século XVII
52	11	outras	outras
65	3	14 de agosto	4 de agosto
96	7	Foseca	Fonseca
99	4-5	Transformaram-no	Transformou-o
Indice	14	56	59

Na pagina 37 alude-se ao restauro da Matriz de Barcelos; já depois de impresso este escôrço começaram essas obras com incremento e bõa orientação, sendo em breve um facto tão louvavel empreendimento

Na pagina 72, linha 9, corte-se— *e ainda outro em Creixomil*—; Creixomil é distante de Barcelos! O marco lá existente nada tem com o poligono seiscentista circuitante da povoação. Foi deslize imperdoavel!

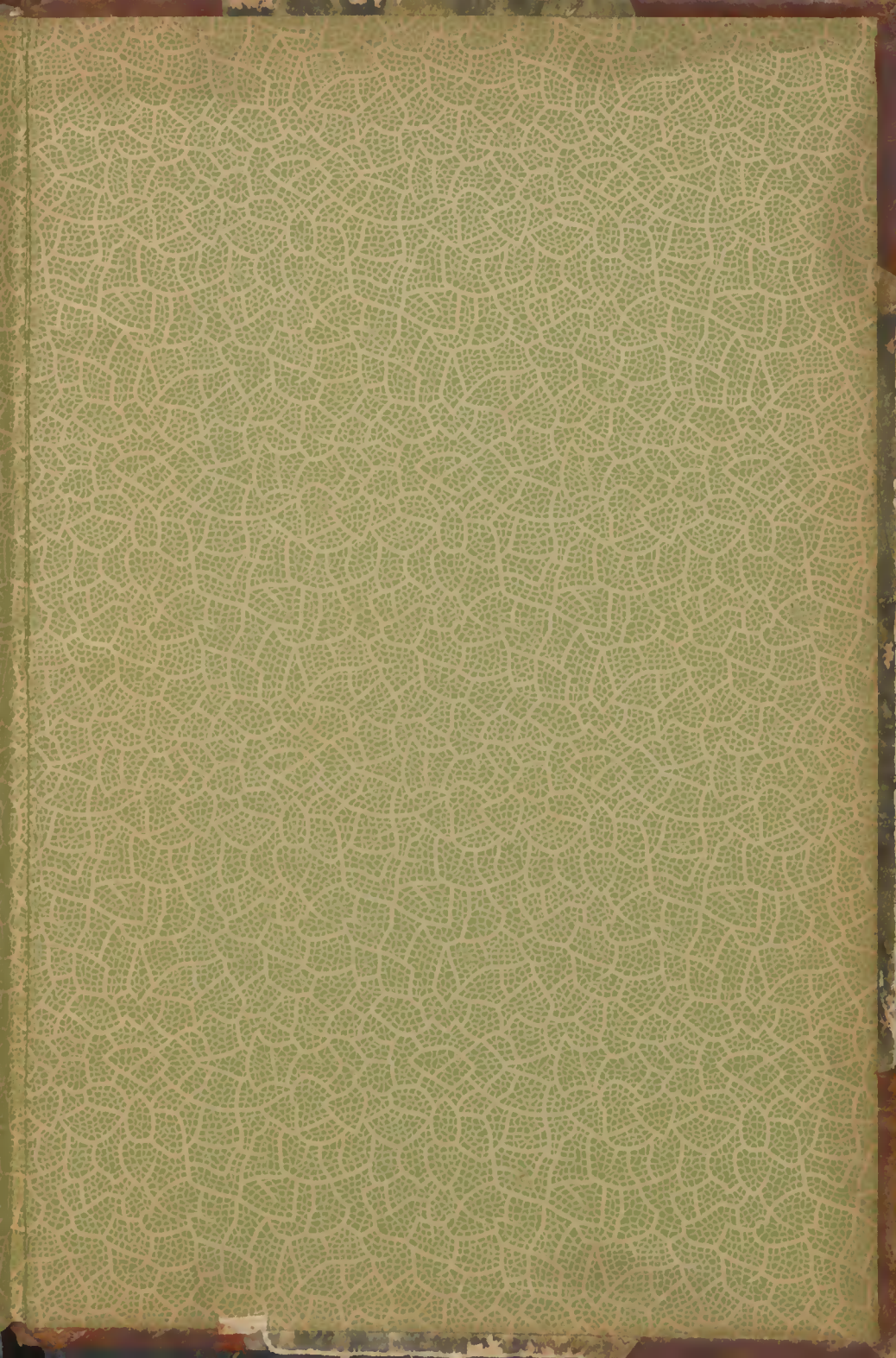
Nalguns exemplares da « Resenha » a folha 2 (pags. 17 a 32) saiu com incorrecções, às quais se acudiu mas tardiamente.

Na legenda do túmulo românico leia-se *seculo XIII*.

Em
Barcelos
nas
Officinas da Companhia Editora do Minho
aos
21 dias do mês de Novembro do ano de 1927
se acabou esta obra

—
Compoz Manuel Miranda e imprimiu Delfino Pereira







biblioteca
municipal
barcelos



27877

Barcelos